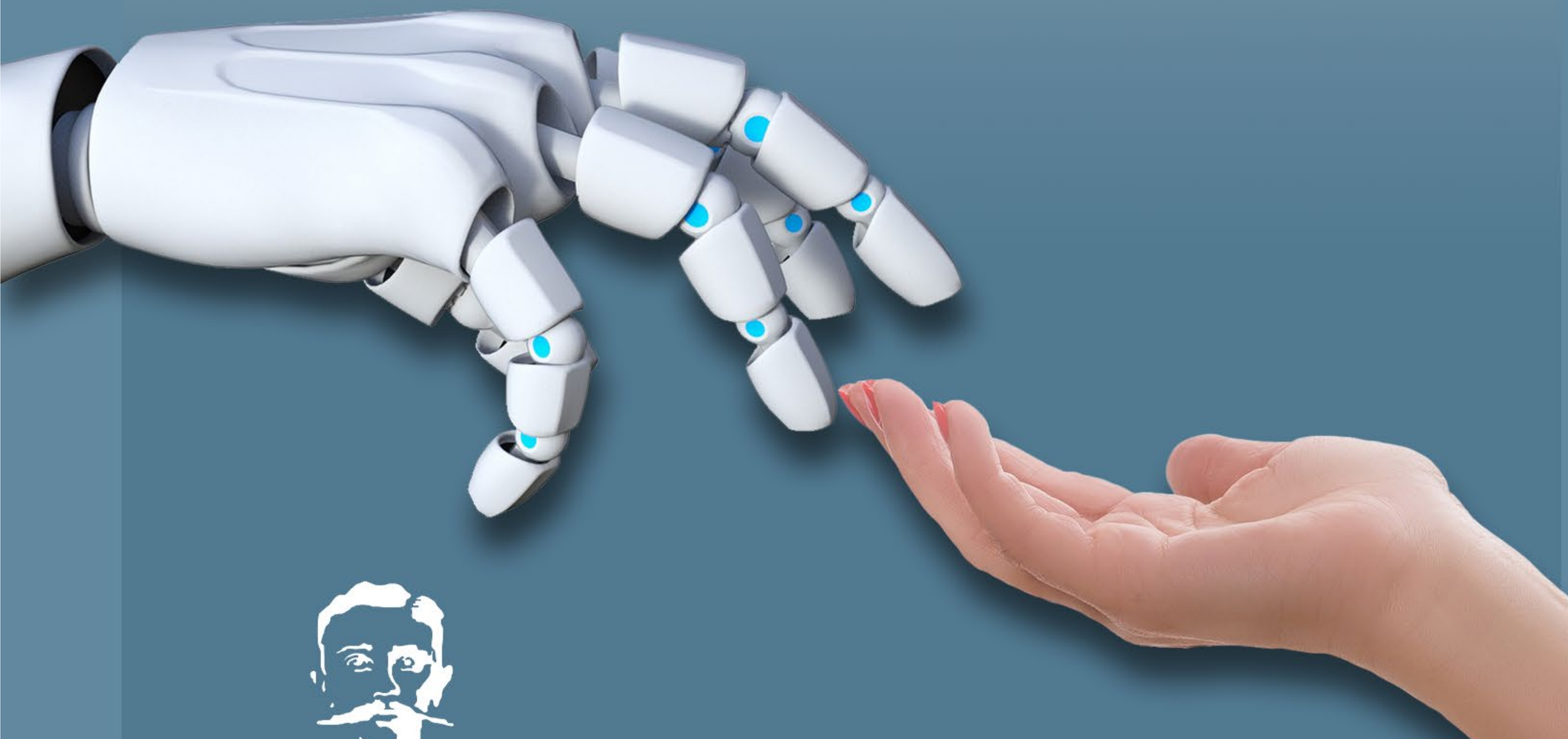
REINVENTANDO O ESPORTE E OS JOGOS OLÍMPICOS APÓS COVID-19:
retorno a Pierre de Coubertin

REINVENTING SPORT AND OLYMPIC GAMES AFTER COVID-19:
return to Pierre de Coubertin



COMITÊ BRASILEIRO
PIERRE DE COUBERTIN

eMuseu do Esporte

Nelson Todt,
Ana Miragaya e
Lamartine DaCosta
(Eds)

eME

eMuseu do Esporte

PATROCÍNIO

enel

Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude

GOVERNO DO ESTADO RIO DE JANEIRO

REALIZAÇÃO

GAMA ASSESSORIA EMPRESARIAL

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO UERJ

ITECS Incubadora Tecnológica e de Empreendimentos Sociais e Cooperativas Sociais

APOIO

COMITÊ BRASILEIRO PIERRE DE COUBERTIN

CIPC COMITÉ INTERNATIONAL PIERRE DE COUBERTIN LAUSANNE-SUISSE

REINVENTANDO O ESPORTE E OS JOGOS OLÍMPICOS APÓS COVID-19:

RETORNO A PIERRE DE COUBERTIN

REINVENTING SPORT AND OLYMPIC GAMES AFTER COVID-19:

RETURN TO PIERRE DE COUBERTIN

eMuseu do Esporte

COMITÊ BRASILEIRO
PIERRE DE COUBERTIN

2020

Nelson Todt | Ana Miragaya | Lamartine DaCosta

E D I T O R S

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Kátia Luciane Macedo Martins-CRB-2/849 - Bibliotecária

R374 Reinventando o esporte e os jogos olímpicos após COVID-19: retorno a Pierre de Coubertin = Reinventing sport and olympic games after COVID-19: return to Pierre de Coubertin / Editoração de Nelson Todt, Ana Maria de Freitas Miragaya, Lamartine da Costa. – 1. ed. - Rio de Janeiro: eMuseu do Esporte, 2020.

229 p., il.; color.
ISBN: 978-65-993425-2-3

1. Esporte - COVID-19. 2. Jogos Olímpicos. 3. Pierre de Coubertin. I. Todt, Nelson, ed. II. Miragaya, Ana Maria de Freitas, ed.. III. Costa, Lamartine da, ed.

CDD: 796.616.2414

Capa e Graphic Designer:
Evlen Lauer

Coordenação Editorial:
Ana Miragaya

Curador:
Lamartine DaCosta

Conselho Editorial para a seleção autores do livro
"REINVENTANDO O ESPORTE E OS JOGOS OLÍMPICOS APÓS COVID-19: RETORNO A PIERRE DE COUBERTIN" (trilíngue português, inglês e espanhol) produzido com o apoio da InovUERJ/Departamento de Inovação e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte-PPGCEE da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ:

Profa. Dr. Marinilza de Carvalho Bruno;
Profa. Dr. Gabriela Souza;
Prof. Dr. Silvestre Cirilo Santos Neto;
Profa. Dr Ana Maria Miragaya e
Prof. Dr. Lamartine P. DaCosta.

Língua / Language / Idioma:
Português / English / Español

Acesso às Exposições do eMuseu do Esporte referidas ao tema deste livro:

Access to the Exhibitions of the eMuseum of Sport related to the theme of this book:

https://expo3d.emuseudoesporte.com.br/temporaria4/h/pt-br/index.html
https://expo3d.emuseudoesporte.com.br/temporaria5/h/pt-br/index.html

SUMÁRIO / *CONTENT*

5 **Introdução** • ***Introduction*** • *Introductión*
Nelson Todt – Presidente CBPC

14 **Preface** • *Prefácio*
Stephan Wassong – President CIPC

O Contexto de Pandemia e as Expectativas de Mudança
The Context of the Pandemic and Expectations of Change
El Contexto Pandémico y las Expectativas de Cambio
22 Ana Miragaya
29 Hishasi Sanada

Estratégias de Gestão
Management Strategy
Estrategias de Gestión
33 George Hirthler
43 Éric Monnin
58 Stephan Wassong
66 Gustavo Pires

Ações baseadas em valores
Values-based Actions
Acciones Basadas en Valores
87 Cecilia R Bollada & Daniel G de la Cueva
99 Marcio Turini Constantino
110 Marta Gomes
120 Ines Nikolaus
129 Jim Parry

Inovação, conectividade e videogames
Innovation, connectivity and videogames
Innovación, Conectividad y Videojuegos
138 Leonardo Cunha
145 Héctor Horacio Henry
151 Cesar R. Torres & Francisco J. López Frías
159 Bianca Gama Pena

Esporte, Paz e Unidade Internacional
Sport, Peace and International Unity
Deporte, Paz y Unidad Internacional
167 Marion Keim
179 Leonardo J. Mataruna-Dos-Santos
192 Lamartine DaCosta

Educação em Nova Era
Education in New Era
Educación en Nueva Era
197 Irena Martínková
207 Susannah Stevens & Ian Culpan
217 Francisco Iglesias

230 **Autores** • ***Authors*** • *Autores*

INTRODUÇÃO

Em meados de 2020, o eMuseu do Esporte e o Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin (CBPC) organizaram uma exposição internacional de acesso aberto e virtual, buscando fornecer uma base histórica aos debates atuais sobre a reinvenção do esporte e dos Jogos Olímpicos em uma era pós-pandêmica.

O CBPC identificou e convidou especialistas de renome internacional no campo do Movimento Olímpico e de Pierre de Coubertin para apresentarem suas constatações, tendências e posicionamentos a partir de experiências passadas por Pierre de Coubertin, nas quais ocorreram crises e conflitos de interesse nas frequentes ações de adaptação que o Movimento Olímpico teve que lidar ao enfrentar grandes desafios como os de hoje.

No momento em que o planeta se vê diante das incertezas causadas pela pandemia do novo coronavírus, as lições de Coubertin parecem ainda mais atuais: é, portanto, pertinente voltar aos valores do passado para organizar o presente de acordo com o futuro que se deseja construir.

Outra justificativa para um retorno a Pierre de Coubertin é do sentido inacabado que ele deu a sua obra, tornando clássica a frase: “O Olimpismo é apenas parte do meu trabalho, aproximadamente metade”. Coubertin começou em 1936 suas memórias intituladas ‘A Sinfonia inacabada’, mas hoje, muitas vezes, seu trabalho ainda está associado de modo dominante ao trabalho em progresso.

Embora mal representem apenas um décimo de sua obra publicada, os escritos de Coubertin sobre o Olimpismo são certamente os mais conhecidos. Eles exerceram e ainda exercem um impacto considerável no mundo do esporte. No entanto,

como refere Otto Schantz (especialista em Coubertin) seria injusto e reducionista diminuir as muitas facetas do trabalho de Coubertin apenas com ideias olímpicas. É necessário colocá-las em uma perspectiva mais ampla e atual, o que envolve suas concepções educacionais, históricas, políticas e psicológicas.

Diante dessas circunstâncias, os objetivos propostos para o desenvolvimento deste livro coletivo foram inspirados nas duas exposições que o antecederam, a saber:

(1) Estabelecer pontos de referência e mecanismos associativos para entender as grandes questões dos próximos debates sobre a nova era do esporte em decorrência das pandemias do COVID-19, que afetam agora os cinco continentes.

(2) Recuperar narrativas dos escritos de Pierre de Coubertin que tenham alguma semelhança com os temas atuais relacionados ao esporte e aos Jogos Olímpicos.

(3) Atualizar a Agenda Olímpica 2020 do COI em andamento, enfatizando recomendações para mudança e renovação nas quais visões subjacentes de Pierre de Coubertin podem ser identificadas e recuperadas como conselhos com base histórica.

Para orientar a montagem das duas temporadas da exposição internacional, que alcançou em curto período mais de 4.000 visitas ao eMuseu do Esporte, a iniciativa teve o suporte de uma comissão editorial composta por Ana Miragaya, Nelson Todt e Lamartine DaCosta, curador do eMuseu. Esta mesma equipe, logo após o positivo alcance percebido no início do projeto, logo definiu que as exposições seriam apenas um ponto de partida para algo que naturalmente mereceria uma nova etapa. Daí a proposta para este livro, como se pode verificar nos capítulos adiante.

Tal como nas duas exposições, esta iniciativa conta com o apoio do Comitê Internacional Pierre de Coubertin, o que sustenta a ideia do alcance global da obra, caracterizada pelos cinco continentes representados através dos 25 autores que se dividiram em seis temas: (1) O Contexto de Pandemia e as Expectativas de Mudanças; (2) Estratégias de Gestão; (3) Ações baseadas em valores; (4) Inovação, conectividade e videogames; (5) Esporte, Paz e Unidade Internacional; (6) Educação em Nova Era.

Em nome dos Editores e Autores deste livro, espero que seu conteúdo seja fonte de informação, reflexão e ação, de forma a contribuir para o trabalho dos diferentes atores e instituições envolvidas com o Esporte e o Movimento Olímpico.

Saudações Olímpicas,

Nelson Todt

Presidente

Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin

INTRODUCTION

In mid 2020, the eMuseum of Sport, a digital sports museum, and the Pierre de Coubertin Committee in Brazil (CBPC) organized an or open-to-all virtual international exhibition, seeking to provide a historical basis for current debates on the reinvention of sport and the Olympic Games in a post-Pandemic era.

The CBPC identified and invited internationally renowned experts in the field of the Olympic Movement and Pierre de Coubertin to present their findings, trends and positioning based on past experiences lived by Pierre de Coubertin, in which crises and conflicts of interest occurred in the frequent actions of adaptation that the Olympic Movement had to deal with when facing major challenges such as those of today.

At a time when the planet is facing the uncertainties caused by the new coronavirus pandemic, Coubertin's lessons seem even more up-to-date: it is, therefore, pertinent to return to the values of the past to organize the present in line with the future one wishes to build.

Another justification for a return to Pierre de Coubertin is the unfinished sense he gave to his work, making the phrase: "Olympism is only part of my life's work, approximately half in fact", a classic saying. Coubertin started writing his memoirs entitled 'The Unfinished Symphony' in 1936, but today, very frequently, his work is still associated, in a prevailing way with the work in progress.

Although they represent barely a tenth of his published work, Coubertin's writings on Olympism are certainly the best-known works. They had and still have a considerable impact into the world of sports. However, as Otto Schantz (an expert on Coubertin) points out, it would be unfair and reductionist to dimin-

ish the many facets of Coubertin's work with only Olympic ideas. It is necessary to put them in a broader and current perspective, which involves his educational, historical, political and psychological conceptions.

Under these circumstances, the proposed objectives for the development of this collective book were inspired by the two exhibitions that preceded it and they follow hereunder:

(1) To establish reference points and associative mechanisms to understand the major issues of the upcoming debates on the new era of sports as a result of the COVID-19 pandemics, which now affect the five continents.

(2) To recover the narratives from Pierre de Coubertin's writings that bear some resemblance to current issues that are related to sport and the Olympic Games.

(3) To update the ongoing IOC 2020 Olympic Agenda, emphasizing recommendations for change and renewal in which underlying views of Pierre de Coubertin can be identified and retrieved as historically based advice.

So as to guide the installation of the two seasons of the international exhibition, which reached, in a short time, more than 4,000 visits to the eMuseum of Sport, the initiative was supported by an editorial committee composed of Ana Miragaya, Nelson Todt and Lamartine DaCosta, the curator of the eMuseum. This very team, right after the positive achievement perceived at the beginning of the project, soon defined that the exhibitions would be just a starting point for something that would naturally deserve a new step. Hence, the proposal for this book, as can be seen in the chapters hereinafter.

As in the two exhibitions, this initiative has the support of the Pierre de Coubertin International Committee, which supports the idea of the global reach of the work, characterized by the five continents, here represented through 25 authors who were divided into six themes: (1) The Context of the Pandemic and Expectations of Changes; (2) Management Strategy; (3) Values-based Actions; (4) Innovation, connectivity and videogames; (5) Sport, Peace and International Unity; (6) Education in New Era.

On behalf of the Editors and Authors of this book, I hope its content will serve as source of information, reflection and action, in order to contribute to the work of the different actors and institutions involved with Sport and the Olympic Movement.

Olympic Greetings,

Nelson Todt

President

Brazilian Pierre de Coubertin Committee

INTRODUCCIÓN

En medio de 2020, el eMuseo del Deporte y el Comité Brasileño Pierre de Coubertin (CBPC) organizaron una exposición internacional de acceso abierto y virtual, buscando proveer una base histórica a los debates actuales sobre la reinvención del deporte y de los Juegos Olímpicos en una era post pandemia.

El CBPC identificó e invitó especialistas de renombre internacional en el campo del Movimiento Olímpico y de Pierre de Coubertin para presentar sus constataciones, tendencias y posicionamientos desde experiencias pasadas por Pierre de Coubertin, en las cuales ocurrieron crisis y conflictos de interés en las frecuentes acciones de adaptación que el Movimiento Olímpico tuvo que lidiar al enfrentar grandes desafíos como los de hoy.

En el momento que el planeta se encuentra delante de las incertidumbres causadas por la pandemia del nuevo coronavirus, las lecciones de Coubertin parecen aún más actuales: es, por lo tanto, pertinente volver a los valores del pasado para organizar el presente de acuerdo con lo que se desea construir en el futuro.

Otra justificativa para un regreso a Pierre de Coubertin es sobre el sentido inacabable que él le dio a su obra, haciéndose clásica la frase: “El Olimpismo es solamente parte de mi trabajo, aproximadamente mitad”. Coubertin empezó en 1936 sus memorias nombradas “La Sinfonía Inacabada”, pero hoy, a menudo, su trabajo aún está asociado de manera dominante al trabajo en progreso.

Aunque representen casi tan solo un décimo de su obra publicada, los escritos de Coubertin sobre el Olimpismo son seguramente los más conocidos. Ellos ejercieron y todavía ejercen un impacto considerable en el mundo del deporte. Sin embar-

go, como refiere Otto Schantz (Especialista en Coubertin) seria injusto y reduccionista disminuir las muchas facetas del trabajo de Coubertin únicamente con ideas Olímpicas. Es necesario ponerlas en una perspectiva más amplia y actual, lo que involucra sus concepciones educacionales, históricas, políticas y psicológicas.

Delante de tales circunstancias, los objetivos propuestos para el desarrollo de este libro colectivo fueron inspirados en las dos exposiciones que lo antecedieron, a saber:

(1) Establecer puntos de referencia y mecanismos asociativos para entender las grandes cuestiones de los debates sobre la nueva era del deporte debido a la pandemia del COVID-19, que afectan ahora cinco continentes.

(2) Recuperar narrativas de los escritos de Pierre de Coubertin que tengan alguna semejanza con los temas actuales relacionados al deporte y a los Juegos Olímpicos.

(3) Actualizar la Agenda Olímpica 2020 del COI, en andamiento, enfatizando recomendaciones para cambio y renovación, en que las visiones subyacentes de Pierre de Coubertin pueden ser identificadas y recuperadas como consejos con base histórica.

Para orientar el montaje de las dos temporadas de la exposición internacional, que alcanzó, en un corto periodo de tiempo, más de 4.000 visitas al eMuseo del Deporte, la iniciativa tuvo el apoyo de una comisión editorial compuesta por Ana Miragaya, Nelson Todt y Lamartine DaCosta, curador del eMuseo. Este propio equipo, después del positivo alcance percibido en el comienzo del proyecto, definió que las exposiciones serian solamente un punto de partida para algo que naturalmente merecería una nueva etapa. De ahí la propuesta para este libro, como puede verificarse en los capítulos que vienen adelante.

Tal como en las dos exposiciones, esta iniciativa cuenta con el apoyo del Comité Internacional Pierre de Coubertin, lo que sostiene la idea del alcance global de la obra, caracterizada por los cinco continentes representados a través de los 25 autores que se dividieron en seis temáticas: (1) El Contexto Pandémico y las Expectativas de Cambio; (2) Estrategias de Gestión; (3) Acciones Basadas en Valores; (4) Innovación, Conectividad y Videojuegos; (5) Deporte, Paz y Unidad Internacional; y (6) Educación en Nueva Era.

Em nombre de los Editores y Autores de este libro, espero que su contenido sea fuente de información, reflexión y acción, de forma a contribuir para el trabajo de los diferentes actores e instituciones involucradas con el Deporte y el Movimiento Olímpico.

Saludos Olímpicos,

Nelson Todt

Presidente

Comité Brasileño Pierre de Coubertin

PREFACE

Pierre de Coubertin did not conceive of the modern Olympic Games simply as an international gathering of athletes taking place every four years. His opinion was that the Olympic Games should form only the institutional framework of what he called 'the Olympic Idea' until 1910 and then referred to as 'Olympism' after 1910. Olympism, whose fundamental principles are described in the Olympic Charter, is a multidimensional concept. At its core is the appreciation of the fact that sport can make significant contributions to the education of modern citizens who feel responsible for the healthy development of societies and transnational respect. The Olympic Games themselves should promote the educational value of sport. Olympic athletes should become ambassadors in this regard and encourage everybody to engage in sporting activity. Coubertin addressed this and the role of Olympic athletes as multipliers of sport for all in his concept of the Olympic pyramid which he described in his famous article The Philosophic Foundation of Modern Olympism printed for the first time in Le Sport Suisse in 1935:

> For every hundred who engage in physical culture, fifty must engage in sports. For every fifty who engage in sports, twenty must specialize. For every twenty who specialize, five must be capable of astonishing feats.[1]

These views remain unchanged, illustrating that the International Olympic Committee (IOC) and the Olympic Movement have not dissociated themselves from Coubertin's educational objective for re-establishing the modern Olympic Games. Since 1991 the concept of Olympism has been described in the Olympic Charter`s chapter Fundamental Principles explicitly. This chapter has become even more important as since the 2004 edition of the Olympic Charter it has been turned into Fundamental Principles of Olympism.

There is no doubt that the world of sport has changed since Coubertin's times. However, a contemporary application of his thoughts on Olympism and the educational value of sport is possible and can provide guidance in a continuously changing world and in challenging times, which are currently dominated by the Corona pandemic among other things. The responsible decision by the IOC to postpone the 2020 Tokyo Olympic Games shows that Olympic sport is not self-serving in nature but guided by respect for its responsibility towards society. This is what Coubertin demanded, and the current decision taken by the IOC is clearly in line with the ideas of Coubertin applied to the modern context.

Luckily, the IOC's decision has not discouraged people from engaging in sport. Almost all kinds of physical activity are viewed as an effective strategy to develop the social, health and psychological patterns necessary to resist the impact of COVID-19. However, to achieve this, it was necessary to change the traditional way of doing sport. The rules of sport, as well as established rituals and habits, had to be adapted to prevent the spread of the virus. Flexibility, understanding, respect and tolerance have been necessary. As advocates of sport, we have to accept the current situation and respect the present rules for practicing sport. Sport is not a world on its own. It is a part of the present reality and our understanding of this reality will increase the contribution which sport can make to the attenuation of the current COVID-19 crisis.

Again, this can be linked to Coubertin's core ideas on Olympism. For him, the guiding principles of Olympism were stable in their meaning but their application had to be adapted responsibly to new situations. Coubertin did not speak about bending rules but referred to updating them to safeguard the educational role of sport in and for society. This has to be addressed in concepts of Olympic education on a practical and theoretical level. The International Pierre de Coubertin Committee

(CIPC) has followed this example since its foundation in 1975. Certainly, the CIPC has to take into consideration what the pandemic means for Olympic education and how Olympic education can contribute to resisting the impact of COVID-19 on our lives. The CIPC's intention is supported by the book 'Reinvention of Sport and Olympic Games Post-Pandemics: a Return to Pierre de Coubertin'. On behalf of the CIPC, I would like to express my gratitude to the editors Ana Miragaya, Lamartine DaCosta and Nelson Schneider Todt and to all the authors who have submitted articles.

Stephan Wassong

President

International Pierre de Coubertin Committee

1. Coubertin, P. de.: The Philosophic Foundation of Modern Olympism. In: International Olympic Committee (Editing Director: Norbert Müller): Pierre de Coubertin 1863 – 1937. Olympism Selected Writings. Lausanne 2000, 580 – 583.

PREFÁCIO

Pierre de Coubertin não concebeu os Jogos Olímpicos modernos simplesmente como um encontro internacional de atletas que ocorrem a cada quatro anos. Sua opinião era que os Jogos Olímpicos deveriam formar apenas o quadro institucional do que ele chamou de "Ideia Olímpica" até 1910 e depois referido como "Olimpismo" após 1910. O Olimpismo, cujos princípios fundamentais são descritos na Carta Olímpica, é um conceito multidimensional. Em sua essência está a valorização do fato de que o esporte pode fazer contribuições significativas para a educação de cidadãos da atualidade que se sentem responsáveis pelo desenvolvimento saudável das sociedades e pelo respeito transnacional. Os próprios Jogos Olímpicos devem promover o valor educacional do esporte. Atletas olímpicos devem se tornar embaixadores neste sentido e encorajar todos a se envolverem em atividades esportivas

Não há dúvida de que o mundo do esporte mudou desde os tempos de Coubertin. No entanto, uma aplicação contemporânea de seus pensamentos sobre o olimpismo e o valor educacional do esporte é possível e pode fornecer orientação em um mundo em constante mudança e em tempos desafiadores, que atualmente são dominados pela pandemia corona entre outras ameaças. A decisão responsável do COI de adiar os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020, mostra que o esporte olímpico não é de natureza própria, mas guiado pelo respeito por sua responsabilidade com a sociedade. Isto é o que Coubertin exigiu e a decisão atual tomada pelo COI está claramente alinhada com as ideias de Coubertin aplicadas ao contexto moderno.

Em síntese final, a intenção do Comitê Internacional Pierre de Coubertin - CIPC é apoiada pelo livro "Reinvenção do Esporte e Jogos Olímpicos Pós-Pandemias: um Retorno a Pierre de Coubertin". Em nome do CIPC, gostaria de expressar minha gratidão aos editores Ana Miragaya, Lamartine DaCosta e Nelson

Schneider Todt e a todos os autores que submeteram textos para esta publicação de revisão historica e de atualização.

Stephan Wassong

Presidente

Comitê Internacional Pierre de Coubertin

PREFACIO

Pierre de Coubertin no concibió los Juegos Olímpicos modernos simplemente como una reunión internacional de atletas que se celebra cada cuatro años. Su opinión era que los Juegos Olímpicos deberían formar sólo el marco institucional de lo que él llamó la "Idea Olímpica" hasta 1910 y luego se refirió como "Olimpismo" después de 1910. El Olimpismo, cuyos principios fundamentales se describen en la Carta Olímpica, es un concepto multidimensional. En esencia, la apreciación del hecho de que el deporte puede hacer contribuciones significativas a la educación de los ciudadanos de hoy que se sienten responsables del sano desarrollo de las sociedades y el respeto transnacional. Los propios Juegos Olímpicos deben promover el valor educativo del deporte. Los atletas olímpicos deben convertirse en embajadores en este sentido y animar a todos a participar en actividades deportivas

No hay duda de que el mundo del deporte ha cambiado desde los tiempos de Coubertin. Sin embargo, una aplicación contemporánea de sus pensamientos sobre el Olimpismo y el valor educativo del deporte es posible y puede proporcionar orientación en un mundo en constante cambio y en tiempos difíciles, que actualmente están dominados por la pandemia corona entre otras amenazas. La decisión responsable del COI de posponer los Juegos Olímpicos de Tokio 2020 muestra que el deporte olímpico no es de su propia naturaleza, sino guiado por el respeto de su responsabilidad con la sociedad. Esto es lo que exige Coubertin y la decisión actual adoptada por el COI está claramente alineada con las ideas de Coubertin aplicadas al contexto moderno.

En la síntesis final, la intención del Comité Internacional Pierre de Coubertin - CIPC está respaldada por el libro "Reinventar

el Deporte y los Juegos Olímpicos después de COVID-19: Regreso a Pierre de Coubertin". En nombre de CIPC, quisiera expresar mi gratitud a los editores Ana Miragaya, Lamartine DaCosta y Nelson Schneider Todt y a todos los autores que presentaron textos para esta publicación de revisión y actualización histórica.

Stephan Wassong

Presidente

Comité Internacional Pierre de Coubertin

The Context of the Pandemic and Expectations of Change

O Contexto de Pandemia e as Expectativas de Mudanças

El Contexto Pandémico y las Expectativas de Cambio

ENGLISH

AN INVITATION TO HONOR THE PAST OF SPORT IN THE CONSTRUCTION OF ITS FUTURE

Ana Miragaya

It is my pleasure to approach this collective overview in terms of the relevance of Olympic Agenda 2020 in relation to the post-pandemic and new era of sport currently being discussed, especially from the perspective of Pierre de Coubertin, founder of the Olympic Movement. This return to the past is accounted for as Coubertin's experiences and viewpoints are clearly identified behind several recommendations of Olympic Agenda 2020.

We therefore debate the future in view of the recommendations of Olympic Agenda 2020, issued by the International Olympic Committee in December 2014, and today incorporated into the Paris 2024 Olympic Games and the Los Angeles 2028. In other words,

many changes had already been foreseen while others are taking place according to the reality of the different sports, whether Olympic or non-Olympic.

Olympic Agenda 2020 brings to the sport scene a set of 40 recommendations. These are strategies for reviewing all aspects of the organization of the Olympic Games from the candidature process of the host city to the delivery of the Games and their legacies. The recommendations represent fundamental aspects to reinvent the Olympic Games, which was in fact Pierre de Coubertin's frequent thought, as he emphasized it in his writings.

In 2018 the International Olympic Committee published a complement to Olympic Agenda 2020, the document The New Norm, which detailed recommendations 1, 2, 3, 4, 12 and 13 in a package of 118 ambitious reforms, whose overall goals are to simplify the candidature process and to develop Games which are more flexible, easier to operate and less expensive.

Through these guiding documents it is possible to identify many values that constitute Pierre de Coubertin's precious legacy in the process of organizing and planning the future of the Olympic Movement. We can refer to values that were validated by Olympic Agenda 2020, which are mentioned as examples to project the future.

A typical example is the issue of the environment in sport, already addressed in the days of Coubertin and present in Olympic Agenda 2020, in the recommendations about Sustainability. The same can be said in the case of Internationalism, expression and concept discussed by Coubertin and currently at the center of the debates of post-pandemic sport in 2020. Another example, which had always been recommended and kept as the future role of sport is that of peace through sport. And, if we are to follow The New Norm, we will be faced with the

fundamental role of legacy, a concern of Coubertin and a quest to have priority both in the present and in the future.

Welcome all to this reinvention effort and follow the exercise of honoring the past in the construction of the future, as this book is a celebration of values!

PORTUGUÊS

UM CONVITE PARA HONRAR O PASSADO DO ESPORTE REINVENTANDO SEU FUTURO

Meu tema nesta obra coletiva internacional refere-se à relevância da Agenda Olímpica 2020 quanto à nova era do esporte pós pandemia, atualmente em discussão entre nós, principalmente partindo da memória de Pierre de Coubertin. Este retorno ao passado se justifica no caso de Coubertin, pois ele vivenciou experiências e pontos de vista claramente perceptíveis em várias recomendações da Agenda 2020.

Temos, portanto, um futuro em debate em face às recomendações da Agenda 2020 emitida pelo Comitê Olímpico Internacional em 2014, hoje incorporadas aos Jogos Olímpicos de Tokyo 2021, Paris 2024 e Los Angeles 2028. Ou seja: muitas mudanças já eram previstas há alguns anos, enquanto outras estão ocorrendo ao sabor da realidade em diferentes esportes, quer olímpicos ou não olímpicos.

A Agenda Olímpica 2020, publicada em dezembro de 2014, traz para a cena do esporte um conjunto de 40 recomendações. São estratégias para a revisão de todos os aspectos da organização dos Jogos Olímpicos da candidatura da cidade-sede à entrega dos Jogos e, também, dos legados. As recomendações representam aspectos fundamentais para se repensarem os Jogos Olímpicos do futuro, o que era aliás postura frequente de Pierre de Coubertin, como ressaltava em seus escritos.

Em 2018, o Comitê Olímpico Internacional publicou um complemento à Agenda Olímpica 2020, o documento The New Norm (A Nova Norma), que detalhou as recomendações 1, 2, 3, 4, 12 e 13, num pacote de 118 reformas ambiciosas, cujos objetivos são: simplificar o processo de candidatura e criar Jogos mais flexíveis, mais fáceis de operar e menos dispendiosos.

No processo de organização e de planejamento do futuro do Movimento Olímpico, através do desenvolvimento desses documentos norteadores, é possível identificar uma série de valores que constituem precioso legado de Pierre de Coubertin, seu fundador. De modo resumido, podemos citar valores hoje validados pela Agenda 2020 e que nesta obra são citados como exemplos para se projetar o futuro.

Um típico exemplo é a questão do Meio Ambiente no esporte, já abordado nos tempos de Coubertin e hoje presente na Agenda 2020, na recomendação sobre Sustentabilidade. O mesmo se pode dizer no caso do Internacionalismo, expressão e conceito discutidos por Coubertin e hoje no centro dos debates do esporte pós pandemia de 2020. Outro exemplo, hoje mantido como papel futuro do esporte e antes sempre recomendado, é o da paz pelo esporte. E se formos seguir a New Norm do Comitê Olímpico Internacional, vamos nos deparar com o papel fundamental do legado, uma preocupação de Coubertin e uma busca a ter prioridade tanto no presente como no futuro.

Sejam bem vindos neste compartilhamento coletivo e acompanhem o exercício de prestigiar o passado na construção do futuro pois este livro é uma celebração de valores!

ESPAÑOL

UNA INVITACIÓN PARA HONRAR EL PASADO DEL DEPORTE REINVENTANDO SU FUTURO

En esta publicación internacional mi enfoque es destacar la relevancia de la Agenda Olímpica 2020 para la nueva era del deporte post pandemia actualmente en discusión, principalmente con referencia a propuestas de Pierre de Coubertin en su vida y obra. Este regreso al pasado está justificado en el caso de Coubertin, ya que ha experimentado experiencias y puntos de vista que son claramente perceptibles en varias recomendaciones de la Agenda Olímpica 2020.

Por lo tanto, tenemos un futuro en debate en vista de las recomendaciones de la Agenda Olímpica 2020, emitida por el Comité Olímpico Internacional en diciembre de 2014, hoy incorporada a los Juegos Olímpicos de Tokio 2021, de París 2024 y Los Ángeles 2028. En otras palabras, muchos cambios ya estaban previstos para algunos años mientras que otros se llevan a cabo a la luz de la realidad en diferentes deportes, ya sean olímpicos o no olímpicos.

La Agenda Olímpica 2020 trae a la escena deportiva un conjunto de 40 recomendaciones. Estas son estrategias para revisar todos los aspectos de la organización de los Juegos Olímpicos, desde la candidatura de la ciudad anfitriona, hasta la entrega de los Juegos y también de los legados. Las recomendaciones representan aspectos fundamentales para repensar los Juegos Olímpicos del futuro, que de hecho era el pensamiento de Pierre de Coubertin, como enfatizó en sus escritos.

En 2018, el Comité Olímpico Internacional publicó un suplemento a la Agenda Olímpica 2020, el documento The New Norm (La Nueva Norma), que detalla las recomendaciones 1, 2, 3, 4, 12 y 13, en un paquete de 118 reformas ambiciosas, cuyos los objetivos son: simplificar el proceso de solicitud y crear juegos más flexibles, más fáciles de operar y menos costosos.

En el proceso de organización y planificación del futuro del Movimiento Olímpico, a través del desarrollo de estos documentos guía, es posible identificar una serie de valores que constituyen un precioso legado de Pierre de Coubertin, su fundador. En pocas palabras, podemos citar valores validados hoy por la Agenda Olímpica 2020 y que en esta publicación se citan como ejemplos para proyectar el futuro.

Un ejemplo típico es la cuestión del Medio Ambiente en el deporte, ya abordado en los días de Coubertin y presente en la Agenda Olímpica 2020, en las recomendaciones sobre sostenibilidad. Lo mismo puede decirse en el caso del internacionalismo, la expresión y el concepto discutidos por Coubertin y actualmente en el centro de los debates sobre el deporte post pandémico em 2020. Otro ejemplo, mantenido como el papel futuro del deporte y previamente recomendado siempre es el de la paz a través del deporte. Y si vamos a seguir la Nueva Norma del Comité Olímpico Internacional, nos enfrentamos con el papel fundamental del legado, la preocupación de Couber-

tin y la búsqueda de tener prioridad tanto en el presente como en el futuro.

¡Bienvenido a este trabajo colectivo y siga el ejercicio de honrar el pasado em la construcción del futuro, ya que este libro es una celebración de valores!

ENGLISH

A NEW STYLE OF THE OLYMPIC GAMES USING DIGITAL TECHNOLOGY

Hisashi Sanada

I extend my deep congratulations for the development of the eMuseum of Sport and of this book with its appropriate thematic analysis. It is very timely because we are facing the big issue of COVID 19, which has divided the nations, societies and human networks. We must overcome this crisis with the spirit of solidarity and Olympism, created by Pierre de Coubertin.

In relation to the beginning of the ancient Olympic Games, I found the text by Pausanias, who travelled around Greece in the 2nd century AD. He wrote as follows: “As Greece just at that time was sorely wasted by pestilence and civil strife, it struck Iphitus, (king of Elis), that he would pray to the god at Delphi for deliverance from these evils and they say that the Pythian priestess enjoined him and the Eleans to renew the Olympic Games.” (J.G. Frazer: Pausanias’s description of Greece. 1:241, London, 1898). Thus far, the ancient Olympic Games were organized to mitigate war and pestilence. The first Olympiad began in 776 BC. When I count the Olympiad from 776 BC, the year of 2021 is the first year of the 700th Olympiad.

As you all know, Japan canceled the Tokyo 1940 Games because of war, and we are facing the crisis of the Tokyo 2020 because of the new coronavirus. This means that history repeats itself or represents a signal to change the shape of the Games.

It is clear that we are at a turning point in Olympic history. The IOC president, Thomas Bach, announced that we have the unique opportunity to turn the celebration of the postponed Olympic Games Tokyo 2020 into a festival of unity for humankind, and a symbol of human resilience to overcome this coronavirus crisis (Olympism and Corona, 29th April, 2020).

We should hold the Games as a manifestation and expression of human triumph in overcoming adversity next year. To do so, we need to create a new style of the Games using new digital technology. We should undertake cultural programs in eMuseums so the youth can learn the values of sport, which is a relevant, contemporary and fantastic opportunity for them. I extend my deep gratitude for your initiative and hope that your eMuseum will be a good showcase of the Olympic Movement in these unique times.

PORTUGUÊS

A REINVENÇÃO DOS JOGOS OLÍMPICOS COM A TECNOLOGIA DIGITAL

Apresento profundas congratulações pelo desenvolvimento do eMuseu do Esporte e do presente livro pela importância de seu tema. Esta nova iniciativa chega no momento certo quando se enfrenta a COVID 19, que divide países, sociedades e relações pessoais.

Devemos vencer esta crise com espírito de solidariedade e do Olimpismo, criado por Pierre de Coubertin.

Em relação à história dos Jogos Olímpicos, podemos retornar a Pausanias, que viajou pela Grécia no 2º século DC. Ele foi testemunha de que a Grécia naquela época havia sido devastada por epidemias e revoltas, atingindo o rei de Elis, Ífito, que apelou aos deuses em Delphi pela libertação das ameaças. E, consequentemente, recebendo ajuda da sacerdotisa Pítia e dos cidadãos de Elis para a renovação dos Jogos Olímpicos. Neste contexto, sabe-se que na Antiguidade, os Jogos Olímpicos foram organizados para mitigar guerras e doenças desde que surgiram em 776 AC. Considerando os 776 anos da Antiguidade, o ano 2021 da nossa era representa o início da 700ª Olimpíada.

Como todos sabem, o Japão cancelou os Jogos de Tóquio de 1940 em razão de uma Guerra e agora enfrentamos a crise de Tóquio 2020 em razão do COVID – 19. Este fato indica que a história se repete ou então sinaliza uma mudança necessária nos Jogos Olímpicos. Portanto, estamos claramente situados num ponto de mudança da história Olímpica.

O presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), Thomas Bach, anunciou que temos uma oportunidade única de mudar a celebração dos Jogos Tóquio 2020 que foram adiados. Enfim, pode-se transformar o evento num festival em prol de uma humanidade unificada, um símbolo de resiliência para vencer a crise do novo coronavírus. Nós deveremos reformar os Jogos como manifestação do triunfo humano ao superar as adversidades do ano vindouro. Para o alcance desse objetivo deveremos renovar os Jogos usando tecnologia digital. Deveremos também criar iniciativas culturais no eMuseu para os jovens terem acesso aos valores do esporte, uma oportunidade relevante para eles. Em conclusão, estendo minha profunda gratidão ao eMuseu nesta oportunidade única como também desejo que esta iniciativa se torne um modelo para o Movimento Olímpico.

Estratégias de Gestão

Management Strategies

Estrategias de Gestión

ENGLISH

LOOKING BACK TO LOOK AHEAD: COUBERTIN'S WORLD WAR I CRISIS MANAGEMENT

George Hirthler

With the sudden rise of the global pandemic produced by the coronavirus, all sport, including Olympic sport, has encountered an unprecedented existential crisis. The postponement of the Tokyo 2020 Games reveals that the Olympic Movement is facing an uncertain future, full of risks and far more questions than answers, much like the visionary founder of the modern Games, Pierre de Coubertin, faced in 1914, when World War I broke out and forced the cancellation of the 1916 Berlin Games. With a century of historical perspective, we can now see that Coubertin's management of the Olympic Movement through that global crisis was highly effective if not brilliant. In fact, there are five specific lessons in crisis management we can draw from Coubertin's leadership of the IOC during the four years of war and their immediate aftermath. Here, in summary, are the basic tenets of those five lessons:

I. PROTECT THE CORE OF THE ORGANIZATION

When war broke out in 1914 between Germany and France, Coubertin determined that the IOC headquarters in Paris were at risk. In 1915, he moved the headquarters and the archives to Lausanne in neutral Switzerland. He had conducted an Olympic Congress in Lausanne in 1913 and therefore still had an organizing committee in place, more or less, but was confident the city would provide an ideal epicenter for the future of the Olympic Movement. On April 10, 1915, Coubertin and Swiss IOC Member Godefroy de Blonay, one of the Baron's most trusted allies, met with the Mayor of Lausanne, Professor Paul Maillefer, and signed the agreement that made Lausanne the permanent headquarters of the Olympic Movement. Leaders from the Congress two years earlier, which had been presided over by Professor Dr Maurice Millioud and organized by Dr's Jean Morax and Max Auckenthaler, were charged with setting up the archives and an Olympic Museum.

Even in the midst of a war, Coubertin found ways to safeguard the core of the movement. As he said during the signing ceremonies "In the proud and independent atmosphere of Lausanne, Olympism will find guarantees of the freedom it must enjoy in order to move forward...."[1] One hundred and five years later—as Lausanne reigns as the worldwide Olympic capital—we can see how prophetic Coubertin's words were and how his actions in the face of a crisis set the movement on a promising path forward.

II. ENTRUST OTHERS WITH LEADERSHIP ROLES

As the war rolled on and the French casualties rose, the Baron, who was a fiery patriot all his life, could not bear to stand on the sidelines and made a decision to join the French military.

Since peacemaking was the heart of the Olympic Movement, he felt he could not properly lead his colleagues in a French army uniform: In January of 1916, he wrote a circular letter to the IOC members stating that fact: "... I do not think it right that our Committee should be led by a soldier. I have therefore asked our colleague and friend, Baron Godefroy de Blonay, to perform the functions of president ad interim. It is equally logical that the leadership of the Committee, whose seat is in Lausanne, should be in his hands for as long as hostilities continue. You are well aware of his competence and devotion. I ask you to give your confidence and support both to him and to our dear secretary, Count Brunetta d'Usseaux."

He closed the letter by assuring them the Olympic Movement would survive and restart once the war abated: "We have restored an ancient, not a short-lived tradition. However terrible the present upheavals may be, the course of history cannot he interrupted and Olympism has gone down in history."[2]

III. EXPAND THE MOVEMENT IN REGIONS OUTSIDE THE CRISIS ZONE

Too old to serve on the French front lines at fifty-one, Coubertin joined the Ministry of Propaganda and traveled the country, giving speech after speech to rally the nations' esprit de corps. At the same time, he stayed focused on the Olympic Movement and even used the resources of the propaganda ministry to create promotional materials to push the development of Olympism where opportunities arose around the world. He had success in cultivating new Olympic leaders in South America, the Philippines and Japan, ensuring the movement continued to grow beyond the crisis zone. As he wrote in his Olympic Memoirs in the 1930s:

"In Brazil sport was slow in developing, but in Mr. de Rio Branco, a former football captain, and now Minister in Bern, we had a reliable and devoted colleague. In 1916, I was able to set up in Paris an interim Committee, whose kingpin was Mr. de Matheu, Consul General of El Salvador, and which thanks to him carried out the most active propaganda. An illustrated brochure entitled "Que es el Olimpismo?" was widely distributed in South American countries, superimposing its action on that of the Spanish Committee.

And turning his attention to the Pacific, he recalled: "Before the war even, I had got in touch with the Far Eastern Athletic Association, whose headquarters were in Manila, and whose President in 1915 was Doctor Wu Ting Fang of Shanghai, aided by excellent American advisers. With the enlightened backing of YMCA officials ... now that the prestige of the IOC had reached their shores, (they) showed themselves quite eager to place their 'Far Eastern Games' under its wing. They felt called on to regenerate China, Japan, and Siam and took delight in adding the population figures.... This was encouraging. What we lost on one side, we therefore recuperated on the other ..."[3]

IV. LOOK BACK TO LOOK AHEAD AND BROADEN THE MISSION OF THE MOVEMENT

In January of 1919, barely two months after the armistice was signed ending World War I, Coubertin sent a circular letter to his IOC colleagues, announcing he was resuming the presidency after a three-year interval, reminding them of what they had achieved—and then basically providing an expanded vision for the future. With the next Games in Antwerp already on the horizon, he was preparing the Olympic family to seize a leadership role and push sport forward as an essential tool to rebuild the war torn societies across Europe.

"We are all well aware of the increasing excellence and success of the first five Olympiads of the modern era: Athens (1896), Paris (1900), St. Louis (1904), London (1908), and Stockholm (1912)," he wrote. "The number of athletes, the quality of the events, and the pomp and circumstance of the ceremonies have all increased in a way that few institutions have managed to achieve to a similar degree in so short a period of time."[4]

But with quick dispatch, he turned his attention to a new programmatic vision for the role of sport in the societal transformation ahead with a clarion call for expanding the mission of the movement: All sports for all people!

"So much for the past. Our attention, however, must be focused on the future..." he stated. "For a long time, the renewed interest in athleticism during the nineteenth century was merely an occasional pastime for rich and semi-idle youth. Our Committee has fought more than anyone to make it a habitual pleasure of the youth of the lower middle class. Now it must be made fully accessible to proletarian adolescents. All sports for all people, that is the new goal to which we must devote our energies, a goal that is not in the least impracticable. The recent war was won by the Western powers thanks to a 'sacred union", based on the conviction that the two-fold stakes of the fight were the political freedom of states, and the social equality of individuals. If we were to forget the second goal after achieving the first, civilization would run the risk of exploding like a boiler without a safety-valve."[5]

The idea of using sport as a platform for rebuilding society placed his colleagues and their movement at the center of the effort to transform the world in the aftermath of the great conflagration. This is a clear expansion of the Olympic Movement's mission as Coubertin's vision makes sport an essential component of democracy and social equality. Always intuitively aware of the power of slogans in communications campaigns, he ba-

sically branded the future of the IOC as an agent of change under the expansive banner of All sports for all people.

V. DECLARE VICTORY AS SOON AS THE CRISIS RECEDES

Less than two years later, after the Antwerp 1920 Olympic Games demonstrated the resilience of the Movement, Coubertin declared The Victory of Olympism in an article that assured the world that there was no end in sight for the Olympic glories yet to come.

"Olympism is a great, quiet piece of machinery. Its gears do not screech and its movement never stops ..." he stated and, after briefly reviewing the history of the IOC's successes, closed with a series of thoughts that left no doubt he believed that Olympism could and would survive any further challenges. "In our day," he wrote, "when too little is done and too much said, one might almost say that Olympism is setting a new record in this regard! ... What more astonishing proof could we possibly want of the vitality of the movement? Public opinion has registered its surprise ... surprise that Belgium dared to suggest, and that the International Committee dared to agree, that it host the Seventh Olympiad, that we were able to overcome all the material and political difficulties, that everything was ready on time, a magnificent stadium built, an organization zealous about every last detail put in place ... (The Belgian people) have given humanity a striking example of what indomitable hearts can achieve, hearts that, to use the beautiful expression of Thomas Aquinas, are "always ready to fight after every storm."[6]

If there is a sixth lesson, it is, of course, that open lines of communications are essential in times of crisis, a message not lost on the ninth IOC president, Thomas Bach, who has effectively kept the

Olympic family engaged during the current pandemic and has, in fact, issued several calls for ideas on how the Olympic Movement can emerge stronger than ever once the crisis abates—as it did thanks to Coubertin's leadership through World War I.

REFERENCES

1 Coubertin, Pierre de, The Four War Years (1914-1918), Olympic Memoirs, Chapter 16, Lausanne, IOC, 1997, pp.166-173, and in Olympism, Selected Writings of Pierre de Coubertin (Lausanne, IOC, 2000), Muller, Norbert, editor, 2000, pp 464-468

2 Coubertin, Pierre de, Godefroy de Blonay, Interim President, Circular Letter to the IOC Members, January 1916, Archives of the IOC, and in Olympism, Selected Writings of Pierre de Coubertin (Lausanne, IOC, 2000), Muller, Norbert, editor, 2000, p 469

3 Coubertin, Pierre de, The Four War Years (1914-1918), Olympic Memoirs, Chapter 16, Lausanne, IOC, 1997, pp.166-173, and in Olympism, Selected Writings of Pierre de Coubertin (Lausanne, IOC, 2000), Muller, Norbert, editor, 2000, p 468

4 Coubertin, Pierre de, Letter to the Members of the International Olympic Committee, January 1919, Archives of the IOC, English version in Coubertin, The Olympic Idea, (Schorndorf, 1967), manuscript in IOC archives, pp 67-72, and in Olympism, Selected Writings of Pierre de Coubertin (Lausanne, IOC, 2000), Muller, Norbert, editor, 2000, pp 737

5 Ibid., Olympism, p 739

6 Coubertin, Pierre de, La victoire de l'Olympisme (The Victory of Olympism), La Revue Sportive Illustrée, Vol. 16, 1920, no. 2, p. 2, and in Olympism, Selected Writings of Pierre de Coubertin (Lausanne, IOC, 2000), Muller, Norbert, editor, 2000, pp 485

PORTUGUÊS

TODOS OS ESPORTES PARA TODAS AS PESSOAS: A ESTRATÉGIA DE CONVOCAÇÃO PÓS CRISE DE COUBERTIN

Com o aumento repentino da pandemia global produzida pelo novo coronavírus, todos os esportes, incluindo o esporte olímpico, encontraram uma crise existencial sem precedentes. O adiamento dos Jogos de Tóquio 2020 revela que o Movimento Olímpico está enfrentando um futuro incerto, cheio de riscos e com muito mais perguntas do que respostas. Há então semelhanças com as dificuldades enfrentadas pelo visionário fundador dos Jogos Olímpicos modernos, Pierre de Coubertin, em 1914, quando a Primeira Guerra Mundial eclodiu e forçou o cancelamento dos Jogos de Berlim de 1916. Com um século de perspectiva histórica, podemos agora ver que a gestão de Coubertin do Movimento Olímpico através dessa crise global foi altamente eficaz, se não brilhante. Na verdade, há cinco lições específicas na gestão de crises que podemos tirar da liderança de Coubertin do Comitê Olímpico Internacional - COI durante os quatro anos de guerra e suas consequências imediatas. Aqui, em resumo, revelam-se em seguida os princípios básicos dessas cinco lições.

A primeira lição foi a de proteger o núcleo central do Movimento. A segunda foi a de criar novas funções de liderança internamente no Movimento. A terceira foi a de celebrar as realizações do Movimento, sobretudo, aquelas fora da zona de crise. A quarta foi a de expandir a visão do Movimento na fase pós crise. E a quinta, finalmente, foi declarar vitória acompanhando os recuos da crise.

No início da guerra entre França e Alemanha, em 1914, Coubertin determinou que a sede do COI em Paris estava em risco. Em 1915, ele mudou a sede do COI para Lausanne, Suíça, passando a presidência para Godefroy de Blonay, aliado suíço de sua confiança. Assim deu-se proteção ao núcleo central do COI com expansão da sua liderança.

Por outro lado, Coubertin, já com 51 anos não seguiu para a linha de frente, mas serviu no Ministério da Propaganda viajando pelo interior da França e levantando o espírito de nacionalidade. Com esse comportamento ele fortaleceu o significado de paz do Movimento Olímpico como também criou novas lideranças Olímpicas na América do Sul, nas Filipinas e no Japão, assegurando expansão do Movimento Olímpico fora da zona de crise.

Em 1918, ao fim da Guerra, e discursando em Lausanne, Coubertin destacou as esplêndidas cinco Olimpíadas ocorridas até aquela data, anunciando o retorno dos Jogos Olímpicos. Em janeiro 1919, em carta a seus colegas do COI, logo após o armistício ter sido assinado, Coubertin anunciou uma nova agenda para o Movimento Olímpico: Todos os Esportes para Todas as Pessoas. Então ele escreveu: “Nosso Comitê tem lutado para fazer o esporte acessível à juventude e à classe média baixa. Agora será oportuno dar acesso aos mais pobres. Todos os esportes para todas as pessoas. Esta é a nova meta para devotar nossas energias”

E dois anos mais tarde, quando os Jogos de Antuérpia 1920 confirmaram a resiliência Olímpica, ele publicou o ensaio “O Triunfo do Olimpismo”. Nessa obra escrita tornou-se compreensível que as glórias dos Jogos Olímpicos estavam longe de terminar.

Enfim, os legados de Coubertin são lições sempre atualizadas, o que poderá se repetir ao se comemorar uma possível sexta

lição. Esta incidirá sobre as linhas abertas de comunicação, essenciais em tempos de crise. Como tal, uma mensagem não foi perdida pelo nono presidente do COI, Thomas Bach; ou seja, aquela que efetivamente manteve a família olímpica engajada durante a pandemia atual. Aquela que emitiu vários apelos para ideias sobre como o Movimento Olímpico poder emergir mais forte do que nunca na expectativa da crise diminuir. E, sobretudo, aquela que confiou na liderança de Coubertin durante a Primeira Guerra Mundial.

ESPAÑOL

EL TRASLADO ESTRATÉGICO DEL COMITÉ OLÍMPICO INTERNACIONAL EN LAUSANA POR PIERRE DE COUBERTIN

Éric Monnin

El 24 de marzo de 2020, el presidente del COI, Thomas Bach, tomó la decisión histórica de posponer los Juegos de la XXXII Olimpiada en Tokio. Desde ese anuncio, se han fortalecido los vínculos con la Organización Mundial de la Salud (OMS) que comenzaron a principios del decenio de 1980. El 23 de junio, Día Olímpico, el COI, la OMS y las Naciones Unidas unieron sus fuerzas para hacer frente a la pandemia del COVID-19 mediante el programa #Healthy Together, con el objetivo de fomentar comportamientos que ayuden a las personas a mantenerse física y mentalmente sanas y a frenar la pandemia. Unas semanas antes, el 16 de mayo, el COI firmó un memorando con la OMS para unirse a su campaña "Healthy at Home" y "beActive" y lanzar la tercera edición de "Walk The Talk", "From words to action, the health challenge for all".

Si bien se trata de una situación sin precedentes para el COI, en el pasado el Movimiento Internacional ya ha tenido que resolver muchas crisis políticas y sanitarias. En 1908, por ejemplo, durante los Juegos de la IV Olimpiada en Londres, tuvieron lugar allí dos incidentes políticos. Los rusos se opusieron a la presencia de la bandera finlandesa y los británicos a la de Irlanda. En 2016, durante los Juegos de la Olimpiada XXXIe en Río de Janeiro, los organizadores brasileños tuvieron que hacer frente a una nueva epidemia, el virus Zika.

Desde el restablecimiento de los Juegos Olímpicos y la creación del COI el 23 de junio de 1894 en el Congreso Internacional celebrado en la Sorbona de París, muchas crisis políticas y sanitarias han marcado la historia de los Juegos Olímpicos modernos. En abril de 2015, la AISTS, por encargo de la COI, entre otros, realizará un estudio sobre el impacto económico de los OSI en Suiza para conmemorar el centenario de la creación de la COI en Lausana.[1]

Dos partes dedicadas al incumplimiento de la tregua olímpica durante la Primera Guerra Mundial y la instalación del COI en 1915 en Lausana permitirán comprender los aspectos geopolíticos así como el lugar que ocupan el organismo y los dirigentes del Movimiento Olímpico Internacional.

INCUMPLIMIENTO DE LA TREGUA OLÍMPICA: PRIMERA GUERRA MUNDIAL

Unos años antes del estreno mundial, el COI toma dos decisiones importantes. El primero fue organizar un congreso y festividades en 1914 para conmemorar el 20º aniversario del restablecimiento de los Juegos y el segundo designar la ciudad anfitriona de la VI Olimpiada en 1916. Para decidir las posibles opciones, el Movimiento Olímpico Internacional reúne a sus miembros en una Asamblea General, llamada Sesión.

En este marco, el 23 de mayo de 1911, los miembros del COI, bajo la presidencia del Barón Pierre de Coubertin, inauguraron oficialmente la 14ª reunión en los locales de la Academia Húngara de Ciencias en Budapest. Durante una semana, varios temas estuvieron en la agenda, incluyendo las celebraciones del 20º aniversario del restablecimiento de los Juegos. Sobre este punto, Coubertin indicó, el jueves 25 de mayo, en la sesión de la mañana, "que ninguna ciudad podría estar mejor preparada para esta celebración que la Ciudad de París, cuna de la renovación de los Juegos Olímpicos y del COI.

Este evento no podría ser mejor consagrado que por una gran Reunión de los Comités Olímpicos de todas las Naciones reunidos en Congreso en la Sorbona donde, hace 20 años, los Pioneros de la Nueva Idea sentaron las bases del COI"[2]. El estadounidense Sloane, el conde monegasco Albert Gautier y el húngaro Jules de Muzsa intervinieron en la sesión para apoyar el doble proyecto de las celebraciones y el Congreso. "La moción fue votada por unanimidad y con el aplauso de los miembros de la COI[3]. Para Coubertin fue un verdadero plebiscito.

La elección de la ciudad sede de la VI Olimpiada se hizo durante la 15ª Sesión, que tuvo lugar en Estocolmo en 1912 y comenzó el 4 de julio`. Tras la sesión inaugural, Coubertin anunció los nombres de las tres ciudades candidatas:

1. Berlín (Alemania)
2. Budapest (Hungría)
3. Alejandría (Egipto)

Sin esperar, Jules de Musza anunció que su país, Hungría, se retiraba en favor de Alemania. "Berlín fue proclamada por unanimidad y por aclamación como la sede de la VI Olimpiada"[5]. El representante de Alemania, el conde Sierstorpff de Berlín, en su agradecimiento, declaró que contaba con el apoyo del emperador Guillermo II y del Gobierno y que "se compromete

a garantizar la aplicación de las condiciones definitivas de las Olimpiadas de 1914 a la Olimpiada de 1916 en Berlín"[6]. Para Coubertin, "todo se ve bien"[7]. Él propuso en nombre del COI para enviar un telegrama a Su Majestad el Emperador de Alemania para informarle de esta designación.

Han pasado dos años. Antes de que se iniciaran en París las celebraciones del XX aniversario del restablecimiento de los Juegos Olímpicos y del congreso de los Comités Olímpicos Nacionales del 15 al 23 de junio de 1914, el COI reunió a sus miembros el 13 de junio de 1914 para celebrar su 16ª reunión, que tuvo lugar en el Automóvil Club de Francia. Por invitación del Marqués de Polignac, todas las delegaciones fueron invitadas, por un tren especial, a ir al Colegio de Atletas de Reims para seguir las fiestas: demostraciones de ejercicios físicos, espectáculos artísticos y náuticos... Por último, al día siguiente, el domingo 28, el encuentro deportivo organizado en Reims por la Unión de Sociedades Deportivas de Atletismo pondrá fin a la quincena olímpica en forma y "musculatura"[8].

El último día del congreso coincidió con el asesinato del archiduque Francisco Fernando, heredero del imperio austrohúngaro, y de su esposa, Sofía Chotek, duquesa de Hohenberg, que se encontraba de visita en Sarajevo (Serbia). Este ataque asesino está en el origen de la Primera Guerra Mundial. No fue hasta 1915 que Coubertin decidió cancelar la Olimpíada de 1916 en Berlín y recordar "No se puede celebrar una Olimpíada; su número permanece"[9]. La Semana de Deportes de Invierno en la Selva Negra y en Berlín, prevista para febrero de 1916, también fue cancelada.

EL COI EN LAUSANA

Con el estallido de la Primera Guerra Mundial, Coubertin tomó la decisión inicial de transferir el COI, su sede y sus archivos a

un país neutral. Su elección se dirigió naturalmente a Suiza en Lausana.

Ya en 1903, el interés de Coubertin por Suiza para su obra se basaba en tres razones principales: su posición geográfica en el centro de Europa, "[...] su papel como campo de pruebas para las naciones civilizadas"[10] y la futura ubicación de la sede permanente del Comité Olímpico Internacional. En noviembre de 1906, en un artículo titulado "Suiza, reina de los deportes", Coubertin se convenció de que el país tenía todas las bazas para convertirse en la nueva Olimpia moderna[11]: "El punto de convergencia del deporte universal está ahora fijado. Es Suiza"[12]. Con la ayuda de su amigo y colega suizo, el barón Godofredo de Blonay, futuro presidente del Comité Olímpico Suizo (fundado en 1912), Coubertin despliega toda su energía para convencer a las autoridades cantonales suizas y a sus habitantes de que su territorio tiene todas las cualidades para convertirse en la Olimpia moderna. Sin resignarse, Coubertin escribió: "Un país así estaba destinado a desempeñar un papel olímpico considerable, pero había que convencerlo"[13].

En octubre de 1909, en la Revista Olímpica Coubertin escribió por primera vez sobre un concurso internacional de arquitectura[14] cuyo propósito es elaborar planes para una futura ciudad[15] que se llamará Olimpia moderna[16]. Preside el jurado el Sr. Homolle, miembro del Instituto de Francia, antiguo director de la Escuela de Atenas y director de los museos nacionales. El Sr. Trélat, director de la Escuela Especial de Arquitectura de París, es nombrado comisario general del concurso. Para facilitar la labor de los competidores, la fecha límite de inscripción es el 10 de abril de 1911[17], el COI publica una serie de artículos en su revista oficial bajo el título "Olimpia moderna"[18].

El 16 de mayo de 1911, en el gran patio interior del Palacio de la Sorbona, el Sr. Homolle entregó oficialmente la medalla olímpi-

ca ofrecida como premio por el COI a los Sres. Eugène Monod y Alphonse Laverrière, arquitectos de Lausana (Suiza)[19] para su proyecto "Olimpia en la orilla derecha del lago Lemán"[20]. La Sociedad de Amigos del Olimpismo de Lausana, que hace campaña junto con Pierre de Coubertin para mantener en Lausana "un centro activo de cultura y espíritu olímpico"[21], evoca las razones del éxito de los arquitectos Monod y Laverrière. "Los autores del proyecto no lo habían diseñado de una manera simplemente ideal sin especificar su ubicación. Habían localizado su "Olympie" cerca de Lausana, descendiendo hacia el lago a través de sucesivas terrazas entre las que serpenteaba una especie de camino triunfal que unía el estadio con la orilla"[22]. Para el Tribune de Lausana, el éxito de Monod y Laverrière "trajo el nombre de nuestra ciudad a los anales del Olimpismo"[23].

Al año siguiente, en los Juegos Olímpicos de Estocolmo, el COI volvió a proponer el mismo tema de la "Olimpia Moderna" para el concurso de arquitectura. "El mismo proyecto arquitectónico, de los mismos arquitectos de Lausana, Monod y Laverrière, será coronado en Estocolmo bajo el título: Estadio de una Olimpia Moderna"[24]. Esta segunda victoria de Monod y Laverrière se inscribe perfectamente en la estrategia de Pierre de Coubertin de convencer al público de que los Juegos Olímpicos, las artes y la cultura deben establecerse firmemente a orillas del lago Lemán en Lausana. En 1919, la tribuna de Lausana dedicó varios artículos a los proyectos de estos dos galardonados y destacó su importancia para la ciudad suiza[25]. "[...] se trata de un proyecto de capital importancia, cuya puesta en práctica resonaría en todo el mundo y convertiría a Lausana en la verdadera metrópoli de la educación física"[26]. Para el COI y Coubertin, se hizo necesario que los Juegos Olímpicos tuvieran lugar en un marco fijo. Para apoyar este ambicioso proyecto, se creó una Sociedad de Amigos del Olimpismo, presidida por el arquitecto Monod, con el objetivo de recaudar fondos para ponerlos a disposición del Olimpismo[27].

Los dos proyectos de Monod y Laverrière deben servir de ejemplo para convencer a la opinión más escéptica e internacional. En vista del creciente éxito de los Juegos Olímpicos y de su gigantesco tamaño ("En Londres [en 1908], por ejemplo, había ochenta mil espectadores y más de dos atletas")[28], cada vez es más difícil para las ciudades organizarlos.

En una carta dirigida al municipio de Lausana en 1920, Coubertin menciona confidencialmente todas las dificultades de la ciudad de Londres para organizar los Juegos de la IV Olimpiada en 1908. El Comité Olímpico Inglés escribió al presidente del COI: "Hemos venido, debido al aumento de los gastos que implican los Juegos Olímpicos, a considerar seriamente que podría ser apropiado elegir un solo lugar para la celebración de los Juegos, siempre la misma Lausana u otra. En lugar de construir y establecer el estadio y las organizaciones necesarias a un gran costo para cada Olimpíada, esto sería un gasto hecho de una vez por todas [...] Esta organización permanente sería verdaderamente la Olimpíada moderna"[29].

En su reunión del 10 de abril de 1915, la Municipalidad de Lausana, presidida por su síndico, el Sr. Maillefer, y el COI establecieron oficialmente, en menos de treinta minutos, el traslado del COI a Lausana: "La Municipalidad toma nota de la reciente decisión del Comité Olímpico Internacional que declara que elige domicilio en Lausana y establece allí su sede"[30]. Con motivo de la firma de este acto oficial, Coubertin declara abiertamente su estrategia con respecto al establecimiento del COI en Lausana: "El acto que se está llevando a cabo en este momento se preparó hace mucho tiempo. Ya en 1907 se había previsto que este país se convertiría en el centro de nuestra actividad internacional"[31]. El municipio ofrece al Casino de Montbenon una sede del COI para albergar, entre otras cosas, sus archivos y el Museo Olímpico. Ese mismo año, Francis-Marius Messerli fundó la Comisión de Propaganda Olímpica y Depor-

tiva de Lausana con el objetivo de apoyar las acciones del COI y de Coubertin en Lausana.

Durante la Primera Guerra Mundial, el gobierno francés pidió a Pierre de Coubertin "[...] cuando los prisioneros de guerra evacuados de los campos alemanes acudieron en masa a Suiza, que organizara cursos para los internos franceses y belgas" [32]. Para satisfacer esta necesidad, Coubertin creó el Instituto Olímpico de Lausana (IOL) que instaló en el Casino Montbenon. En 1917 comenzó la primera sesión. Inmediatamente, el renovador de los Juegos "[...] dedicó [esta sesión] a los internos y presentó la restauración del centro educativo municipal, el antiguo gimnasio, como capaz de satisfacer las necesidades de la actualidad y de resolver los problemas más acuciantes" [33].

Para ayudar a Coubertin en la restauración del antiguo gimnasio griego a través de la LIO, se formó el 6 de julio de 1917 la Société Lausannoise des Amis de l'Olympisme (SLAO). Esta sociedad tenía tres objetivos principales. El primero es fomentar el funcionamiento de la LIO y la difusión de sus métodos y doctrinas. La segunda es hacer popular la actividad física, con el apoyo de las autoridades públicas. Por último, el tercero es preparar la construcción de la Olimpia moderna[34]. La tribuna de Lausana especifica el papel de la SLAO: "La SLAO fue fundada para interesar a la opinión pública en el papel que nuestra ciudad puede desempeñar en el renacimiento del Olimpismo y más concretamente en este gran proyecto: la construcción en Lausana de la Olimpia moderna"[35].

CONCLUSIÓN

Es a Pierre de Coubertin a quien debemos este neologismo "Olimpismo". A la pregunta, "¿Qué es el Olimpismo? "Coubertin responde con la siguiente definición: "Es la religión de la

energía, el culto a la voluntad intensiva desarrollado por la práctica de deportes viriles basados en la higiene y el civismo y rodeados de arte y pensamiento"[36]. Para Pierre de Coubertin, el olimpismo es una herramienta que debe servir para educar a la juventud apoyándose en una doble práctica, tanto deportiva como intelectual. Este ambicioso programa consiste en asociar un equilibrio entre la mente y el cuerpo, como lo demuestra su famoso lema "Mens fervida in corpore lacertoso".

A pesar de este deseo declarado de desarrollar un instrumento "olímpico" apolítico al servicio de los pueblos, la organización de los Juegos Olímpicos se ha convertido en un escaparate internacional. Las Olimpiadas, sinónimo de tregua durante la Antigüedad, se convirtieron en el escenario de trágicas apuestas como en Munich en 1972 y en un medio de presión para defender causas como en la Ciudad de México en 1968. Para los dictadores que quieren demostrar su poder y justificar sus opciones políticas, los Juegos se han convertido en un escaparate ideológico, como en 1936 con Adolf Hitler. Otros secuestros del evento olímpico pueden destacarse como el criterio económico. En 1996, los americanos obtuvieron la organización de los Juegos del Centenario en Atlanta. Se celebrarán bajo la égida de grandes marcas y grandes grupos de televisión como Coca-Cola y CNN que tienen su sede allí. Finalmente, algunas naciones quieren mostrar su desacuerdo con la comunidad internacional boicoteando los Juegos. En 1976, todos los países africanos boicotearon los Juegos de Montreal, excepto el Senegal y Côte d'Ivoire, para mostrar su desacuerdo con el COI, que no excluyó a Nueva Zelandia de los países invitados debido a su especial relación con Sudáfrica. La Guerra Fría, que divide a los dos bloques, también está teniendo un impacto en el funcionamiento de los Juegos. Así, en 1980, Moscú, y 1984, Los Ángeles, "Los atletas fueron víctimas de la Guerra Fría y especialmente de las decisiones de los líderes de las dos superpotencias, quienes, incapaces de resolver los problemas políticamente, pidieron a los atletas que lo hicieran en su lugar"[37].

El Olimpismo moderno, organizado por el COI de Lausana, ha tenido que hacer frente a numerosas crisis políticas y sanitarias a lo largo de su historia. Sin embargo, y como revela el estudio de la AISTS, el impacto de la instalación de la COI en Lausana ha sido gigantesco desde 1915. En la actualidad, 45 OSI están situadas en Suiza, 31 de ellas en Lausana, y generan 1.070 millones de francos anuales, de los cuales 250 millones corresponden a Lausana. El COI, la FIFA y la UEFA son, con mucho, los mayores contribuyentes y los principales empleadores (2.150 personas).

NOTAS

1. Amandine Bousigue et Claude Stricker, L'impact économique des Organisations sportives internationales en Suisse 2008-2013, Académie internationale des sciences et techniques du sport, Lausanne, Abril de 2015.

2. Archivos de la COI/Budapest 1911 - Actas del 23 al 27 de mayo, pág. 21.

3. Ibid., p. 22.

4. Archivos del COI/Estocolmo 1912 - Actas del 4 al 17 de julio, pág. 12.

5. Ibid.

6. Ibid., pág. 14.

7. Pierre de Coubertin, Memorias Olímpicas, Oficina Internacional de Educación Deportiva, Lausana, 1931, pág 125.

8. Pierre de Coubertin, "Las fiestas olímpicas de Reims", Revista Olímpica, Lausana, julio, n°103, 1914, pág 111.

9. Pierre de Coubertin, Memorias Olímpicas, Oficina Internacional de Educación Deportiva, Lausana, 1931, pág 147.

10. Pierre de Coubertin, “El congreso de psicología deportiva (Lausana 1903)”, Memorias Olímpicas, Oficina Internacional de Educación Deportiva, Lausana, 1931, pág. 129.

11. Yves-Pierre Boulongne, “Las presidencias de Demetrio Vikelas (1894-1896) y Pierre de Coubertin (1986-1925)”, editado por Raymond Gafner, 1894-1994. Un siglo del Comité Olímpico Internacional. La Idea, los Presidentes, la Obra, Vol. I, Lausana, Comité Olímpico Internacional, 1994, pág 141.

12. Pierre de Coubertin, “Suiza, Reina de los Deportes”, Revista Olímpica, noviembre de 1906, n°11, pág 163.

13. Pierre de Coubertin, “Le congrès de psychologie sportive (Lausanne 1913)”, Memorias Olímpicas, Bureau international de pédagogie sportive, Lausana, 1931, pág 129.

14. Pierre de Coubertin, “En vista del concurso internacional de arquitectura”, Revista Olímpica, n°46, oct. 1909, pág 147-148.

15. Pierre de Coubertin, “Programa del Concurso Internacional de Arquitectura”, Revista Olímpica, n°49, janv. 1910, pág 3-4.

16. Pierre de Coubertin, “Boletín del Comité Olímpico Internacional”, Revista Olímpica, n°59, nov. 1910, pág 175.

17. Pierre de Coubertin, “El concurso de arquitectura olímpica”, Revista Olímpica, n°60, déc. 1910, pág 179.

18. Pierre de Coubertin, “Una Olimpia moderna”, Revista Olímpica, n°49, oct. 1910, pág 153.

19. Pierre de Coubertin, “La fiesta olímpica de la Sorbona”, Revue olympique, n°66, junio de 1911, pág 83-85.

20. Éric Monnin, L’Olympisme à l’école ? Presses Universitaires de Franche-Comté et Pôle éditorial multimédia de l’Université de Technologie de Belfort-Montbéliard, 2008, pág 152.

21. Francis-Marius Messerli, “La Oficina Internacional de Pedagogía Deportiva (BIPS) y el Instituto Olímpico de Lausana (IOL)”, Boletín del Comité Olímpico Internacional, n°13, Enero 1949, pág17-18.

22. Société lausannoise des amis de l’olympisme, “El proyecto del olimpismo moderno y el futuro de Lausana - Lausana, una metrópolis de la educación física”, Folleto especial, 1918. Archives de la construction moderne - EPFL, Alphonse Laverrière fonds, cote 02.

23. “Olimpia Moderna n° 1”, Tribune de Lausana, n°14, miércoles 15 de enero de 1919, pág 1.

24. Yves-Pierre Boulongne, “Las presidencias de Demetrio Vikelas (1894-1896) y Pierre de Coubertin (1986-1925)”, editado por Raymond Gafner, 1894-1994. Un siglo del Comité Olímpico Internacional. La Idea, los Presidentes, la Obra, Vol. I, Lausana, Comité Olímpico Internacional, 1994, pág 142.

25. “Olympie moderne n°1”, en el Tribune de Lausana, n°14, miércoles 15 de enero de 1919 y “Olympie moderne n°2”, en el Tribune de Lausana, n°17, sábado 18 de enero de 1919.

26. “Olympie moderne n°1”, Tribune de Lausanne, n°14, miércoles 15 de enero de 1919, pág 1.

27. Francis-Marius Messerli, “Le bureau international de pédagogie sportive (BIPS) et l’Institut olympique de Lausanne (IOL)”, Boletín del Comité Olímpico Internacional, Nº 13, enero de 1949, pág 17.

28. “Olympie moderne n°1”, Tribune de Lausanne, n°14, miércoles 15 de enero de 1919, pág 1.

29. Pierre de Coubertin, Carta manuscrita al municipio de Lausana, 14 de abril de 1920. Archivos de la ciudad de Lausana / Encuadernación n°1: Olimpismo 1915-1925 (número de archivo B1 225.3.5), pág 17.

30. Acta de la sesión plenaria del municipio de Lausana del 10 de abril de 1915. Documento mecanografiado. Archivos de la ciudad de Lausana / Encuadernación n°1: Olimpismo 1915-1925 (número de archivo B1 225.3.5).

31. Acta de la sesión plenaria del municipio de Lausana del 10 de abril de 1915. Documento mecanografiado. Archivos de la ciudad de Lausana / Encuadernación n°1: Olimpismo 1915-1925 (número de archivo B1 225.3.5).

32. “Hommage à de Coubertin - 1863-1963”, Boletín del Comité Olímpico Internacional, Nº 80, noviembre de 1962, pág 11.

33. Société lausannoise des amis de l’olympisme, “Le projet d’olympisme moderne et l’avenir de Lausanne - Lausanne, métropole d’éducation physique”, Folleto especial, 1918, p.2. Archives de la construction moderne - EPFL, Fonds Alphonse Laverrière cote 02.

34. Circular anunciando la asamblea constitutiva de la Sociedad de Amigos del Olimpismo de Lausana, viernes 6 de

julio de 1917. Archives de la construction moderne - EPFL, Alphonse Laverrière fonds, cote 02.

35. “Olympie moderne n°1”, Tribune de Lausanne, n°14, miércoles 15 de enero de 1919, pág 1.

36. Norbert Müller y Otto Schantz, Pierre de Coubertin. Textos seleccionados, Volumen III: Práctica deportiva, Zúrich, Weidmann, 1986, pág 446.

37. Gilles Manceron, “Berlin, 1936 : les liaisons dangereuses”, TDC, París, CNDP, 1-15 de abril de 1996, n°713, pág 23.

ENGLISH

THE INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE'S STRATEGIC MOVE TO LAUSANNE PROMOTED BY PIERRE COUBERTIN

On 24 March 2020, IOC President Thomas Bach made the historic decision to postpone the XXXII Olympic Games in Tokyo. Since this announcement, ties to the World Health Organization (WHO) that began in the early 1980s have strengthened. On 23 June, Olympic Day, the IOC, WHO and the United Nations joined forces to address the VIDOC-19 pandemic through the #Healthy Together program, with the aim of fostering be-

havior to help people stay physically and mentally healthy and curb the pandemic.

A few weeks earlier, on 16 May, the IOC signed a memorandum with WHO to join its "Healthy at Home" and "beActive" campaign and launch the third edition of "Walk The Talk", "From words to action, the health challenge for all". While this is an unprecedented situation for the IOC, in the past the International Movement has already had to resolve many political and health crises. In 1908, for example, during the 4th Olympic Games in London, two political incidents took place. The Russians opposed the presence of the Finnish flag and the British to that of Ireland. In 2016, during the XXXI Olympic Games in Rio de Janeiro, Brazilian organizers faced a new epidemic, the Zika virus.

Again, reviewing the past, with the outbreak of the First World War, Pierre de Coubertin took the decision to transfer the International Olympic Committee, its headquarters and archives to a neutral country. His choice naturally turned to Lausanne, in Switzerland. On 10 April 1915, the municipality of Lausanne, presided over by its managing director, Mr. Maillefer, and the IOC officially established the transfer of the IOC headquarters from Paris to Lausanne.

For the centenary of the IOC's installation in Lausanne, the International Academy of Sports Science and Technology (AISTS), commissioned by the IOC, among others, reveals through its study, the impact of the IOC's installation in Lausanne: from the 45 International Sports Organisations (ISOs) located in Switzerland, 31 are in Lausanne. Each year, these organisations generate 1.07 billion francs, 0.25 billion of which is for Lausanne. The IOC, FIFA and UEFA are by far the largest contributors and major employers (2,150 people).

ENGLISH

RESPECTING RULES AND RESPONSIBILITY TOWARDS SPORT

Stephan Wassong

First of all, let me congratulate Professor Nelson Todt and Professor Lamartine DaCosta for their brilliant initiative. The idea of the eMuseum Exposition has been an innovative approach to keep the cultural dimension of sport alive in times when museums are closed due to the COVID-19 pandemic. Now, the chapters of this book are offering the possibility to reflect on each presentation displayed in the museum in detail.

After WWI political, economic, cultural, educational and social structures had to be revitalized, altered and changed. This was an enormous undertaking which required effort, discipline, altruism and trust on the side of all actors and citizens. According to governmental policies, which were supported by educators and physicians, sport needed to make a contribution to this. The metaphor of “the doctor for the recovery of the nation” was widely used in post-WWI Europe.

Certainly, Pierre de Coubertin was among the advocates stressing the role of sport for the healthy and future-oriented development of societies. His various speeches and articles are the testimony to this. As an example, we can refer to Coubertin's speech What we can now ask of sport, which he delivered as early as the last year of WWI to the Greek Liberal Club of Lausanne, 24 February 1918, or to the 21 Olympic Letters which Coubertin published in late 1918 and early 1919 in the Lausanne newspaper La Gazette.

Not without taking into consideration the challenging situations caused by the aftermath of WWI, Coubertin encouraged citizens across all age groups to return to sport. According to him, sport contributed to strengthening health, revitalizing individual optimism, optimizing self-discipline, developing altruism and even social peace. Coubertin was realistic enough to know that the motivation of citizens to re-engage in sport during their leisure time had to go along with the provision of public sports centers open and accessible to all.

Coubertin's idea was the revival of the "ancient gymnasium" in the sense of a communal sports center. In modern times, ancient gymnasiums should become places which city people of all social classes could attend free of charge. It was Coubertin`s opinion that these gymnasiums were not only institutions for improving one`s health and fitness but were also training centers for democracy, morality and hygiene. Visitors of all social classes should mingle in the modern gymnasium to practice democratic behavior by preparing for and participating in sport together. Coubertin did not want to present a prescribed catalogue of behavioral rules. The sporting situation itself should make evident the positive influence of sport on physical, intellectual and social vitality. But to achieve this, the rules of the sports game or the sports discipline had to be accepted. A bypassing of them would lead to unhealthy and

hence unwanted rivalry. This would diminish the social responsibility ascribed to sport.

In order to support the establishment of such communal sports centers, Coubertin founded "The Olympic Institute" in Lausanne in the winter of 1916/17. Its aim was not only to propagate the idea of communal sports centers, but also to serve as a best-practice example at the same time. Its motto was mens fervida in corpore lacertoso (A fervent spirit in a well-trained body).

The municipality of Lausanne offered Coubertin a room in the Casino of Montbenon, which had gone bankrupt in 1912 and since then had been used for meetings and events of local societies. Coubertin published an article on the Olympic Institute in Lausanne in the La Gazette de Lausanne on 14 October 1918:

"Alongside the International Olympic Committee, but in complete independence of it, there is the Olympic Institute of Lausanne, a much more recent establishment run by a smaller group, comprised almost exclusively of natives of Canton Vaud. Its goal is to revive the ancient gymnasium. Once that institution is modernized, it should become a focal point of civic spirit and the heart of the community, a factory of social peace."

Municipalities other than the one in Lausanne were not open for this project idea and in many cases did not even consider it in discussions. Probably because of this negative result, Coubertin once again tried to promote the idea of the revival of the ancient gymnasium. He did so at the 8th Olympic Congress which was held in Prague from 29 May to 4 June 1925. It was the last Olympic Congress under Coubertin's presidency. In actual fact, the gathering in Prague consisted of two separate congresses. One was announced as the "Technical Olympic Congress" and the second one as the "Pedagogical Olympic Congress". As to the latter, the program contained nine topics

of which the fifth topic was dealing with the revival of the ancient gymnasium.

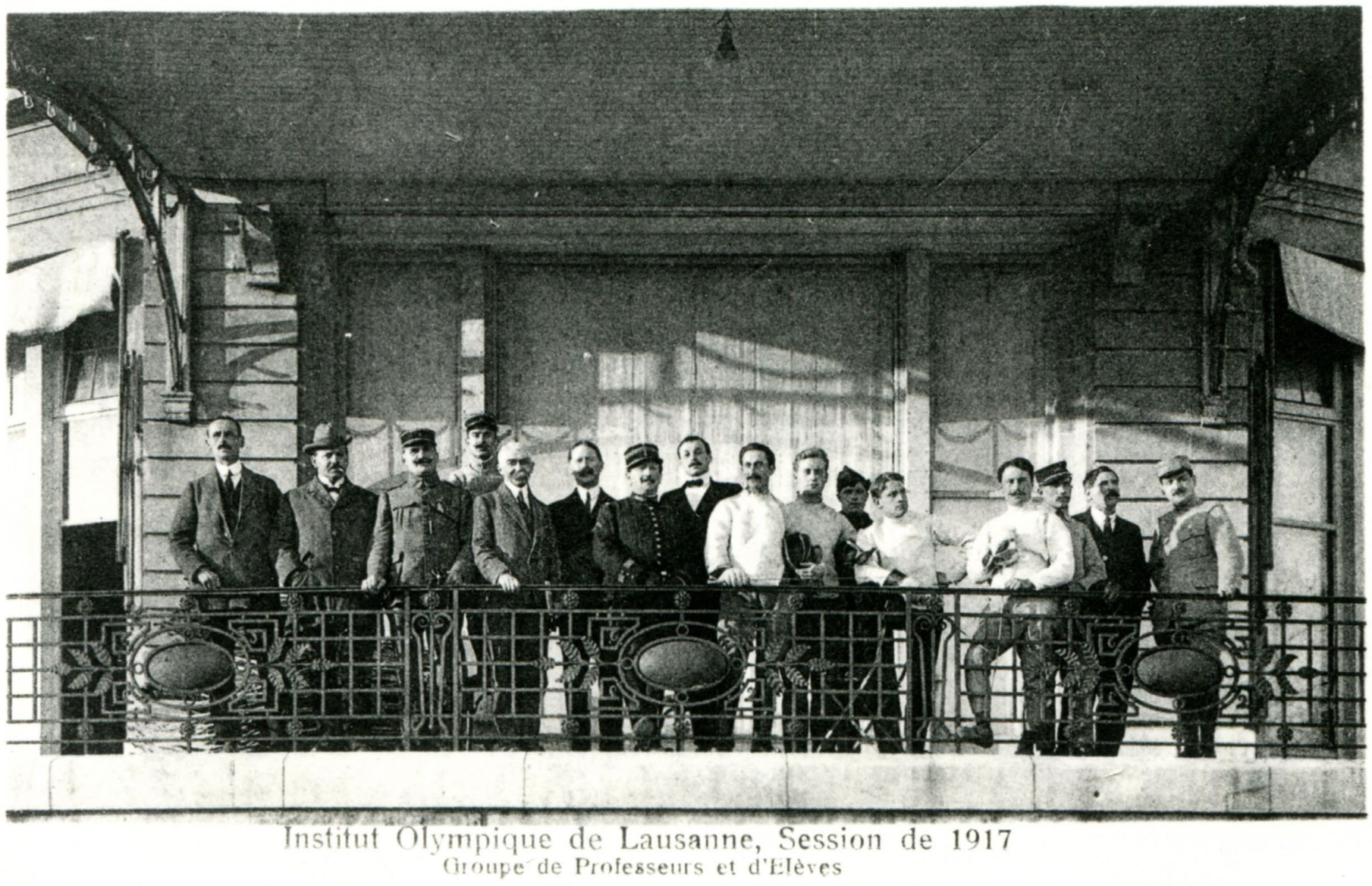


Fig 1: Caption: Olympic Institute Lausanne 1917

However, we must not compare the terrifying consequences of WWI with the COVID-19 pandemic. What can be said is that the pandemic is also a massive challenge for political, economic, medical, social, educational and cultural parameters. Again, revitalization has to rely on individual, communal and national efforts as well as on international collaboration. To achieve this and to prepare for the post-COVID-19 time we need to respect self-discipline, optimism, collaboration and understanding. We all know that sport can contribute to the development of these values and attitudes. But we have to be careful and have to respect limitations.

Like in all other areas of professional, private, economic, political, social, educational and cultural life, sport was also hit by

the governmental lockdown policies. Liberalization of these policies, which have been introduced in many countries so far, should not lead to the false understanding that we can return to sport in the way we have been used to before the pandemic. We need to be patient while restrictions are being reduced in stages. Slowly sport can be practiced but within responsible frameworks such as in smaller teams and keeping distance where possible. Alterations of long-established rituals, such as shaking hands or hugging, must be respected. Should they not be respected, sport will be hit by a second lockdown and will probably lose its value as a supporter in tackling the consequences of COVID-19. As advocates of sport, we have to accept the current situation and respect the present rules for practicing sport. Sport is not a world on its own. It is a part of the present reality, and our understanding of this reality will increase the contribution which sport can make to the attenuation of the current COVID-19 crisis.

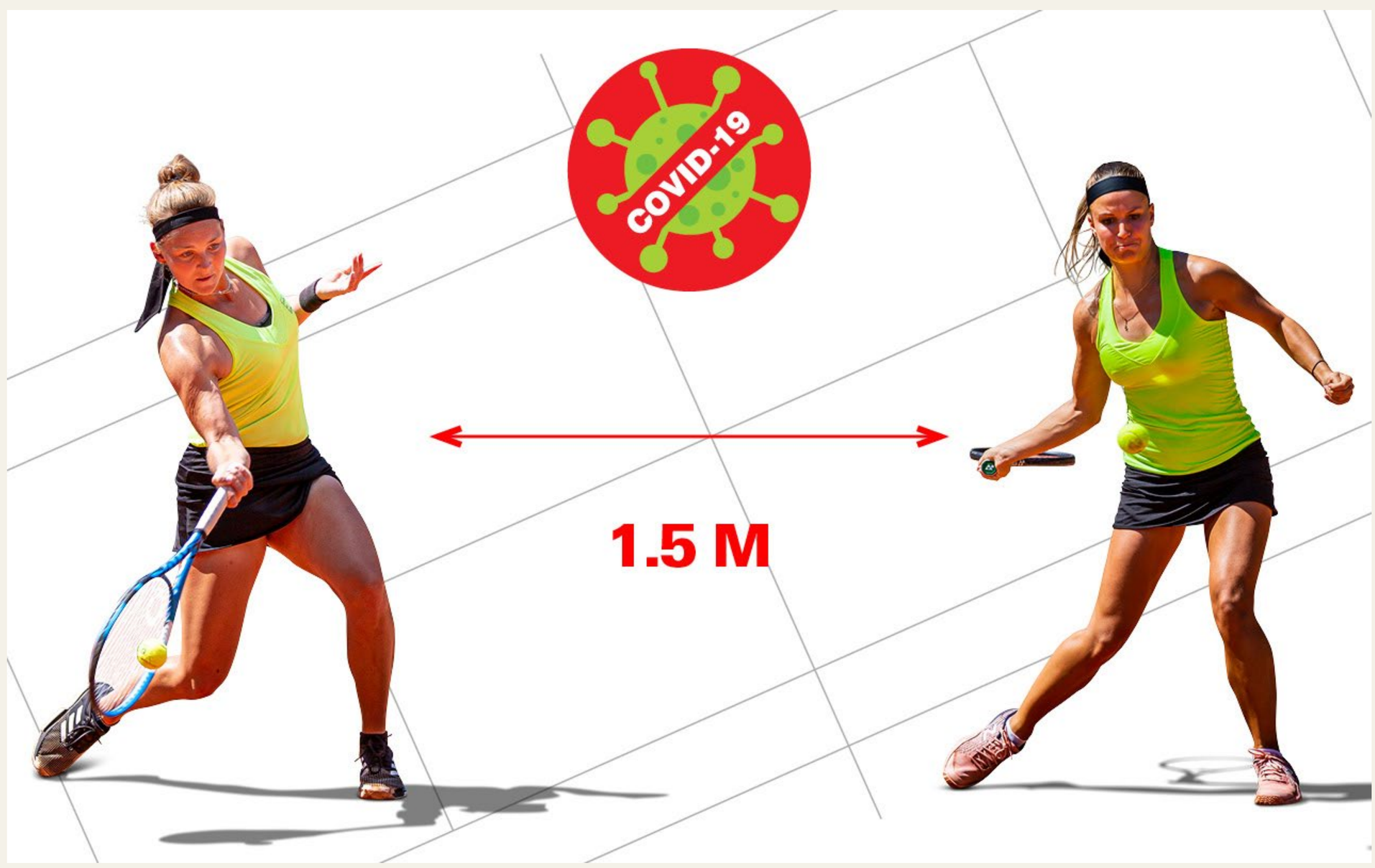


Fig 2 - Caption: Respecting the Rules.

Considering these circumstances, it has been a responsible decision to postpone the Olympic Games Tokyo 2020. The decision of the IOC shows that Olympic sport is not of a self-serving nature, but that it is guided by respect for its own responsibility towards society. This is what Coubertin demanded, and the current decision of the IOC is clearly in line with the ideas of Coubertin in the modern context of our time. In his second letter on Olympism and Corona, which IOC President Thomas Bach sent out to the Olympic Family in September 2020, the following was mentioned: “What we can see now is that sport is widely recognized as an essential factor in fighting the pandemic, which still persists in many countries. Sport is also accepted as an integral part of the solution for the crisis recovery, which is underway in other countries”.

Thankfully, we are also seeing live sports events taking place again. The very positive reception of these events clearly demonstrates that not only athletes and sports organizations but also the public at large have been longing for the return of sport as an integral part of our lives. We also see that sport can be organized safely, even under the ongoing restrictions. This should give all of us confidence in our preparations for future events, including the Olympic Games Tokyo 2020. I would like to thank all the people who have brought us this far by working tirelessly to keep our societies going, and all of you in the sporting community who are working with great responsibility and creativity to organize sports events, safeguarding the health of all concerned.

Based on this early success, we are looking forward to the time when the many restrictions, which are essential now, can be eased. But we have to continue to act in a responsible way when it comes to planning and scheduling our sports events. The virus is not defeated yet. We must continue to contribute to its containment and be a part of the solution for the recovery from the crisis.

REFERENCES

Bach, Th.: Olympism and Corona II. Letter sent to the Olympic Family on 22 September 2020.

Coubertin, Pierre de: Lettres Olympiques I: L `Olympisme à Lausanne. In. Gazette de Lausanne 14th Oct (1918), nr. 282, 2.

International Olympic Committee (Editing Director: Norbert Müller): Pierre de Coubertin 1863 – 1937. Olympism Selected Writings. Lausanne 2000.

Wassong, St. Olympic Institute Lausanne. http://www.coubertin.org/pierre-de-coubertin/beyond-the-olympics/olympic-institute-lausanne/Wassong, St., Müller, N., Chappelet, J.L. (Eds.): Pierre de Coubertin and the Future. CIPC-Symposium Lausanne 24th – 25th January 2014. Kassel 2016.

Krieger, J. & Wassong, St.: The Composition of the IOC: Origins and Key Turning Points in the Governance of the Olympic Movement. In: Chatziefstathiou, D., García, B., Séguin, B. (Eds.): Routledge Handbook of Olympic and Paralympic Games. London (in print for 2021).

PORTUGUÊS

RESPEITANDO REGRAS E RESPONSABILIDADES NO ESPORTE

No capítulo é feita uma análise de como Pierre de Coubertin considerava o esporte como um fator importante para revitali-

zar as sociedades após a Segunda Guerra Mundial. Mas, segundo Coubertin, isso só seria possível se as regras do esporte não fossem ignoradas.

Esse pensamento de Coubertin pode ser transferido para a situação contemporânea do esporte na pandemia COVID-19. Uma análise é realizada sobre como o esporte está desempenhando um papel importante na luta contra o COVID-19, mas que só pode ter sucesso quando mudanças são aceitas durante o tempo em que a pandemia ainda está influenciando nossas vidas.

Em relação aos esforços feitos para um novo status normal para as atividades esportivas e seu sucesso precoce, estamos ansiosos para o momento em que as muitas restrições, que são essenciais agora, podem ser facilitadas. Mas temos que continuar a agir de forma responsável quando se trata de planejar e agendar nossos eventos esportivos. O vírus ainda não foi derrotado. Devemos continuar contribuindo para a sua contenção e fazer parte da solução para a recuperação da crise.

PORTUGUÊS

O CULTO DO EQUILÍBRIO DO EXCESSO EM PIERRE DE COUBERTIN

Gustavo Pires

A máxima délfica "nada em excesso" determinava para os gregos antigos os três aspectos fundamentais da vida a que deviam obedecer. Eram eles: (1º) A simetria do todo; (2º) A proporção das partes e; (3º) A harmonia da situação. E procuravam que este triângulo virtuoso estivesse presente em todas as atividades humanas, na educação, na ginástica e nos jogos, na política e até na guerra onde a coragem em excessos era condenada e considerada uma covardia. Aristóteles chamava-lhe a "média de ouro" que representava a filosofia de vida do meio-termo uma vez que as virtudes deviam ser encontradas entre o excesso e o defeito do caráter de cada um que determinava o seu sentido ético da vida. Enquanto Atenas treinava os soldados para a paz, Esparta fazia-o para a guerra. Mas os gregos também sabiam que o homem, como refere Nietzsche na Competição em Homero, é um ser passional que se move pelos desejos de superação descritos por Hesíodo em Os Trabalhos e os Dias. De fato, a pedagogia popular grega exigia que cada talento se desenvolvesse pela luta porque sabiam que a luta era a mãe de todas as coisas. Segundo Herá-

clito, de uns fazia deuses de outros escravos. Na realidade, os gregos antigos se, por um lado, procuravam o equilíbrio da justa medida da sobriedade da sofrosina, por outro lado, eram movidos pelo impulso do excesso que os levava ao Mal de Húbris, mal que significava a falta de controle sobre as próprias pulsões devido a paixões excessivas.

Quando, em finais do século XIX, Pierre de Coubertin (1863-1937) arrancou com a ideia de, à escala do Planeta, instituir uma edição moderna dos Jogos Olímpicos, porque era um helenista de gabarito, sabia que todo o projeto tinha de ser concebido num equilíbrio dinâmico entre a virtude da sofrosina e a desvirtude do Mal de Húbris, quer dizer, entre o risco de estagnação devido ao impulso da moderação da sofrosina que animava as generalidade das escolas de ginástica e o risco do descontrole devido ao impulso do excesso do Mal de Húbris que contaminava as práticas desportivas de caráter popular que funcionavam à margem de qualquer controle institucional. Assim, o excesso em Coubertin traduziu-se numa contínua procura de um equilíbrio dinâmico entre simetria e dissimetria, proporção e desproporção, harmonia e desarmonia. Na perspectiva de Lamartine DaCosta, direi que se trata de um processo dialético entre "o excesso e a medida" porque o desporto em Coubertin é o excesso devidamente controlado através da justa medida que nos conduz ao conceito de euritmia que caracteriza um sistema em equilíbrio dinâmico.

Os primeiros sinais relativos a uma filosofia de excesso em Pierre de Coubertin tiveram o seu momento seminal em 1888, quando, inspirado no modelo desportivo inglês com o qual, aos nove anos de idade, tomara conhecimento ao ler o livro "Tom Brown's Schooldays" de Thomas Hughes publicado em fascículos no "Journal de la Jeunesse", Coubertin, sob o beneplácito de Jules Simon (1814-1896), um antigo primeiro-ministro de grande prestígio, arrancou com a fundação do "Comité pour la Propagation des Exercises Physiques" que consubstanciava um

projeto de educação desportiva a instituir nas escolas privadas que operavam no sistema educativo francês. O singular da decisão de Coubertin estava na designação da organização uma vez que, ao utilizar a expressão "exercises physiques" abandonou a tradicional expressão "education physique" que integrava as escolas de ginástica que pontuavam na Europa, em especial a de Francisco Amoros (1779-1848), sobretudo, no sistema educativo francês.

A iniciativa de Coubertin desencadeou a reação imediata de dois dos principais prosélitos da Educação Física em França: Paschal Grousset (1844-1909), que fundou a "Ligue Nationale de l'Éducation Physique" e Philippe Tissié (1852-1935), que fundou a "Ligue Girondine d'Éducation Physique". Grousset era um político proveniente da Comuna de Paris, entretanto, regressado à França depois de alguns anos de degredo, era jornalista dedicado às questões da educação chegou a ser deputado da República. Ele defendia uma Educação Física baseada nos jogos tradicionais franceses, tendo proposto a realização de uns Jogos Olímpicos populares que nada tinham a ver com o modelo de Coubertin que acusava de ser um anglófilo. O segundo, era um médico suecofílico, amante da chamada "suédoise", que entrou em ruptura ideológica aberta com Coubertin no II Congresso Olímpico de 1897, realizado na cidade portuária de Le Havre. Viria a ser um dos fundadores da Federação Internacional de Educação Física (FIEP). A partir de então, estes três homens envolveram-se numa disputa acerbada a fim de determinarem quem havia de ter a primazia ideológica sobre a organização das atividades físicas na França.

Para Coubertin o desporto moderno que desejava instituir estabelecia uma ruptura com a Educação Física, embora essa circunstância não fosse clara para a generalidade das pessoas que entendiam o novo paradigma do desporto como mais um meio de Educação Física tal como as várias escolas de ginástica e os diversos jogos competitivos atléticos informais e de

caráter recreativo que, no quadro da cultura popular, se organizavam por todo o lado. Estava-se perante uma mudança de paradigma, isto é, em matéria de organização social, o mundo estava a sair do paradigma agrícola e a entrar no paradigma industrial. E as mais diversas áreas sociais, entre elas o desporto, começaram a ser influenciadas pelos seis princípios do industrialismo definidos por Alvin Toflller (1980), a saber: (1º) Especialização dos processos de trabalho; (2º) Estandardização das normas e regulamentos; (3º) Concentração das pessoas em grandes instituições; (4º) Centralização do poder e do comando; (5º) Maximização dos resultados; (6º) Sincronização da vida através de um tempo artificial gerido à escala mundial. Pierre Parlebas (1981) considera mesmo que o desporto é o resultado da institucionalização dos jogos na sua passagem da sociedade agrícola para a sociedade industrial.

Apercebendo-se que, no âmbito da organização socioeconômica do industrialismo, as velhas escolas de ginástica estavam a deixar de responder às expectativas e necessidades da juventude, Coubertin, em ruptura com o passado, estabeleceu as grandes linhas histórico-epistemológicas que desencadearam o desporto moderno a partir das seguintes premissas: (1º) Do instituto lúdico-agonístico do jogo próprio do ser humano; (2º) Da organização do impulso lúdico-competitivo dos tradicionais "sports" ingleses de caráter recreativo praticados em plena natureza no século XIX e; (3º) Do Espírito Olímpico consubstanciado: (a) Na cultura agonística da Grécia antiga; (b) Na pedagogia da não diretividade de Thomas Arnold (1795-1842) e; (c) Na visão internacionalista de William Penny Brookes (1809-1895) líder da "Wenlock Olympian Society" (Inglaterra). E foi nesta lógica que Coubertin, desde o 1º Congresso Olímpico organizado em 1894, adotou a máxima do Frade Henri Didon (1840-1900), "Citius, Fortius, Altius", enquanto elemento catalítico que animava a euritmia do equilíbrio dinâmico do Movimento Olímpico (MO) moderno que fundamentava o processo de institucionalização e desenvolvimento sociopolítico do desporto à escala mundial.

Mas, o ambiente intelectual não era favorável ao desenvolvimento das práticas desportivas que, de uma forma natural, ganhavam uma adesão cada vez maior entre as classes populares. O que aconteceu foi que, devido ao dramatismo da morte do atleta português Francisco Lázaro que, nos Jogos Olímpicos de Estocolmo (1912), no dia 14 de Julho, colapsou na corrida da Maratona e viria a falecer no dia seguinte, os médicos belgas desencadearam um movimento contra o desporto e aquilo que diziam ser a exagerada especialização dos atletas, opinião que acabou por ter repercussões em todo o mundo durante o século XX. Diziam eles: "Ter o máximo de sujeitos superiores em cada competição, com a exclusão de todos os outros é o princípio da competição e ele é detestável; recompensa-se assim os monstros especializados em vez de basear a classificação no conjunto das qualidades adquiridas pelo atleta completo". Realmente, o mito do atleta completo, contra o atleta que, por natureza do próprio desporto, era um especialista, fundamentava o "karma" do pensamento eclético dominante que estava contra o excesso necessário à institucionalização das práticas desportivas que animavam o pensamento de Coubertin. Para ele, "suprimir os excessos (entenda-se resultados obtidos pelos atletas, por natureza, especialistas) era uma utopia dos não desportistas...", porque a essência do desporto estava na máxima do Frade francês Henri Didon: Citius, Fortius, Altius, pelo que defendia "o recorde enquanto vértice do Sistema Desportivo".

Neste sentido, para Coubertin, o Citius não significava só velocidade atlética, mas um espírito desperto e decidido perante a vida; o Fortius não significava só mais potência muscular, mas a força de vontade com que se enfrentavam os combates da existência; o Altius não significava só um objetivo atlético mais elevado, mas a própria elevação do indivíduo aos valores supremos da condição humana.

Nesta perspectiva, em 1911, em busca do excesso inerente ao equilíbrio dinâmico que fundamentava a sua visão em matéria de desporto, Coubertin estabeleceu mais uma ruptura. Desta feita com a religiosidade metafísica da máxima do poeta Juvenal "mens sana in corpore sano", que considerava "demasiado médica para desportistas", "excelentemente higiênica, mas nulamente atlética". E, em alternativa propôs, a máxima por si idealizada "mens fervida in corpore lacertoso", quer dizer, "um espírito ardente num corpo treinado", que estaria mais de acordo com o seu conceito de desporto que considerava ser a "religião da energia". E por quê? Porque para Coubertin, "... nenhuma educação era digna desse nome se, por princípio essencial, não se propusesse a desenvolver todas as forças do indivíduo". E assim, o seu pensamento estava envolto num sentido biossocial da luta, ao expressar-se das mais diversas formas competitivas que começavam na disputa pela sobrevivência, passavam pelo jogo da guerra e iam até ao jogo do desporto e da vida.

E, numa visão sociobiológica da questão, diz-nos: "... o desporto ao envolver a ideia de movimento, a ideia de aperfeiçoamento e a ideia de risco não pode ser de origem puramente animal, porque, dessas três ideias, a primeira é animal, enquanto o cérebro do ser humano é necessário à eclosão dos outros dois". Para ele, o desporto não se tratava de uma máquina para se conquistarem medalhas olímpicas, mas um sistema de superação pessoal e coletiva, que definia como "... o culto voluntário e habitual de exercícios musculares intensos incitados pelo desejo de progresso não temendo ir até ao risco". E esta ideia de excesso consubstanciada no risco foi certamente buscar a Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) que defendia na sua obra mais conhecida, "Émile ou de l'Éducation", que as crianças deviam ser colocadas em situações em que fossem obrigadas a "endurecer o corpo" relativamente às agruras do clima, do calor e do frio, à fadiga, à fome e à sede. Entendia que era "possível tornar uma criança robusta, sem fazer perigar a sua vida e a sua saúde" de maneira

a que, perante o risco, ela estivesse preparada para o superar. Porque, justificava, "...os riscos são inseparáveis da vida...".

No seu excesso, do ponto de vista orgânico, Coubertin projetava a institucionalização do MO a uma escala mundial. Para ele, a "conquista" de cada continente era de fundamental importância. Todavia, o continente africano, devido às questões coloniais, tinha um significado muito especial. E, em princípios do século XX, Coubertin teve oportunidade de o manifestar num artigo intitulado "Les Sports et la Colonisation", publicado na "Révue Olympique" de janeiro de 1912. Posteriormente, em 1913, o referido artigo foi editado no livro "Essais de Psychologie Sportive". A posição do autor era a de que o desporto podia jogar um papel importante e eficaz no processo de colonização. Mas levantava a seguinte questão: "... ao que parece, os invasores da África, representantes da civilização ocidental, não se preocuparam e nem sequer admitiram comparar as suas performances desportivas com as dos indígenas" das possessões que administravam. Estavam condicionados pela, segundo ele, falsa ideia de que uma vitória, "nem que fosse a brincar, da raça dominada sobre a raça dominadora podia assumir um significado perigoso e correria o risco de ser explorada pela opinião local como um incentivo à rebelião". Na realidade, o desporto era uma arma de dois gumes. Por defeito, através de um processo soft de aculturação, podia ser utilizado pelas potências coloniais como um instrumento de afirmação dos regimes junto das populações autóctones a fim de as levar a assimilar o padrão cultural do país administrante. Por outro lado, por excesso, numa estratégia de oposição aos regimes coloniais, podia ser utilizado pelos líderes independentistas africanos como um instrumento de afirmação das identidades nacionais tendo em vista a mobilização das populações indígenas para a conquista da autodeterminação e da independência. A África tratava-se de um continente com uma enorme riqueza étnica pelo que o desporto era de fundamental importância para a construção das identidades nacionais.

A “conquista de África” pelo desporto ultrapassou os vários modelos de ginástica que já haviam lá entrado através dos regimes coloniais que os utilizavam para promover a condição física e a disciplina pelo adestramento da ordem unida na formação das milícias locais. Entretanto, surgiu a 1ª Grande Guerra na Europa que também se estendeu à África devido ao apetite das nações beligerantes pelas possessões coloniais alheias. E o desporto acabou por hibernar até finais da guerra. Coubertin só voltou aos assuntos africanos em 7 de Abril de 1923 quando, na Sessão de Roma, avançou novamente com a questão do desporto africano. Todavia, nesta segunda tentativa, o desafio no seu excesso estava não da utilização do desporto enquanto instrumento de afirmação colonial, mas na afirmação do desporto enquanto meio de afirmação pessoal e social das populações autóctones.

Para o efeito, sem recursos financeiros, sem meios de organização e sem poder burocrático, munido exclusivamente de um ideal inabalável, uma vontade férrea e uma extraordinária visão estratégica, Coubertin anunciou a organização dos Jogos Africanos em 1925 na cidade de Argel. Em conformidade, foi decidido avançar com uma estratégia de divulgação e promoção do desporto na África. Tal desiderato foi consumado através da institucionalização de uma divisa que daria um significado não só ao desporto entre os africanos bem como à realização dos próprios Jogos Africanos. A divisa foi impressa numa medalha que tinha como objetivo divulgar a prática desportiva a fim de promover o atleticismo entre os povos africanos. A medalha, designada de Medalha de Penetração Desportiva, foi produzida em grande quantidade, a fim de ser distribuída por todo o continente africano para, anualmente, ser posta à disposição dos Chefes de Posto das Missões com o objetivo de encorajar a prática desportiva. Numa das suas faces tinha representado um atleta africano a lançar um dardo. Na outra face tinha inscrita uma divisa que, por indicação de Coubertin, devia ultrapassar a simples dimensão biológica da prática des-

portiva. Era ela: “Athletae proprium est se ipsum noscere, ducere et vincre”, ou seja, “é dever e essência do atleta conhecer-se, conduzir-se e superar-se”. A divisa estava escrita em latim a fim de não privilegiar nenhuma língua ou dialeto. Entendia-se que os missionários cristãos encarregar-se-iam de, oralmente, traduzir o seu significado para as populações africanas, o que a tornava muito perigosa na medida em que os seus dizeres podiam ser entendidos como um apelo, por meio do desporto, à autodeterminação e independência dos povos africanos. Acresce que, ao incluir as missões no processo, a situação ficava potencialmente ainda mais perigosa uma vez que, sabendo-se que a era colonial, mais cedo ou tarde, havia de terminar, entre os regimes coloniais e as populações locais as igrejas escolheriam sempre as populações locais. O objetivo das igrejas era garantir a sua permanência na África para além da era colonial. E foi o que aconteceu uma vez que os regimes coloniais partiram e as igrejas ficaram.

Em consequência, os Jogos Africanos previstos para 1925, devido aos mais diversos constrangimentos levantados pelas potências coloniais, depois de vários adiamentos não chegaram a se realizarem. Só vieram a acontecer em 1965, em Brazzaville, capital da República do Congo, depois da generalidade dos países africanos a Sul do Saara, a partir de meados da década de 1950, ter acedido à independência. Este episódio africano da primeira metade do século XX ficará, certamente, para a história com um dos aspecto mais sublimes da dinâmica do excesso na personalidade e pensamento de Coubertin. Ele foi capaz de, com mais de trinta anos de antecedência, por via do desporto, lançar as sementes que haviam de fazer germinar o futuro de um continente e de milhões de seres humanos.

O excesso em Coubertin, no quadro de um sistema em equilíbrio dinâmico, conduz-nos ao conceito de Nível Desportivo que decorre da racionalização das escolhas em matéria de políti-

cas públicas quanto à relação virtuosa que, em termos de desenvolvimento do desporto, tendo em atenção que o Olimpismo é uma filosofia de vida que coloca o desporto ao serviço do desenvolvimento humano, deve existir entre praticantes de elite e praticantes de base.

No que diz respeito à elite, isto é, ao rendimento, em 1913, Coubertin, em resposta aos médicos belgas que, em defesa do "atleta completo", criticavam a especialização inerente à competição desportiva que consideravam detestável, formulou um conceito de desenvolvimento suportado na exploração da ideia de excesso, através daquilo a que designamos por Efeito de Ídolo. E formulou o seguinte enunciado: "Para que cem se dediquem à cultura física, cinquenta têm de praticar desporto; para que cinquenta pratiquem desporto, vinte têm de se especializar; para que vinte se especializem, é necessário que cinco sejam capazes de realizar proezas extraordinárias". Trata-se da metáfora da Pirâmide de Coubertin ou pirâmide de desenvolvimento do desporto baseada no Efeito de Ídolo uma vez que a promoção do desporto é vista de cima para baixo, através do exemplo dos atletas capazes de realizar proezas desportivas extraordinárias que motivam para a prática desportiva a generalidade da população.

No que diz respeito à base, isto é, à generalização da prática desportiva tendo em vista a obtenção do desejado Efeito de Volume, Coubertin, numa carta circular datada de Janeiro de 1919, endereçada aos membros do COI, no quadro de uma reflexão sobre a situação do MO após a 1ª Grande Guerra, defendeu a necessidade de se desenvolver junto das federações desportivas a promoção de "todos os desportos para todos". E explicava que, por um lado, "sendo os desportos a vanguarda dos arquitetos da vitória", por outro lado, era necessário controlar os riscos do excesso inerentes ao próprio sucesso. Tratava-se do velho Mal de Húbris que, como já referimos, conduzia

à falta de controle sobre as paixões excessivas uma vez que o excesso mal administrado provocava reações que comprometiam os resultados obtidos. E, a este respeito, Coubertin alertava contra o abuso das competições públicas onde as performances se tornaram objeto de apostas e de mercantilismo. E responsabilizava as federações desportivas uma vez que, algumas delas, "perderam de vista o papel pedagógico que lhes estava reservado a fim de se dedicarem a um sindicalismo sectário apoiado numa legislação vocacionada para uma Exclusão Desportiva, mais ridícula do que mal-intencionada". O que estava a acontecer era que, "sob o pretexto de preservar o amadorismo puro, eram determinadas desqualificações a pretensos profissionais, cujo espírito desportivo e desinteresse eram muito superiores aos de muitos falsos amadores com certificados em ordem". E Coubertin, certamente porque estava convencido de que o Movimento Olímpico moderno ao cabo de trinta anos de existência se encontrava perante um "nó górdio", explicou aos membros do COI que durante muito tempo, o atleticismo, renovado no século XIX, não foi mais do que um passatempo da juventude rica e meio ociosa.

Numa segunda fase, o MO procurou promover entre os jovens da pequena burguesia o acesso à prática desportiva para, finalmente, ter chegado o momento de "tornar o desporto completamente acessível ao adolescente proletário". E concluiu: "Todos os desportos para todos é a nova fórmula, de maneira nenhuma utópica, a cuja realização nos devemos empenhar". Para Coubertin era missão dos clubes e das associações colocar o desporto ao serviço da massa, sem lhe pedir nada em troca uma vez que aqueles que interessava atingir não tinham nem dinheiro para gastar nem tempo para perder, muito embora fosse necessário despertar neles a necessidade da prática desportiva, pois era daquela prática que dependia a saúde física e moral das nações".

Em conclusão, diremos que, para Coubertin, o excesso era inerente à prática desportiva. Todavia, não era qualquer excesso uma vez que os valores éticos da competição deviam expandir-se para a sociedade através dos valores morais que orientavam as inter-relações humanas nos mais diversos domínios. E Coubertin utilizava a palavra moral precisamente no sentido de dar forma ao corpo teórico-ideológico de princípios e valores que, numa perspectiva ontológica, devia resultar da associação entre o desporto e a ética. Porque, se a ética, em termos gerais (meta-ética), na perspectiva de Coubertin devia procurar determinar as condições ontológicas entre a agressividade da luta e o altruísmo da cooperação, já em termos específicos, considerando as condições concretas de desenvolvimento do Olimpismo, devia colocar o desporto ao serviço do desenvolvimento humano. E, a este propósito, dizia: "A competição, por si só, não cria em absoluto um espírito desportivo sem o qual esse espírito de grupo desaparecerá, mesmo que chegue a formar-se. O desporto exige uma emulação intensa e uma camaradagem sólida. Todos os que têm alguma experiência a este respeito confirmarão o que acabo de dizer.

O desporto baseia-se, portanto, na ajuda mútua e na competição" porque: "... o desporto só é um coadjuvante indireto da moral. Para que essa ajuda seja direta é necessário indicar-lhe um objetivo reflexo de caráter solidário que o eleve acima de si mesmo. Essa é a condição 'sine qua non' da colaboração entre o desporto e a moral. A moral desportiva, entendida como um conjunto de regras adquiridas no âmbito de uma Cultura Desportiva que deve controlar e orientar os excessos comportamentais daqueles que, nas mais diversas situações, protagonizam o desporto que deve estar condicionado por uma causa superior sob o risco de o excesso resultar numa selvageria como aconteceu no circo romano e acontece em algumas práticas desportivas modernas. Trata-se assim de atribuir à condição ética do desporto um sentido moral que numa gestão parcimoniosa do excesso se projetasse na sociedade e na vida de

cada um, porque, para Coubertin, “o importante na vida, não é o triunfo, mas o combate; o essencial não é ter vencido, mas ter bem combatido”.

Espalhar estes preceitos é preparar uma humanidade mais valente, mais forte, portanto, mais escrupulosa e mais generosa”. Quer dizer, a gestão do excesso em Coubertin estava subordinada a um ideal moral que só era eficazmente conseguido por homens fortes e corajosos, atletas que deviam aprender a conhecer-se, a conduzir-se e a superar-se nos terrenos da competição desportiva franca, leal e nobre a fim de projetarem na sociedade os benefícios dela decorrentes. Assim, o excesso, numa contínua procura de um equilíbrio dinâmico entre simetria e dissimetria, proporção e desproporção, harmonia e desarmonia, promovia um estado homeostático de permanente excesso relativamente: (1º) À “vontade de viver” inerente à luta pela sobrevivência; (2º) À “vontade de vitória” inerente à luta desportiva e; (3º) À “vontade de poder” sobre si próprio em busca da superação e da transcendência.

BIBLIOGRAFIA

- Boulongne, Pierre Yves (1999). Pierre de Coubertin: Humanisme et Pédagogie - Dix Leçons sur l’Olympisme. Lausanne, Switzerland: International Olympic Committee.

- Brown, Seth (2012). De Coubertin’s Olympism and the Laugh of Michel Foucault: Crisis Discourse and the Olympic Games. In: Quest, Volume 64, 2012 - Issue 3. Routledge – Taylor & Francis Group, pp.150-163.

- Calhoun, Don (1981). Sport Culture et Personality. New-York: Leisure Press.

• Chatziefstthiou, Dikaia (2005). The Changing Nature of the Ideology of Olympism in the Modern Olympic Era. Tese de Doutoramento. United Kingdom: Loughborough University.

• Clastres, Patrick & Dietschy, Paul & Laget, Serge (2004). La France et L'Olympisme. Paris: Assotiation pour la Diffusion de la Pensée Francaise.

• Clastres, Patrick (2005). Inventer une Élite: Pierre de Coubertin et la Chevalerie Sportive. Paris: Editions Picard. Revue Française d'Histoire des Idées Politiques, 2005/2 n°22, pp. 51-71.

• Coubertin, Pierre de (1913). Essais de Psychologie Sportive. Paris: Libbrairie Payot & C.

• Coubertin, Pierre (1986). Textes Choisis. Müller, Norberth (eds). Zürich: Weidmann. Tomes I, II, III.

• DaCosta, Lamartine (2006). A Never-Ending Story: The Philosophical Controversy Over Olympism. In: Journal of the Philosophy of Sport, International Association for the Philosophy of Sport, pp. 157-173.

• DaCosta, Lamartine P. (1999): O Olimpismo e o Equilíbrio do Homem. In: Tavares, Otávio; DaCosta, Lamartine (Eds.). Estudos Olímpicos. Rio de Janeiro, Editora Gama Filho.

• DaCosta, Lamartine P. (2002). Olympic Legacy or Post-Olympism? In: Olympic Studies. Rio de Janeiro; University, pp.13-26. Gama Filho

• David C. Young (2005). Mens Sana in Corpore Sano? Body and Mind in Ancient Greece. In: The International Journal of the History of Sport. Vol. 22, No. 1, January, pp. 22 – 41.

• Defrance, Jacques (1987). L'Excellence Corporelle. La Formation des Acrivitiés Physique et Sportive Moderne (1770-1914). Rennes: Université Rennes 2.

• Duràntes, Conrado (2013). Pierre de Coubertin – Credo y Simbología Olímpica. España: Comité Olímpico Español.

• Durry, Jean (sd). Le Vrai Coubertin. Paris: Comité Français Pierre de Coubertin.

• Eyquem, Marie-Thérèse (1966). Pierre de Coubertin – L' Èpopé Olympique. France: Calmmann-Lévy.

• Floc'hmoan, Le (1962). La Genèse des Sports. Paris: Payot.

• Gasset, Ortega (1989). A Rebelião das Massas, Lisboa: Relógio d'Água Editores.

• Guttmann, Allen (2002). The Olympics – A History of the Modern Games. USA: Illinois Unitersity Press.

• Hébert, Georges (1925). Le Sport Contre l'Éducation Physique. Paris: Librairie Vuibert.

• Heraclito (2005). Fragmentos Contextualizados. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

• Hesíodo (2005). Teogonia. Trabalhos e Dias. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

• Hoberman, John M. (1984) Sport and Political Ideology. USA: University of Texas Press http://www.gutenberg.org/ebooks/author/438

• Huizinga, Johan (2003). Homo Ludens – Um Estudo Sobre o Elemento Lúdico da Cultura. Lisboa: Edições 70.

• Jeu, Bernard (1987). Analyse du Sport. Paris: PUF.

• Krueger, A. (1993). The Origins of Pierre de Coubertin's Religio Athletae. In: Olympica: The International Journal of Olympic Studies, Vol. II, pp. 91-102.

• Lebecq, Pierre-Alban (1997). Paschal Grousset et la Ligue Nationale de l'Éducation Physique. Paris: Harmattan.

• Leonard, Fred Eugene (1923). A Guide to the History of Physical Education. Philadelphia / New York: Lea & Febiger.

• Lucas, John A. (1975; 1976). Le Christianisme Musculaire de l'Ère Victorienne, Introduction à la Philosophie des Jeux Olympiques. In: Revue Olympique, N. 97-98 Novembre-Décembre 1975; N. 99-100, Janvier- Féevrier 1976.

• Marreiros, João (1992) Jogos Olímpicos e Olimpismo. Torres Novas: Edição do autor. (1ª edição 1988).

• Mayer, Otto (1960). A Travers les Anneaux Olympiques. Genève: Pierre Cailler.

• Miragaya, Ana (2002) The Female Olympian Tradition Versus Innovation in the Quest for Inclusion. In: Olympic Studies DaCosta Lamartine (ed.), Rio de Janeiro: University Gama Filho, pp. 307-337.

• Nick, j. Watson (2007). Muscular Christianity in the Modern Age, "Winning for Christ' or Playing for Glory"? In: Sport and Spirituality an Introduction. London and New York: Routledge.

• Parlebas, Pierre (1981). Contribuition a un Lexique Commenté en Science de L'Action Motrice. Paris: Institut National du Sport et de L'Education Physique.

• Paz, Castejon (1973). La Rationalization des Choix en Matiére de Politique Sportive Esquisse d'une Metodologie Les Intruments Conceptuels, Strasbourg, Conseil de L'Europe.

• Pires, Gustavo (2007). Agôn Gestão do Desporto, o Jogo de Zeus. Porto: Porto Editora.

• Pires, Gustavo (2009). O Olimpismo Hoje: De uma Diplomacia do Silêncio para uma Diplomacia Silenciosa: O Caso das Duas Chinas. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, 2, 73-153.

• Pires, Gustavo (2012). Cem Anos de Olimpismo: O Currículo Desportivo do Rei D. Carlos. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.

• Pires, Gustavo (2012). Francisco Lázaro o Homem da Maratona. Lisboa: Prime Books.

• Pires, Gustavo (2012). Para Uma Cultura de Competição: Paschal Grousset (1844-1909), Philipe Tissié (1852-1935) e Pierre de Coubertin (1864-1937). In: Celebrar a Lusofonia – Ensaios e Estudos em desporto e Educação Física.Belo Horizonte / Brasil: Casa da Educação Física, p. 329-367.

• Pires, Gustavo (2014). A Ruptura de Pierre de Coubertin com a Educação Física – Do Mens Sana in Corpore Sano ao Citius, Altius, Fortius. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana – Universidade de Lisboa.

• Raschke, Wendy J. (1988). Archaeology Of The Olympics: The Olympics & Other Festivals In Antiquity. USA: Univ of Wisconsin Press.

• Rubio, Katia & Carvalho, Adriano L. (2005). Areté, Fair Play e o MO Contemporâneo. In:Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, v.5, n.3, Setembro, pp. 350–357.

• Sérgio, Manuel (1977). O Desporto como Prática Filosófica. Lisboa: Diabril.

• Sérgio, Manuel & Pires, Gustavo & Mascarenhas, Margarida. & Pereira, Elsa (2015). Olimpismo e Complexidade. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana. (em colaboração).

• Toffler, Alvin (1980). A Terceira Vaga, Lisboa: Livros do Brasil.

• Ulman, Jaques (1989). De la Gymnastique aux Sports Modernes. Histoires des Doctrines de L'Education Physique. Paris: VRIN.

• Veblen, Thorstein (1899). The Theory of the Leisure Classe.

• Wassong, Stephan (2004). Pierre de Coubertin's American Studies and Their Importance for the Analysis of his Early Educational Campaign. Germany: Ergon Verlag.

• Werner, Jaeger (2003). Paidéia - A Formação do Homem Grego. São Paulo: Martins Fontes.

• Wilson, Edward O. (2004). On Human Nature. USA: Harvard University Press. www.gutenberg.org. Project Gutenberg.

• Xavier, Noël (2010). Paschal Grousset – De la Commune de Paris à la Chambre des Députés. De Jules Verne à l'Olympism. Liège: Les Impressions Nouvelles.

ENGLISH

THE EXCESS IN PIERRE DE COUBERTIN

In times of crisis it is advisable to return to the fundamental values of the past in order to organize the present according to the future that one wishes to build. The seminal values of modern sport are found in Pierre de Coubertin's thought, and among them the idea of excess that is the subject of this text.

For Coubertin the essence of the excess of Olympism was in the maxim of the monk Henri Didon - Citius, Fortius, Altius - as a catalyst for the eurhythmy of the dynamic balance of the Olympic Movement. Thus, Citius did not only mean athletic speed, but an awake and decisive spirit in life; Fortius did not only mean more muscle power, but the willpower with which the battles of existence were faced; and Altius did not only mean a higher athletic goal, but the individual's own elevation to the supreme values of the human condition.

All these meanings and ideals were a break with the discourse of the gymnastics schools organized under the paradigm of physical education that condemned the idea of competition, which was the guiding line of the ontological explanation that, in the pedagogical perspective of Coubertin, should animate the process of sport development. Accordingly, in 1911, he broke with the metaphysical religiosity of the maxim of poet Juvenal, "mens sana in corpore sano", which he considered "too medical for sportsmen", "excellently hygienic, but null athletic" and he proposed, alternatively, "mens fervida in corpore lacertoso", meaning "a burning spirit in a trained body", which would be more in line with the idea of "religion of energy ".

For Coubertin, "... no education was worthy of the name if, as an essential principle, it was not proposed to develop all the strengths of the individual". Therefore, it was not a question of winning Olympic medals, but an instrument of personal and collective overcoming, which he defined as "... the voluntary and habitual cult of intense muscular exercises incited by the desire of progress and not fearing going to risk".

But the excess in Coubertin was also projected in the social domain that was well exemplified when he announced the organization of the first African Games. To this end, he devised a medal for sports promotion that went down in history as an incitement to the autonomy and independence of African countries, as, on one side of the medal, was written the following inscription: "athletae proprium est se ipsum noscere, ducere et vincre", which means "it is the athlete's duty and essence to know, conduct and excel".

In managing excess, Coubertin's most extraordinary legacy was the so-called Pyramid of Development concept (Coubertin's Pyramid) developed in 1913: "For a hundred to practice physical culture, it is necessary that fifty practice sport. For that fifty to practice sport, twenty must specialize. For that twenty to specialize, it is necessary that five are capable of astonishing feats". This idea, in its mass/elite relation of practitioners in the present times, is well expressed in the concept of sport Level, which should be the central engine for the development of the current sport, translating the vision of the future of sport that one wishes to build.

Ações Baseadas em Valores

Values-based Actions

Acciones Basadas en Valores

ESPAÑOL

RESIGNIFICACIÓNES DE LOS VALORES OLIMPICOS DE PIERRE DE COUBERTIN POR LA PANDEMIA DEL VIRUS COVID 19

Cecilia R Bollada

Daniel G de la Cueva

Para Pierre de Coubertin el verdadero triunfo de las ideas, se alcanzaba solo cuando estas se ponían en acción, demuestra que sus logros lo revelan como el primer gran gestor deportivo, y quizás el más grande de todos los tiempos. El hecho social total de Pandemia nos obliga al confinamiento por la falta de experiencia científica, pero además aplaza sin término y anula activi-

dades: nos clausuró la capacidad de planificar. Sin guerra la peste ha impuesto de facto, con más autoridad que el propio Consejo de Seguridad, una efectiva "Ekecheirria Corona vírica".

La forma de concebir, organizar, y dirigir ciertas lógicas estructurales podría analizarse y reorientarse en sentidos más valiosos. Es necesario volver a reflexionar sobre todos los ámbitos de lo humano, muy específicamente aquellos ámbitos sociales donde se reproducen históricamente la desigualdad humana, a lo que no escapan las estructuras deportivas en general, ni las de los integrantes del Movimiento Olímpico, en particular.

Como sucedió a raíz de las dos Guerras Mundiales esta pandemia nuestra la necesidad de instaurar nuevos espacios de reflexión, encuentro y tramitación colectiva que amenaza la salud mundial y que afecta por primera vez al grandioso proyecto coubertiniano.

LOS VALORES COUBERTINIANOS

Desde un punto de vista socioeducativo, los valores son considerados referentes, abstracciones que orientan el comportamiento hacia la transformación social y la realización de la persona. Desde una perspectiva sociológica, los valores son producto de cambios y transformaciones a lo largo de la historia. Surgen con un especial significado y cambian o desaparecen en el tiempo. La existencia y funcionamiento de los valores mantienen la cohesión social, logran la inteligibilidad de las conductas y generan un ethos compartido que proporciona la certidumbre del funcionamiento de la vida cotidiana.

No existe una única enunciación de los Valores interpretados e incorporados como constituyentes del Ideario y pensamientos de Pierre de Coubertin. Hasta los 80s era un valor del Olimpis-

mo, evidentemente ya no lo es más. La participación femenina, y la perspectiva de género, por el contrario, son temas actuales y hacen notables con el espacio “PRIDE HOUSE TOKYO 2020” en la Villa Olímpica.

Para Hans Lenk, los valores representados en los Juegos y según la obra de Coubertin eran: celebración, arte, espíritu, elite, rendimiento, competencia, Fair Play, tradición, paz, internacionalismo, nacionalismo, cultura, amateurismo, independencia y tradición.

Esta enumeración de Valores Olímpicos, sustentan como afirma Gessman, (1992) que la “idea olímpica no puede entenderse sin una comprensión de su misión educativa”. Y como cada educador es producto de su propio entorno educativo, político y cultural; ve el mundo a través de sus propias orientaciones sistémicas y educativas particulares; así construcción de categorías de valores obedece al devenir de la sociedad, que nos impondrá revisiones permanentes.

Coubertin invitaba a acercar a los intereses académicos el fenómeno del Olimpismo, como “agente inigualable para la salud física y moral en nuestro tiempo... Uno puede entender fácilmente que, frente a tan ilimitados deberes, el mundo atlético necesita renovarse, expandirse y transformarse" (Carta a los miembros COI, 1919)

EVIDENCIAS & VALORES

El llamado de los poderes públicos son un pedido concreto a unir los esfuerzos para luchar contra la pandemia. Comportarse como un equipo que reconoce la importancia y necesidad de una verdadera unión del sacrificio y la entrega de quienes trabajan por la salud, y destacar la necesidad que todos actúen con solidaridad. En un mundo futuro sano, se replantearán las

necesidades de cuidar y mantener la salud y el bienestar, donde tengan lugar las propuestas de Coubertin. Existe una revalorización de las ciencias, en especial las de la salud, ante la cual debemos adoptar sus protocolos y metodologías, que superan toda especulación materialista.

El ideal Coubertiniano podría originar un nuevo sistema de Solidaridad, relacionado con la gestión de prácticas saludables en toda la humanidad, más que en la generación de condiciones para el alto rendimiento. Decía Coubertin, “el Olimpismo se niega a hacer de la educación física una cosa puramente fisiológica, se niega a clasificar en categorías aisladas. Y por lo tanto sus valores lo manifiestan como un elemento contundente dentro del humanismo”.

Paula Pareto, Campeona Olímpica judoka y médica entrena en casa, lucha contra el Coronavirus y es motivo de inspiración de jóvenes del mundo, modelo el valor educativo del buen ejemplo. Pero emergieron en estos tiempos el racismo, la xenofobia, y la intolerancia en su peor versión; el COI manifestó su rechazo recordando la Carta Olímpica y recordó a de Pierre de Coubertin: “No tendremos paz mientras los prejuicios que ahora separan a las diferentes razas sobrevivan”. Como herramienta pedagógica, y debería servir para el progreso de los seres humanos de toda condición racial, política y social. Por eso las organizaciones deportivas tienen una clara oportunidad de abordar el daño causado por la implementación de ideas racistas y sexistas. Los cuerpos no necesitan modificarse ni manipularse para adaptarse a los ideales que se construyeron explícitamente en torno a su exclusión: los cuerpos simplemente no son el problema. Nunca lo fueron.

RESIGNIFICACION DE LOS VALORES

La sociedad mundial, enfrenta una crisis que supone enfrentar un enemigo viral actualmente incurable, pero antes de la Pan-

demia los valores del Olimpismo Coubertiniano suponían una significación distinta. La búsqueda de la excelencia, entendida como el mejor desempeño en su rol, ahora significa no concurrir a lugares concurridos para entrenar o competir. ¡La excelencia es quédate en casa!, evitar traslados, acatar aislamiento, evitar el deporte. El respeto, incluía reglamentos, adversarios, árbitros y a uno mismo, pero la pandemia exige ahora respetar una distancia social de 2 m del "otro", utilizar mascarilla, evitar saludos físicos: estrechar manos, abrazar o besar.

La solidaridad mediaba la asistencia para que los países menos desarrollados logren alcanzar el alto rendimiento. Actualmente es asegurar que todos los atletas puedan entrenar, clasificar y competir. Asegurar condiciones igualitarias de competencia. Además, debería reducir el impacto para futuros Juegos y reforzar estrategias del Deporte para Todos.

Fair Play, relacionaba el espíritu deportivo y el trato a los demás. El COVID-19 lo transformo para que atletas y entrenadores reduzcan voluntariamente sus ingresos para posibilitar la supervivencia de instituciones deportivas.

Siempre se declaró que "lo importante no es solo ganar sino participar". En la actualidad la participación es sólo posible si se respeta el cumplimiento de protocolos sanitarios.

La paz es un valor originario del Olimpismo, exaltado por Coubertin en su Oda al Deporte, y legado de la ekecheiria. Ahora, la paz ocurrirá con la "Nueva Normalidad".

Un histograma, de 37 valores asignados al Olimpismo de Coubertin, muestra que por la actual crisis pandémica solo el 20% mantiene su significado.

LOS VALORES EN TIEMPOS DISRUPTIVOS
PROTECCION DEL MEDIO AMBIENTE

Desde el renacimiento de los Juegos Olímpicos, se pretendía incorporar competencias, artísticas, destacar a quienes realizaran en grandes hechos del montañismo, la navegación e incluso la aeronáutica, como por ejemplo el famoso aviador Ulises Dumont, distinguido con un Diploma Olímpico.

El Movimiento Olímpico aplica medidas ecológicas preventivas para reducir efectos nocivos a raíz de los Juegos Olímpicos. Esto significa reciclar, eliminar y compensar. El confinamiento, el aislamiento obligatorio y la distancia social demuestran como favorecieron el medioambiente y emergen como valores esenciales en la vida del planeta: algo es claro, no estábamos haciendo bien las cosas.

PERSPECTIVA DE GÉNERO

La transversalidad de los valores propone discusiones y debates, en estos tiempos de crisis pandémica, a toda la sociedad; otros valores que resaltan como cuestiones centrales: el feminismo y la perspectiva de género como una categorización social. (West, 2000). Orienta a preferir un deporte no estereotipado, que no desarrolle valor adjudicados al género ni perpetúe la desigualdad, que la evolución natural nos lleve a un deporte en el que cualquier persona, de cualquier condición u orientación sexual, sea capaz de desarrollar sus cualidades personales sin someterse a roles predeterminados.

Los Juegos Tokio serán la cita con mayor cantidad de mujeres en la historia, el 48.9% del total de deportistas. Dijo Thomas Bach: “Estoy encantado de que los Juegos Olímpicos Tokio 2020 sean más jóvenes, más urbanos y que incluyan más mujeres”.

Coubertin argumentaba que “el deporte necesita libertad. Requiere respeto por la individualidad, la posibilidad de que cada individuo adapte los aspectos buenos o malos de su propia naturaleza al ejercicio...” (El deporte es Rey, 1920)

Este impasse muestra la necesidad de debatir abiertamente, sobre la necesidad de abandonar la lógica de acumulación; y colocar la discusión en la solidaridad, las desigualdades, el feminismo, las disidencias sexuales, el medio ambiente, el abuso/acoso sexual en el deporte, la diferencia de oportunidades y acceso, la perspectiva de género. Coubertin también ratificó que “ninguna nación, ninguna clase, ninguna profesión está excluida” (Le Sport Suisse el 22 de julio de 1936.)

VIRTUALIDAD COMO HERRAMIENTA EN TIEMPOS DE PANDEMIA

Curiosamente, la única receta posible para superar el confinamiento primero, y la recuperación económica después, es digitalizarnos de un día para otro, utilizar las tecnologías, con más intensidad si cabe. Hogares, empresas, escuelas, universidades, clubes, organizaciones deportivas y culturales; la sociedad se ha actualizado en una sociedad 3.0, estas nuevas tendencias digitales tienen un rol central en la gestión de la pandemia. Ahora bien, esto también exige pensar obligatoriamente y con urgencia en la ciberseguridad.

“Tal el tiempo, tal el tiento” decía Cervantes en el Quijote, de eso se trata precisamente el transcurrir de la vida humana y más ahora en esta llamada “nueva normalidad”. Las complejidades que arroja la pandemia ocasionada por el COVID-19 en lo social, lo psicológico, lo económico, la salud, y muchos otros aspectos de nuestra vida, requieren de la sociedad un proceso de adaptación que ha sido inesperado y exige ser inmediato.

La sociedad líquida (en términos de Bauman) y la incertidumbre permanente indefectiblemente está por venir y ahora comprobamos nuestra ingenuidad.

El COVID-19 trajo aparejadas disrupciones que van a cambiar nuestras sociedades para siempre. Después de la pandemia, vamos a tener que construir una "nueva normalidad". Por esto los Juegos de Tokio van a reinterpretar las medidas tradicionales de organización. El nuevo 'Modelo de Tokio' ofrecerá unos Juegos adecuados para un mundo post coronavirus, que beneficiará a los futuros Juegos Olímpicos y otros acontecimientos.

EDUCACION

Para Pierre de Coubertin, el proyecto más importante utiliza como motor la pedagogía deportiva. No solo la creación de los Juegos Olímpicos, sino también la Educación Físico-Deportiva. Hasta el renacimiento de los Juegos Olímpicos, la Educación Física escolar era utilitaria y no deportiva.

La Educación Olímpica hoy, en la "nueva normalidad", presenta desafíos y perspectivas que permitan concebir un programa fundado en Valores con una planificación colectiva. Se deberían proponer en debate, ordenar prioridades, pero fundamentalmente acordar entre todos los actores del espacio formador el propósito fundamental de lograr aprendizajes significativos.

Las Academias Olímpicas Nacionales deberían alcanzar enfoque más práctico que teórico, y estimular el desarrollo de programas educativos flexibles y adaptados al contexto. Una Educación Olímpica cualificada debería llevarse a cabo en múltiples contextos y diversas situaciones. Es imperioso entonces proyectar estrategias que permitan llegar con una "Educación Olímpi-

ca en épocas de Pandemia" que nos ayude a pensar una vez más en los Valores, destinados a un mayor universo, y subsanar enormes dicotomías producidas, por razones multifactoriales.

Una Educación Olímpica en Valores de calidad, "democratizando el conocimiento", establece que como sociedad, tenemos la enorme posibilidad de empezar a abordar el problema para construir una educación excepcional en esta "nueva normalidad".

Como individuo tenemos el desafío de diluir la individualidad y sostenernos en la inteligencia colectiva para re vincularnos en experiencias educativas más significativas y ampliadas, la mediación esencial para la difusión de los valores implicará cómo y para qué educar en valores.

CONCLUSIONES FINALES

1. Pensar en este presente teniendo en cuenta el Ideario Coubertiniano, es pensar en las herramientas para cumplir sus objetivos pedagógicos.

2.Los valores se resignifican, en tiempos críticos y excepcionales como Guerras o Pandemia. Solo la quinta parte mantienen su significado, el resto admiten reinterpretaciones.

3. La movilidad axiológica del pensamiento de Pierre de Coubertin en tiempos de Pandemia, alienta a revisar los planes de Educación Olímpica apoyado en la acción sinérgica de organizaciones e interesados en educación, perspectiva de género, la no discriminación, la salud, la ecología.

4. Las propuestas de Coubertin nos invitan a diluir la individualidad y sostenernos en la inteligencia colectiva para re-vincu-

larnos en experiencias educativas significativas, ampliadas y sustentables y sus valores son la clave, y el futuro.

5. Hay que reforzar y ampliar los términos y alcances de los Valores Coubertinianos, y en este sentido, la Pandemia, resignifican e imprimen gran potencia a los valores: Vida, Salud y Solidaridad.

BIBLIOGRAFIA

BOLLADA C, DE LA CUEVA D. Desafíos del Olimpismo en Tiempos de Pandemia. III CONGRESO INTERNACIONAL DE DEPORTE, ACTIVIDAD FISICA, RECREACION Y EDUCACION FISICA & III CONGRESO DE LA ASOCIACION LATINOAMERICANA DE CIENCIAS DEL DEPORTE, ACTIVIDAD FISICA Y DANZA, Venezuela, 2020.

BOLLADA C, DE LA CUEVA D. Los Valores del Olimpismo en Tiempos de Pandemia COVID-19. I° CONGRESO INTERNACIONAL DE CIENCIAS DEL DEPORTE, OLIMPISMO Y MOVIMIENTO OLIMPICO RETOS DEL MOVIMIENTO OLIMPICO Y DEL DEPORTE POST COVID 19, Guatemala, 2020.

BACH T. Olimpismo y Corona Virus - Carta a los Miembros COI. COMITE OLIMPICO INTERNACIONAL, Lausanne, 2020.

LENK, H. Valores, Metas, Realidad de los Juegos Olímpicos Modernos. Hofmann, Schorndorf, 1972

GEORGIADIS, K. World Understanding through Olympic Education. The International Olympic Academy, 2000.

GESSMANN, R. World Understanding through Olympic Education. Frankfurt, 1992.

COUBERTIN, P. Carta a los Miembros del Comité Olímpico Internacional, 1919.

COUBERTIN, P. El Deporte es Rey. Discurso en el Ayuntamiento de Amberes, 1920.

BAUMAN, Z. Modernidad Líquida, Cambridge, 2000.

ENGLISH

RESIGNIFICATIONS OF PIERRE DE COUBERTIN'S OLYMPIC VALUES DUE TO THE COVID 19 VIRUS PANDEMIC

The work Pierre de Coubertin did places him as a huge social-sports manager. The arrival of the total social pandemic has proposed new spaces for reflection, meeting and collective processing.

Considering that Olympic Values constitute reference, abstractions that guide behavior towards social transformation and personal fulfilment, it is possible to say that they represent the product of changes and transformations that have been particularly noticeable since the declaration of the World Health Organization.

Excellence is now compliance with protocols and isolation, Respect for social distance and use of masks, Peace will be reached when the new normal arrives.

Facing disruptive times, we invite you to reconsider the protection of the environment, once we deal with the transversality of debates on the gender perspective and female participation, and the democratization of knowledge for education in values, to dilute individuality and sustain ourselves in the collective intelligence, reinforcing the values: Life, Health and Solidarity.

PORTUGUÊS

REINVENTAR ESPORTE É RECRIAR VALORES: REVISITANDO COUBERTIN AOS DIAS ATUAIS

Marcio Turini Constantino

I. INTRODUÇÃO

A proposição deste texto parte de Coubertin cujo legado de vida e obra se baseou em Valores. Coubertin sonhava fazer uma reformulação no sistema educacional francês. Admirava a cultura grega e os Antigos Jogos Gregos foram uma grande fonte de inspiração para criar o Olimpismo e o Movimento Olímpico Moderno. Foi também influenciado pelo sistema educacional inglês. Ao visitar a Rugby School ficou fascinado com o programa de atividades imposto por Thomas Arnold, diretor daquele colégio. O programa constava de atividades esportivas pela manhã e atividades religiosas à tarde. Para Arnold o esporte tinha uma utilização educativa que possuía as características de jogo, competição e formação. Coubertin, como um antigo aluno de colégio jesuíta, apreciava e acreditava na possibilidade de desenvolver valores cristãos como honestidade, solidariedade, respeito e amizade, através das atividades físicas e esportivas.

De acordo com Durry (2016), Coubertin foi um pedagogo preocupado com a juventude francesa. Seu ponto de partida foi a introdução do esporte em escolas de ensino médio sustentado por suas preocupações pedagógicas. O autor diz que em um texto de Lévolution Française sous la IIIÈme Republique (1896, p.22), Coubertin parece focar o encadeamento de suas ideias de maneira impressionante.

> "Eu vou enrijecer os corpos e o caráter de jovens fracos e introvertidos, através dos inerentes riscos e até excessos do esporte. Vou expandir suas visões e sua compreensão através de horizontes astrológicos, planetários e históricos, especialmente aqueles da história universal, os quais, criando um respeito mútuo, tornar-se-ão um catalisador para a paz internacional efetiva para todos, sem distinções de origem, casta, fortuna, posição ou profissão". (DURRY, 2016, p.34)

Ao renovar os Jogos Olímpicos Modernos, em 1896, criou a filosofia do Olimpismo. O Olimpismo elaborado, principalmente, para orientar a conduta ética do competidor esportivo nos Jogos Olímpicos ganhou importância, destacando-se no campo esportivo o fair play. O fair play assumiu, e tem até hoje, a função da ética esportiva que orienta a prática esportiva profissional e programas de Educação Olímpica.

Ao revisitarmos Pierre de Coubertin identificamos sua importância na reinvenção do esporte e na recriação de valores, e ratificamos que Coubertin foi um grande transformador social de sua época e que inspirou gerações futuras entenderem que a reinvenção é uma ação fundamental para atualizar e inovar vários aspectos sociais, destacando-se o esporte, a educação e os valores.

Neste sentido, minha contribuição a esta exposição está em refletir sobre como o momento em que estamos vivendo na

pandemia da Covid-19 pode nos fazer pensar cada vez mais na importância da Educação Olímpica como uma ferramenta educacional de preservação e difusão de valores. No atual momento desta crise mundial estamos acompanhando esforços científicos em várias partes do mundo em busca de uma vacina e também diversas ações solidárias em várias partes do planeta. No contexto das ações humanas os valores são fundamentais para nortear e fundamentar as ações positivas do homem. A atual crise está nos mostrando o quanto a educação em valores é e será cada vez mais importante para formar mais pessoas no mundo voltadas para uma consciência ambiental, que não sejam omissas, que fiquem indignadas e rejeitem a corrupção e a violência.

Imbuído pelo espírito reformador de Coubertin, estabelecemos neste texto a proposta de analisar três vertentes educacionais que apontam para uma reinvenção do esporte e uma recriação de valores atualizado no tempo e contextualizado no espaço social em que vivemos. Essas vertentes educacionais são a aprendizagem por competências, o uso de tecnologia digital na educação, e os valores como tópico de ensino nos programas educacionais.

2. APRENDIZAGEM DE VALORES BASEADO NA APRENDIZAGEM POR COMPETÊNCIAS

Nota-se uma crítica à educação centrada excessivamente em conteúdos descontextualizados com sua aplicação na vida real. Muitas das vezes o professor está preocupado se vai conseguir ou não transmitir todos os conteúdos de ensino para os alunos. Desta forma, se propõe a aprendizagem por competências como uma abordagem pedagógica em que se preconiza que as práticas educacionais tenham um sentido de integração com as práticas sociais vivenciadas pelo aluno no seu contexto so-

cial, e que essas práticas educacionais possam desenvolver competências e habilidades para que o aluno possa ser capaz de mobilizar as aprendizagens escolares para atuar sobre a sua realidade de vida.

Dentro do contexto acima, Portela (1999) e Turini (2002) criticam o ensino e aprendizagem do fair play como uma instrução de comportamentos estandardizados, baseado em manuais de códigos morais, sem que se discuta o porquê e o como alcançar tais comportamentos. Em contas finais, se tem como resultado um comportamento normatizado que se torna inócuo frente ao comportamento efetivo do aluno.

Perrenoud (2000) diz que o ofício do professor está se transformando e o trabalho docente deve propor um trabalho em equipe e por projetos, autonomia e responsabilidades crescentes, pedagogias diferenciadas, centralização sobre os dispositivos e as situações de aprendizagem.

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) sugere-se que a construção de valores esteja vinculada aos conhecimentos originados em discussões e vivências no contexto da tematização das práticas corporais para que possibilitem a aprendizagem de valores e normas voltadas ao exercício da cidadania em prol de uma sociedade democrática. Podemos citar como exemplo de uma aprendizagem por competência da BNCC orientadas para valores de desenvolvimento comunitário: “Verificar locais disponíveis na comunidade para a prática de esportes e das demais práticas corporais tematizadas na escola, propondo e produzindo alternativas para utilizá-los no tempo livre”.

3. USO DA TECNOLOGIA DIGITAL COMO FERRAMENTA PARA APOIAR, MOBILIZAR, COMPLEMENTAR, REFORÇAR, MOTIVAR O ENSINO E APRENDIZAGEM DE VALORES

Há crescentes evidências de que a tecnologia digital está sendo incorporada aos hábitos cotidianos das sociedades em geral. Tais evidências são convergentes com Biachi e Pires (2015, p.1026) para os quais "a presença das TICs se intensificou nas últimas décadas, gerando uma cultura digital, e as suas implicações têm provocado alterações em todas as dimensões da sociedade, inclusive no campo educacional".

Para Gee (2009) o jogo digital (JD) possibilita que o jogador seja capaz de aplicar um conjunto de conhecimentos em situações contextuais que estimula o raciocínio lógico e ajuda a formular hipóteses para alcançar soluções criativas para problemas complexos. De acordo com Mattar (2010), o uso de JD facilita e estimula o aluno a simular e aplicar o conteúdo que é obrigado a estudar. Prensky (2012) diz que a diversão vai se tornar parte integrante dos processos de aprendizagem e treinamento e a aprendizagem baseada em JD incorporará uma notável variedade de matérias, abordagens educacionais e preferências do aprendiz, a fim de se tornar um método de aprendizagem extremamente eficaz e que se encontra em uma diversidade de lugares, trazendo benefícios a aprendizes, professores, instrutores e instituições para as quais trabalham. Este contexto permite estabelecer hipóteses em que a escola possa incorporar jogos com estas características no processo educacional.

No campo da Educação Física, Feres Neto (2005) chama a atenção para a necessidade de se atualizarem as propostas desta área de ensino, e cita a possibilidade de incorporar o JD nas aulas em vários níveis, entre eles, questões ligadas à sua história, aos sentidos e significados das diferentes modalidades de jogos, produção de games pelos alunos, e claro, jogar os jogos.

Constantino (2016) testou o software FazGame em aulas de Educação Física. Este software permite aos alunos elaborarem games com estórias e narrativas, mobilizando e contextualizando os conteúdos escolares. Os resultados demonstraram que os alunos conseguiram contextualizar na elaboração dos games os conhecimentos do handebol reforçando o entendimento da prática do jogo, bem como os valores olímpicos criando estórias, narrativas e reflexões sobre situações de amizade, respeito e excelência no contexto da prática esportiva.

Outro bom exemplo é encontrado em SESI (2012), que relata a criação de um game baseado na educação em valores pelo Departamento Regional de Santa Catarina. O game denominado "Ilha dos Nativos" é um game no qual os alunos jogam em grupos e experimentam ações de solidariedade e trabalho em equipe. Este game é aplicado no contexto das aulas do programa de educação esportiva para complementar e reforçar a educação em valores que o esporte proporciona.

4. VALORES COMO TÓPICOS DE ENSINO DOS PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO ESPORTIVA

Historicamente, o ensino da Educação Física foi predominantemente focado na categoria da aprendizagem procedimental, com ênfase na abordagem das regras, técnicas e táticas dos esportes. Já a educação em valores situa-se na categoria da aprendizagem atitudinal. Existe uma crença de que os valores estão implícitos na prática esportiva e que possam ocorrer naturalmente com sua prática e ensino. Desta forma, a aprendizagem atitudinal tem sido mais desenvolvida, não como tópico de ensino, mas dento de um currículo oculto.

De acordo com o site Brasil Escola (2019), em um currículo oculto, as suposições em sala de aula não podem ser planejadas,

pelo próprio fato de serem tácitas e incidentais. Dessa maneira, um tema importante ou um assunto de interesse fica sujeito a um acontecimento para vir à tona. A falta de planejamento de valores de forma explícita nos programas de educação esportiva tornam pouco eficiente a comunicação de situações valorativas e o arranjo de situações de aprendizagem que gerem uma reflexão para uma aprendizagem autônoma do aluno.

Gomes (1999) apontou o enfoque puramente teórico no qual muitos programas de Educação Olímpica eram desenvolvidos, em países como Estados Unidos, Canadá, Suíça, Alemanha, Portugal, entre outros, paralelamente à promoção de eventos nos moldes tradicionais das competições esportivas e aulas distanciadas dos valores do Olimpismo.

É oportuno citar dois bons exemplos atuais de programas de educação esportiva que colocam os valores como tópicos de ensino no planejamento. O primeiro é o Projeto Maré Que Transforma (BID, 2017), desenvolvido na vila Olímpica da Maré, Rio de Janeiro. Neste projeto professores, alunos e funcionários escolhem juntos os valores para serem colocados no planejamento de ensino. Os professores também focalizam os valores no seu plano de aula associando às situações de aprendizagem esportiva. Os valores são postos em evidência no dia a dia da Vila Olímpica. Por exemplo, se o valor abordado é a gentileza preconiza-se que esse valor seja evidenciado de diferentes formas, desde de forma visual, por meio de cartazes ou urna de pensamentos, bem como nas relações entre funcionários, alunos e professores.

O segundo exemplo é o Projeto Futbolnet, da Fundação Barcelona (2014). Neste projeto os valores são trabalhados com as seguintes estratégias: a) nas partidas de futebol evidenciando-os nos comentários durante e após as partidas; b) na organização de campeonatos curtos que serve para que os alunos

vivenciem um processo de seções – aquecimento no início, em seguida o jogo em si, e no final as atividades de relaxamento. Neste caso, a proposta é gerar o compromisso e responsabilidade dos alunos saberem que cumprir estas seções é importante para participar de forma segura no campeonato; c) a atividade "o convidado" consiste introduzir na aula um esporte novo e pouco conhecido, de forma a possibilitar oportunidade aos participantes, talvez pouco habilidosos com o futebol, mas habilidosos em outros esportes; d) a sessão de liderança e empoderamento, que consiste em ceder aos participantes o controle e o planejamento de parte da sessão da aula, tendo em vista reforçar a responsabilidade e a autoconfiança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos verificar que, desde da reinvenção do esporte por Coubertin no final do século XIX, até os dias de hoje, como a educação em valores permanece cada vez mais significativa, pois a dinâmica social aponta que tudo passa por valores, e a falta do exercício de valores em uma sociedade a leva para o caos.

A Educação Olímpica continua sendo uma ferramenta valiosa para habilitar gestores e professores a disseminarem valores, por diferentes áreas de intervenção da Educação Física. Esperamos que os valores não sejam tratados apenas no contexto do currículo oculto, mas como tópico de ensino dos programas de educação esportiva. Neste contexto, a utilização de vertentes educacionais como a aprendizagem por competências e o uso de tecnologias digitais parecem ser referências significativas para uma reinvenção do esporte e uma recriação de valores.

O Movimento Olímpico, como um legado de Coubertin, continua sendo um dos movimentos sociais mais importantes do

mundo, e o COI deve investir cada vez mais na área da Educação Olímpica, destacando os valores como um componente inexorável de educação no mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

BIACHI. P; PIRES, G L. Cultura digital e formação de professores de Educação Física: estudo de caso na UNIPAMPA. Revista Movimento, Porto alegre, v.21, n.4, p.1025-1036, out/dez de 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. MEC. Brasília, DF, 2017.

CONSTANTINO, M. (2016). Jogos digitais como ferramenta educacional para contextualizar conhecimentos e valores vivenciados na Educação Física. 2016. 135f. Tese (Doutorado em Ciências do Exercício e do Esporte) – Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

DURRY, J. Pierre de Coubertin: o visionário. Tradução de Katharine Akyer, CIPC: Lausanne. Porto alegre: EDIPUCRS, 2018.

FERES NETO, A. Videogame e Educação Física/ciências do esporte: uma abordagem à luz das teorias do virtual. EF Deportes Revista Digital, Buenos Aires, n.88, 2005.

FUNDAÇÃO BARCELONA. Futbolnet: Programa Educativo para crianças e Jovens. Fundação Barcelona/Prefeitura do Rio/ BID, 2014.

GEE, J. P. Bons videogames e boa aprendizagem. Revista Perspectiva, Florianópolis, v.27, n.1, p.167-178, jan/jul 2009.

GOMES, M.C. Solidariedade e honestidade: os fundamentos do fair-play entre adolescentes escolares. In: TAVARES, O; DA COSTA, L (Eds.) Estudos Olímpicos. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999.

GOMES, M. & TURINI, M. A maré que transforma minhas aulas que multiplicam valores. Rio de Janeiro: Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID); Secretaria de Esportes e Lazer do Município do Rio de Janeiro, 2017.

MATTAR, J. Games em educação: como os nativos digitais aprendem. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

PERRENOUD, P. (2000). Dez Novas Competências para Ensinar. Porto Alegre: Editora Artmed.

PORTAL BRASIL ESCOLA. Currículo oculto. Site Brasil Escola, 2019. Disponível em https://educador.brasilescola.uol.com.br/trabalho-docente/curriculo-oculto.htm. Acesso em: 02 de ago 2020

PORTELA, F. Fair Play, que Fair Play?! Doutrina, ou Exercício da Moral. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação Stricto Sensu de Mestrado e Doutorado em Educação Física). Rio de Janeiro: UGF, 1999

PRENSKY, M. Aprendizagem baseada em jogos digitais. São Paulo: SENAC-São Paulo, 2012.

SESI. DEPARTAMENTO REGIONAL DE SANTA CATARINA. Jogo eletrônico “Ilha dos Nativos”: caderno técnico de orientação para o instrutor. Santa Catarina: SESI/DR, 2012.

ENGLISH

REINVENTING SPORT IS A RECREATION OF VALUES: REVISITING COUBERTIN TO THE PRESENT DAY

When we searched Pierre de Coubertin, we identified in his life and work a magnificent entrepreneurial and social renewing spirit. His contributions to pedagogy and sport were fundamental for the recreation of values aimed at the global formation of youth. Coubertin is a great example of construction and renovation.

In view of the current moment of health, political and economic crisis generated by the Covid-19 pandemic, we have identified that human values such as solidarity, international union, respect and tolerance are indispensable to promote resistance and social recovery.

We call on governments and the IOC itself to invest more and more in sport as a tool of education in values. Inspired by Coubertin we suggest that sport can be constantly renewed in its time to recreate meaningful values for people, societies, for the peace and sustainability of the planet. Thus, the text presents and discusses three innovative educational aspects that help to reinforce and recreate values through sport.

PORTUGUÊS

ESPORTE E PANDEMIA DA COVID 19: A EDUCAÇÃO OLÍMPICA NO CENÁRIO DAS INCERTEZAS

Marta Gomes

"Tentamos nos cercar com o máximo de certezas, mas viver é navegar em um mar de incertezas, através de ilhotas e arquipélagos de certezas nos quais nos reabastecemos".

Edgar Morim (2020)

INTRODUÇÃO

Todas as crises da civilização nos fazem deparar com um cenário de incertezas. A crise do Covid-19 não é diferente, tratando-se de uma situação inesperada por um vírus desconhecido. Na mesma direção são incertas também as consequências sociais, econômicas, culturais e existenciais no cenário pós-pandemia. Aliás, o próprio "cenário pós-pandemia" guarda a incerteza como característica intrínseca, pois não nos é sabido quando, onde, por quem e como será vivido.

Restam-nos reflexões e ações compatíveis com o tamanho da crise tendo em vista tanto os modelos já consagrados e conhecidos, mas principalmente a criação de alternativas e vias que indiquem novos processos e métodos que façam gerar, ainda que com restrições, a roda da vida.

O objetivo desse capítulo é demonstrar que o cenário das incertezas atualmente vividas com a presença de um mal que se desconhece o fim é também um campo rico para traçar um paralelo com o esporte como atividade humana que envolve o risco, a ousadia e a incerteza, situando a Educação Olímpica como Educação em Movimento sintonizada com as demandas educacionais do atual cenário de incertezas.

MOVIMENTO OLÍMPICO: DO RISCO DA PRÁTICA ESPORTIVA AO ENGAJAMENTO GLOBAL CONTRA A COVID-19

O Movimento Olímpico, iniciado por Coubertin, visa promover a prática esportiva pautada nos valores do Olimpismo como filosofia central do esporte; pressupõe o internacionalismo, a paz e a solidariedade entre os povos, demandados ao esporte como ferramenta carregadora desses valores. Ele é conduzido pelo Comitê Olímpico Internacional, Comitês Olímpicos Nacionais, dentre diversas instituições internacionais e nacionais esportivas e de ensino. Em âmbito geral o Movimento Olímpico é constituído pela Solidariedade Olímpica, pelos Jogos Olímpicos e pela Educação Olímpica.

Como nunca visto antes na história, os Jogos Olímpicos que seriam realizados em 2020, foram cancelados em razão da pandemia da Covid-19. Este fato histórico que se reflete em todos os níveis da prática esportiva atinge drasticamente a teia comunicativa do esporte. O cenário típico do contato humano

dentro e fora dos espaços esportivos é, definitivamente, a antítese do isolamento social preconizado pelos cientistas e médicos, uma realidade que se contrapõe à natureza própria do esporte que envolve o agonismo, o contato, o encontro, o abraçar das multidões.

Embora o impacto econômico desse cancelamento seja ainda incalculável, os reflexos nas vidas dos atletas, equipes, espectadores, poderão ser ainda mais preocupantes, considerando as múltiplas faces do fator humano, isto é, sonhos, expectativas, perda de oportunidades futuras devido à idade, à condição física, a agenda futura de eventos, planejamentos de treinos e investimentos. Decisões que terão que levar em conta avaliações de todos os envolvidos no processo, especialmente os atletas.

Frente ao pressuposto de que o esporte deve ser praticado a favor da vida e da saúde, os comportamentos de risco ao contágio e contaminação da Covid-19 são decisões imprudentes que atingem não somente os indivíduos, mas toda a coletividade. O COB (2020) lançou uma cartilha protocolar que orienta os atletas e esportistas em geral a se comportarem diante dos riscos de contaminação nos treinos e práticas esportivas.

Há, nesse aspecto, uma ponte significativa entre o atual cenário e as reflexões sobre valores individuais e sociais que podemos explorar por meio da Educação Olímpica e os valores no e do esporte, partindo do pressuposto que valores e atitudes precedem comportamentos e alimentam, reciprocamente, o fortalecimento de representações sociais (DACOSTA e et al, 2007). Decisões individuais, comunitárias e nacionais precisam refletir em solidariedade planetária. Como afirma Morin (1996), a ética planetária é o mecanismo central para a sobrevivência do planeta.

No dia 23 de junho, data em que se celebra o Dia Olímpico, o Comitê Olímpico Internacional (COI), a Organização Mundial

da Saúde (OMS) e as Nações Unidas (ONU) lançaram uma parceria para incentivar pessoas e comunidades ao redor do mundo a se unirem por meio da campanha #HEALTHYTogether. Os três parceiros e diversos atletas olímpicos juntaram-se numa colaboração global para divulgar a mensagem de manter a saúde física e mental e reduzir a propagação e o impacto da COVID-19 (Fundação Oswaldo Cruz, 2020).

Embora a união de forças seja fundamental para o enfrentamento da Covid-19, o método (tradicional) utilizado com a participação de atletas de alto nível promovendo ideais de comportamentos saudáveis, isoladamente, além de não corresponder às diferentes realidades sociais por dificuldades de acesso a bens, serviços e condições materiais dignas de vida, parece ser pouco eficaz, pois atletas de alto nível expostos ao vírus também foram contaminados.

A massa populacional, mais exposta e menos protegida pelos órgãos governamentais, assim como a falta de consciência coletiva capilarizada em todas as camadas sociais, são fatores que devem ser considerados em momento tão delicado e que interferem nos diversos desequilíbrios das curvas da epidemia. É preciso encarar o problema de forma franca, demonstrando que nem tudo está sob o nosso controle, mas que existem valores, atitudes e comportamentos que podem minimizar os riscos em um cenário de incertezas.

A EDUCAÇÃO OLÍMPICA NO CENÁRIO DAS INCERTEZAS

As consequências do isolamento social sobre o fenômeno esportivo são altamente impactantes, comprometendo a sua vivência prática e a sua democratização, especialmente por meio dos projetos sociais interrompidos. O cenário atual da pande-

mia caracteriza-se pela total ou quase total privação da prática esportiva e pelo engajamento das pessoas em atividades físicas individualizadas, frequentemente motivadas por atletas e professores de Educação Física por meio das mídias digitais, que se tornam aliadas ao esporte na era da 4ª Revolução Industrial, mas não, substituindo-o (Gomes, 2020).

Coubertin, quando se deparou com os jogos esportivos nas escolas inglesas, imediatamente comparou com a Educação Física francesa, destacando o valor educativo das trocas simbólicas e componentes educativos que são favorecidos pelo esporte em detrimento das atividades gímnicas. Foi neste contexto que Coubertin instaurou a Pedagogia do Esporte, que ao longo dos anos consolidou-se em Educação Olímpica pelo pesquisador Norbert Muller (MIRAGAYA, A, 2009).

A Educação Olímpica busca demonstrar que o esporte é um conteúdo multidisciplinar e deve ser ensinado dentro e fora dos campos, ginásios e piscinas. Considerando que o cenário pós pandemia não é um cenário a curto prazo, segundo pesquisadores e especialistas, a condução da Educação Olímpica torna-se uma necessidade.

Deparamo-nos, então, com uma oportunidade, já que há uma intensificação das emoções e reflexão sobre a condição humana, sua força e sua fragilidade. Logo, educar para preparar-se para um cenário de incertezas, no qual o risco reserva surpresas aleatórias, mostra-se, mais do que nunca, como um caminho necessário à Educação Olímpica e à Educação Esportiva como um todo.

Embora o risco e a incerteza tenham sido categorias de análise quase exclusivamente adotadas aos esportes de aventura (COSTA, 2000; LE BRETON, 2006), a incerteza é um fenômeno intrínseco à vida e estende-se naturalmente a todas as atividades

humanas e esportivas. Para Morin (2003) a incerteza é um dos sete saberes necessários à educação, pois o futuro, apesar dos avanços da humanidade é imprevisível.

A incerteza, para Bernstein (1997), é encontrada também nos processos de tomadas de decisão, uma vez que o risco está presente tanto quando gera a incerteza quanto em suas consequências. Da mesma forma, o elemento surpresa, aleatório, é comum num sistema que depende de previsibilidade e probabilidade. Isso mostra que, a despeito de toda a racionalização que se empregue para a maximização dos resultados, a incerteza destes estará sempre presente, assim como os riscos. Por conseguinte, o praticante prudente precisa saber analisar e aprender com a vivência esportiva, ampliando o repertório cognitivo e atitudinal para a tomada de decisões conscientes.

O comportamento de risco, embora contenha ousadia e coragem, produz também potencialmente uma ampliação da incerteza sobre o seu resultado. E é nesse contexto que a Pedagogia da Incerteza, além de ampliar as capacidades cognitivas de análises por perspectivas divergentes, prepara também para lidar com a frustração e a derrota, além da vitória.

Logo, não teremos os Jogos Olímpicos em 2020, mas podemos alavancar a Educação Olímpica permanente e dinâmica mantendo vivo o esporte como objeto de estudo frente ao atual cenário da pandemia, pois ambos, esporte e pandemia são constituídos por cenários de incertezas. Relembremos a frase de Morin (1996): “Se a vida é movimento, o equilíbrio que lá podemos encontrar só pode ser dinâmico”(p. 13). O autor se reporta à lógica do ser vivo, incluindo a dos homens e mulheres, caracterizada pela dinâmica que, especialmente numa época de fim das certezas e dos determinismos, resulta numa força que é a inovação.

Tal pensamento resume a proposta de Educação Olímpica na qual nos embasamos ao longo dos últimos 20 anos (GOMES, 2009), agora mais fortalecida com a Pedagogia da Incerteza como caminho a ser estendido no cenário pós-pandemia.

CONCLUSÃO

Nos últimos seis meses, a pandemia da COVID-19 afetou todo o globo e todos os aspectos da vida das pessoas. A mágica do esporte que envolve o contato obrigatório com o outro foi suspensa e suspendeu-se também a possibilidade de vivenciar processos altamente ricos de socialização, de construção de identidades e vivências das incertezas como experiência educativa.

Identificamos um excelente paralelo entre o esporte e a vida no atual contexto de crise relacionada à Covid-19 que, embora não tenha sido abordado nas grandes campanhas globais, aponta para o centro da questão: como lidar com um cenário de incertezas? Seja na vida ou no esporte, a incerteza pode ser a antítese da racionalização dos métodos que ”garantem” a vitória. E quanto maior é o risco ao qual nos submetemos ou somos submetidos, maior é o cenário das incertezas.

Para isso, centralizamos a Pedagogia da Incerteza como recurso para compreender o cenário e trabalhar a Educação Olímpica com valores que favoreçam tomadas de decisão no esporte e na vida. O Esporte, com o advento de um vírus também universalmente solidário, consolida a sua prática como um campo fértil para a constante reflexão ética na vivencia e experiência de valores.

REFERÊNCIAS

Bernstein, P. L. (1997). Desafio dos deuses: a fascinante história do risco (2ª ed.). Rio de Janeiro: Campus.

Caillois, R. (1990) Os jogos e os homens. Lisboa: Portugal.

Comitê Olímpico Internacional (COB). Recomendações para os atletas do time Brasil sobre cuidados com o corona vírus. Disponível em: https://www.cob.org.br/pt/documentos/download/c2260400db0ee/ . Consultado em setembro, 18, 2020.

Costa, V. L. M. (2000). Esportes de aventura e risco calculado na montanha: um mergulho no imaginário. São Paulo: Manole.
DaCosta, L; Miragaya, A; Gomes, M; Turini, M. (2007). Manual valores do esporte – SESI; fundamentos. Brasília: SESI/DN.

Gomes, Marta. (2009) Por uma Educação Olímpica em movimento: notas de pesquisas e avaliações. In: A. Reppold Filho, L. Magalhães Pinto, R. Rodrigues & S. Engelman (org). Olimpismo e educação olímpica no Brasil (pp. 175-190). Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Gomes, M; Turini, M. (2020) Esporte e Tecnologia na quarta revolução industrial: O lugar da Ética em busca de valores. In: A. Miragaya, L. DaCosta, M. Turini & M. Gomes. Tecnologia, inovações e startups no sport (pp. 31-48). Rio de Janeiro: Ciência Moderna.

Fundação Oswaldo Cruz. ONU e OMS fazem parceria com Comitê Olímpico Internacional contra a Covid-19. Disponível em: https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1855-onu-e-oms-fazem-parceria-com-comite-olimpico-internacional-contra-a-covid-19 . Consultado em: setembro, 15, 2020.

Le Breton, D. (2006). A sociologia do corpo. Petrópolis: Vozes.

Miragaya. A. (2009) Educação Olímpica: o legado de Coubertin no Brasil. In: A. Reppold Filho, L. Magalhães Pinto, R. Rodrigues & S. Engelman (org). Olimpismo e educação olímpica no Brasil (pp. 41-54). Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Morin, Edgar. As certezas são uma ilusão. Fronteiras do Pensamento. Por CNRS / Le Journal por Francis Lecompte - 09.04.2020. Disponível em: https://www.fronteiras.com/entrevistas/edgar-morin-as-certezas-sao-uma-ilusao . Consultado em setembro, 09, 2020.

Morin, E. (2003). Os sete saberes necessários à educação do futuro. 8ªed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO.

Morin, E.; Prigodini, I. A sociedade em busca de valores. Para fugir à alternativa entre o cepticismo e o Dogmatismo. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

ENGLISH

SPORT AND PANDEMIC COVID-19: OLYMPIC EDUCATION IN THE SCENARIO OF UNCERTAINTIES

In every crisis of civilization we are faced with a scenario of uncertainty. The Covid-19 crisis is no different, especially because a virus little known to science. The social, economic, cultural and existential consequences in the post-pandemic scenario are also uncertain.

The "post-Pandemic scenario" itself keeps uncertainty as an intrinsic characteristic because it is not known to us when, where, by whom and how it will be lived.

The objective of this chapter is to demonstrate that the scenario of uncertainties currently experienced with the presence of an evil that is unknown to the end is also a rich field for teaching and reflection on sports through the pedagogy of uncertainty.

Sport, with the advent of a virus that is also universally supportive, consolidates its practice as a fertile field for constant ethical reflection in the experience of values opposed to those traditionally employed in training rationalization actions towards maximized results and probabilities.

ENGLISH

LIVING THE OLYMPIC VALUES DURING THE YOUTH OLYMPIC GAMES

Ines Nikolaus

Interview with Manuel Zähringer (GER), participant in the Winter Youth Olympic Games Lausanne 2020

Conducted on 27th of May 2020 by Ines Nikolaus (PhD), Vice-President of the International Pierre de Coubertin Committee, Delegate for the International Network of Coubertin Schools, and Manuel's English teacher.

ABSTRACT

This interview wants to find out whether the Education and Culture Programme, an ambitious plan introduced at the first YOG in Singapore ten years ago, is still well-perceived and actively used by the young athletes in 2020 and thus makes the YOG more than a "junior edition of the Olympic Games" or just sporting competitions. Furthermore, the per-

sonal experiences, challenges and feelings of a young elite athlete in preparation for the YOG, during his participation in the biggest sporting event for youths as well as being part of an international community, are explored. Thereby, a strong focus is placed on the perception of and the participation in the activities of the Education and Culture Programme offered and how young athletes experience and live the Olympic values, as established by Pierre de Coubertin more than a century ago. Finally, the question of being an "Olympic ambassador" and the ways of how to share the unique experiences during the YOG are investigated.

Manuel at the Viking Race in Heerenveen 2020 (private photo)

ABOUT THE ATHLETE:

- Born on 14th of February 2003 in Reichenbach, Germany
- Lives in Mylau, Germany
- Speed skater since age 5
- Home team: TSV Mylau

- Coaches: Mr. Roth (Mylau) and Gunda Niemann-Stirnemann (Erfurt)
- Other sports: table tennis, swimming, rowing
- Hobbies: Fishing, member of the local fire brigade

How and why did you start speed skating? What fascinates you about this sport? My grandfather played a pivotal role. He was on the board of the sports club "TSV Mylau". When I was four years old, I first tried ice skating on a pond, which I enjoyed very much. When I was five, my grandpa took me to a trial course at the ice rink in Greiz. I liked it – I was fascinated by the speed and agility on the ice and that is why I decided to take up this sport.

How often do you train per week now? I train 8-10 times per week.

What are your greatest sporting successes to date? Of course, my nomination for the YOG 2020 was my biggest success so far. I became German Champion in my age group twice (in 2017 and 2018). I also participated in the Viking Race, the unofficial European Junior Championship, six times (from 2015 to 2020), during which I became the runner-up in the all-around competition once. I also took 3rd place twice in the 1500m and 3000m (individual classification). Well, I don't really have a favourite discipline, but I like the longer distances from 1000m upwards more than the 500m. I am a typical all-around athlete and try to be as good as possible on all distances.

How do you usually prepare for competitions? Are there certain rituals or patterns you follow that are always the same?
Yes, the day before the competition I go out on the ice again, but I don't overexert myself too much. I take special care to eat enough to fill up on energy for the competition and stay calm.

I achieve this by listening to music. Often, I listen to rap or the charts.

You became a student at the Pierre de Coubertin Gymnasium in Erfurt this school year. What does that mean for you? It means a lot to me. It's a good way to combine sport and school because the training is integrated into the daily timetable and so the day is much more organised. I was also very well received and I have many friends here.

Coubertin, the school's namesake, wrote sports history with the reintroduction of the Olympic Games. Which Olympic values come to your mind spontaneously that he wanted to convey with the Games? His ideas were transnational, international. He wanted unifying competitions for athletes from different countries and varying religions. Olympic values? I would say: fair play, respect and excellence.

Your biggest sporting challenge so far was participating in the Youth Olympics this winter. Were these different competitions than usual? In what way? What was special? Yes, definitely, because they were much bigger than other competitions, with starters from all nations, where speed skating is trained, and a lot of media representatives on site.

This already began with the clothing, the equipment of the German team. It was a cool feeling to belong to Team Germany!

In Saint Moritz, the Olympic idea could be felt everywhere. The Olympic Rings were carved into huge ice and snow cubes, but also on the clothes, they could not be missed. We athletes were allowed into the VIP zone. That was also a bit of a "luxury feeling".

With the introduction of the YOG 2010 in Singapore, Dr. Jacques Rogge, the former IOC president, did not only intend to organise a junior edition of the Olympic Games. These should not only be sporting competitions, but also bring the youth of the world, young people from different cultures and backgrounds closer together and allow them to experience Olympic values. What experiences did you have in this respect in St. Moritz?
Above all, the YOG competitions should be fair competitions. Doping has no place in sport! Here, the WADA and the NADAs play a very important role. They ensure the protection of fair athletes and a clean sport. Therefore, many questionnaires to be filled out, but also doping tests are the norm.

We cheered on all the starters, were happy with all who placed, congratulated everyone, no matter which country they came from.

We were also very grateful to the organisers for such great YOG! We often thanked them with pins or exchanged pins with athletes from other countries as a remembrance.

Did you participate in the Education and Culture Programme? Which impressions did you take with you? Yes, there were workshops, for example, to improve the athlete's performance, e.g. with push-ups, sports tests, games and tips. There were also events to prevent injuries, which included reminders to always wear a helmet and ankle protection. Innovative training methods were also presented, such as balance exercises on a kind of wobble board or the use of video recordings, like 3D simulations.

I remember numerous stations in the city where we could take part in a quiz on tablets about the fight against doping or watch a film about the prevention of harassment and abuse in sport. Cool were also the workshops of a playful kind, where you could win pins. And all this in English!

Very moving for me was the evening of all ice speed skaters with Olympic participants like the sprinter Vanessa Herzog from Austria.

I also liked the presentation of the International Sport Federations in the city.

Even before our departure, we took part in an information event in Munich on how to deal with the press, photos and videos as well as social media.

Looking back on your participation in the YOG: At what point in the Olympic Village, at the competition venues, in the city, did you become aware of the Olympic values? Where could you experience them yourself? Everywhere in the city you could discover Olympic symbols, especially the Olympic Rings and the mascot Yodli, which is a mixture of a cow, a goat, and a St. Bernard dog: in ice blocks and figures in the streets, in our accommodation, on huge screens at the competitions venues or at exhibitions.

But also, at the competitions: thus, in the team sprint, in international teams, you could feel the cohesion that unites the countries. Also, in the evenings, in our free time at the kicker table or in the lounge we found many new friends.

Which experience in St. Moritz impressed you particularly? The opening ceremony especially and, of course, the competitions themselves. Our disciplines, which we had to run, were the 500m, 1500m, the team sprint and last but not least, the mass run.

On the basis of your experiences at the 3rd Winter YOG: What advice can you give younger training mates, for example our fifth graders, to become successful athletes? To be success-

ful, it is important to always listen to your body and not to forget necessary rest periods. Absolute concentration in training and competition as well as following the advice of the trainer is also crucial.

But, of course, the sport must also be fun and you must not put yourself under constant pressure! This also means that after a failure, one does not let his head hang down, but instead should motivate oneself anew.

One aim of the IOC is to encourage participants of the YOG to become ambassadors for sports and the Olympic values. Do you see yourself as such an ambassador? What can you/ do you want to do concretely? Yes, I see myself as such an ambassador and would like to share my experiences with others in order to motivate them.

I would like to be a role model for younger athletes, but also for all people. Perhaps also for those who think that nothing will ever come of them, those who lack motivation or self-confidence.

Your parents accompanied you to St. Moritz. How did they support you on site? They were there at my competitions, cheered me on, and always motivated me. That was great support!

Do you have a role model in sport? Why is he/she a role model for you? On the one hand, Nico Ihle is my role model, because he has already competed in the Olympic Games several times, and, of course, my coach Gunda Niemann-Stirnemann, who is herself a three-time Olympic champion and 19-time world champion in ice speed skating. She was and is a fighter and for me she is a person to respect. I am very grateful for each of her tips.

I was very proud when my parents gifted me the book by Gunda Niemann-Stirnemann “Ich will”. I will definitely read it to learn more about her and her way to the top of the world. And, maybe, it will motivate me in my sporting career.

What are your future plans?

In sports? Of course, my biggest dream is to be able to take part in the Olympic Games one day. But this is still a long way to go. First and foremost, I hope to get through the next season without injury, to continuously improve my best times, and to get the nomination for the Junior World Cups next season.

Professionally? I would like to join the fire brigade, where speed and physical effort play a big role and where I can help people. (Translation from German by Elisa Floß, Germany)

Manuel, fascinated by the start on a frozen lake near St. Moritz and happy about the chance to participate in the 3rd Winter YOG in 2020. (Private photo)

PORTUGUÊS

VIVENDO OS VALORES OLÍMPICOS DURANTE OS JOGOS OLÍMPICOS DA JUVENTUDE

Entrevista com Manuel Zähringer (GER), participante do Winter Youth Olympic Games Lausanne 2020 - Esta entrevista quer verificar se o Programa de Educação e Cultura, um plano ambicioso introduzido no primeiro YOG em Cingapura há dez anos, ainda é bem percebido e ativamente utilizado pelos jovens atletas em 2020. Caso as respostas sejam positivas, os YOG tornar-se-iam mais do que uma "edição júnior dos Jogos Olímpicos" ou apenas competições esportivas.

Além disso, são exploradas as experiências pessoais, desafios e sentimentos de um jovem atleta de elite em preparação para o YOG, durante sua participação no maior evento esportivo para jovens, além de fazer parte de uma comunidade internacional.

Assim, um forte foco é colocado na percepção e na participação nas atividades do Programa de Educação e Cultura oferecidas e como jovens atletas vivenciam e vivem os valores olímpicos, conforme estabelecido por Pierre de Coubertin há mais de um século.

Finalmente, a questão de ser um "embaixador olímpico" e as formas de compartilhar as experiências únicas durante o YOG são investigadas.

ENGLISH

THE CONCEPT OF SPORT IN OLYMPISM

Jim Parry

1. INTRODUCTION

In history and geography, in a thousand different contexts, people have used the word 'sport'[1] to refer to all sorts of things. Hunting, shooting and fishing are 'field sports'; bull-fighting is a 'blood sport'; jogging is a 'recreational sport'; chess and bridge are 'mind sports'; dance wants to be dance-sport; yoga wants to be yoga-sport. Our question is: are all these activities really sports? Does anything count as a sport, if someone wants to call it a sport?

To address this question, we need a methodology, and I shall employ the philosophical technique of conceptual analysis, which involves the search for 'logically necessary conditions' for the use of a word[2]. I shall provide six logically necessary conditions for 'Olympic sports', yielding a simple definition: institutionalised rule-governed contests of human physical skill.

2. OLYMPIC SPORT

In order to justify these six criteria, I shall offer 'construals' of the six logically necessary conditions of 'Olympic sport', giving reasons to support each criterion[3].

2.1 Human

Sport is a human enterprise. Whilst it is true that many animals frolic, gambol and play, non-human animals do not organize sports for themselves. And whilst it is true that animals sometimes participate in sport, they do so always and only at the behest of humans.

2.2 Physical

Just as we had to construe the idea of the human in order to explain its significance for our concept of sport, so we must construe the idea of the 'physical'. In what sense is sport physical? Chess is not a sport because the physical movements required are not necessary (since someone else could move a piece for me) and, because the actual movement is irrelevant to the outcome of the game.[4 5] Sport is physical just in the sense that the actual physical movement produces the outcome, as in shooting[6].

2.3 Skill

All sports require the development and exercise of human physical skill. This rules out those many activities that exercise human physicality, without demanding any significant level of skill learning from the participant. Examples would include walking (not race-walking, which does require the learning of a prescribed and very specific set of skills), jogging, exercise-cycling, speed-eating, basic training routines, etc. Some might like to say that their daily dog-walking, or thrice-weekly jogging are their 'sport' – but a mere exercise routine does not require a significant skill component.

2.4. Contest

All sports are contests. They are constructed as essentially contested activities. In sport, there is no pong without ping[7]. This rules out activities such as mountaineering, which is a challenge (or test[8]), rather than a contest, and also many other 'Outdoor Activities', which are so called just because many participants wish explicitly to deny that they are 'sports', given their ethos which rejects competitiveness, regulation and institutionalization. It also rules out dance, which is not an essentially contested activity. A tango might be performed as a ritual, a display, a celebration, or as part of a social event, but such a non-contest instance of dance might be performed identically to a competition performance, when various performances are judged one against another in a contest. This shows that dance is not an essentially contested activity.

2.5 Rule-governed

I assume that it is uncontroversial that all sports are rule-governed (although this is of the first importance both for the concept of sport and for the normative status of sport). If so, this rules out all those activities which do not require rule specifications to determine the outcomes. Field sports, for example, are a matter of going out of the house and killing animals. How you do that is up to you[9]. Jogging can be done as and when the spirit takes you – no rules apply. Resisting the imposition of rule structures upon surfing is at the heart of the 'soul surfing' versus 'competitive surfing' debate.

2.6 Institutionalized

Sports are those rule-governed contests of human physical skill that have achieved institutionalized status. Again, of course, we have to construe this term – to say more about what kind and level of institutionalization is required for our concept of sport. If we put these six 'criteria' together, we arrive at a simple definition of sports, as: institutionalized rule-governed con-

tests of human physical skill. As well as providing defining features (characteristics) of sport, they also provide a 'demarcation criterion' (that is, they also tell you what sport is not).

3. THE VALUES OF OLYMPIC SPORT

In providing such an account of 'Olympic sports', I might be asked: why investigate (only) Olympic sports? One answer might be that this kind of sport is highly valued, so that we might go on to enquire as to the values of Olympic sport. I want to argue that the conceptual analysis suggests a specification of the internal values of sport because it is difficult even to state the characteristics of sport without relying on terms that carry ethical import. Let me pursue this idea by following our six-criteria outline, and correlate each criterion with relevant values.

human	*(development of the human, as athlete)*
physical	*(effort, energy)*
skill	*(development of human capacities - practice, training and 'education')*
contest	*(competition and excellence, co-operation, co-facilitation, respect, the 'contract to contest')*
rule-governed	*(obligation to the rules, fair play, equality, justice, non-discrimination)*
institutionalized	*(lawful authority, friendship, community, mutuality and solidarity)*

This seeks to show the connections between the definition of Olympic sport and the values entailed by its successful practice. Now we can see the genesis of the idea of Olympism – it derives from the values that are already, necessarily, in sport.

The logically necessary conditions that specify the six defining criteria of Olympic sport generate (or at least are consistent with) a set of values that are central to the values of Olympism.

Some people think that Olympism gives values to sport. I think it's the other way round: sport is the source of Olympic values[10]. De Coubertin saw what was already there – in everyday sport itself. Sport as an activity encapsulates and represents the everyday values that are present in any approach to civilized and well-organized communities anywhere in the world. That is why sport is universalisable, and that is what the Olympic Games are for – as a means to announce, exhibit and popularize this concept of ethical sport.

So, we don't need to look to de Coubertin as a kind of inventor – as the inventor of 'Olympism'. For us he is more like a discoverer – one of the first to investigate and try to understand the logical basis of this newly emerging cultural form – modern sport. This analysis, of what sport is (what its intrinsic values are) and what it might become, is the major source of Olympism. What de Coubertin realized was that everyday sport in everyday life is full of its own value. All we need to do is to understand the logical basis of the practice of sports as institutionalized rule-governed contests of human physical skill, and to recognize and promote the values that flow from sport as a practical bodily expression of the values of liberal humanism. And this is the role of Olympic Education.

REFERENCES

BBC News. (2018). CES 2018: Square Off smart chessboard moves its own pieces. BBC Sport website, 11 January 2018. Accessed 10 June 2020 at: http://www.bbc.com/news/av/technology-42657084/ces-2018-square-off-smart-chessboard-moves-its-own-pieces

Jenny, S.E., Manning, R.D., Keiper, M.C., & Olrich, T.W. (2017). Virtual(ly) athletes: Where eSports fit within the definition of 'sport'. Quest, 69(1), 1-18.

Kretchmar, R. S. (1975). From Test to Contest: An Analysis of Two Kinds of Counterpoint in Sport. Journal of the Philosophy of Sport, 2, 23–30.

Llorens, M. & Mariona, L. (2017). eSport Gaming: The Rise of a New Sports Practice. Sport, Ethics and Philosophy, 11(4)

Paddick, D. (1975). What makes physical activity physical? Journal of the Philosophy of Sport, 2, 12–22.

Parry, J. (1998). Violence and Aggression in Sport. In McNamee, M. & Parry, J. eds., Ethics and Sport. London: Routledge, 1998, 205-224).

Parry, J. (2006). Sport and Olympism - Universals and Multiculturalism. Journal of the Philosophy of Sport, 33, 188-204. Also published as: Sport, Universals and Multiculturalism. In A. Muller (ed.), Concepts of Culture: art, politics and society (p. 267-290). Calgary: University of Calgary Press.

Parry, J. (2019). E-sports are not Sports. Sport, Ethics and Philosophy 13 (1), 3-18.

Parry, J. (2020). The Concept of Sport in Olympism Diagoras, 4, (forthcoming).

van Hilvoorde, I. (2016). Guest Editorial. Sport, Ethics and Philosophy, 10 (1). DOI: 10.1080/17511321.2016.1171252

NOTES

1. Or a similar word in another language (and we should not underestimate the difficulties sometimes involved in translation).

2. For an explanation and a justification of this philosophical methodology, and its product, this concept of Olympic sport, I refer the reader to the article 'E-sports are not Sports' (Parry 2019, 5-7), where they were first outlined and defended in detail. Earlier formulations of such a concept of sport are to be found in Parry 1998 and Parry 2006.

3. A more detailed version of this section is to be found in Parry 2019, 7-11.

4. Another way in which chess can be played remotely is, for example, by mobile phone connected to a smart chessboard which moves the pieces on command. (see BBC News 2018)

5. This point is considered by Paddick (1975, 14)

6. Shooting is often (and I think erroneously) mentioned as an example of a relatively non-'physical' sport, e.g. Jenny et al, 2017, 10; Llorens & Mariona 2017, 468.

7. This is a joke. It trades on the name of the first computer game, which was called Pong. "It was as simple a game can be: just two paddles and a virtual ball that can be hit across a two-dimensional screen. ... one could see in this game the simulation of table-tennis." (van Hilvoorde, 2016, 1). Pong is a computer game, but not a sport. Ping-pong is a sport.

8. For the test/contest distinction, see Kretchmar 1975.

9. What I mean by ‘field sports’ is something pretty informal. Of course, when, for example, fishing becomes more formalised, angling contests might qualify as sport. Clay-pigeon shooting (a sport) uses a shotgun, but wild boar hunters (field sport) can use anything they like.

10. This is not to deny that there are other sources, too - for example, the ethical and political values of liberal humanism, which I consider in detail in Parry 2006, 192-195. In the present paper, though, I am concerned with the values of sport in Olympism; and I do not explore the deeper issue of the relation between the emergence of modern sport in the late nineteenth century, and the liberal-humanistic values of ‘late capitalism’, including fin-de-siècle internationalism.

Inovação, conectividade e videogames

Innovation, connectivity and video games

Innovación, conectividad y videojuegos

PORTUGUÊS

eCOUBERTIN

Leonardo Cunha

O Movimento Olímpico irá ser indubitavelmente afetado pelas alterações tecnológicas. Mesmo que seja muito difícil fazer qualquer previsão futura superior a 10 anos, podemos imaginar um Movimento Olímpico em 2030.

Numa edição da Science Digest de agosto de 1948, um artigo descreve: "A aterragem e a movimentação na Lua oferecem tantos problemas sérios para os seres humanos que a ciência pode levar mais 200 anos para os vencer". Passados 21 anos, em 1969, o homem conseguiu o incrível feito de aterrissar na lua.

Ao longo dos tempos, a ciência e a tecnologia têm-nos mostrado uma evolução muito mais rápida do que comumente prevemos. Para a geração que conheceu os primeiros computadores, seria impensável uma realidade em que as pessoas colocariam quase toda a sua vida num telefone móvel com acesso à internet e diversas aplicações.

Esta é uma altura em que temos todos a oportunidade de refletir sobre o futuro do Desporto, portanto será importante compreender qual a sua posição num mundo globalizado e

com rápidos avanços no campo da tecnologia. A velocidade galopante do desenvolvimento da inovação tecnológica, torna o seu papel indispensável para a evolução de outros setores e o desporto não pode, sob circunstância alguma, ficar à parte.

Desde as redes sociais às realidades aumentadas, a tecnologia tem moldado a vida das pessoas criando mais facilidades, mas também acelerando o dia-a-dia na realização de tarefas. O mesmo acontece com o desporto. O consenso reúne-se à volta de cinco áreas em que a tecnologia influenciará o futuro do desporto.

A primeira área diz respeito ao nível de desempenho atlético. O limite da fisiologia humana está em certa medida encontrada, contudo, e graças à tecnologia vestível, os atletas agora podem incorporar pequenos GPS, acelerômetros e outras ferramentas de coleta de dados nas suas roupas.

Essas ferramentas rastreiam tudo o que diz respeito à fisiologia dos atletas. Igualmente, a prevalência de câmeras de alta velocidade e alta definição permite que atletas e equipes gravem os seus movimentos em sessões de treino com ínfimo detalhe. Processo este que facilita as análises aprofundadas do desempenho atlético.

A segunda área diz respeito à prevenção e tratamento de lesões. A tecnologia está a tornar o desporto mais seguro de várias maneiras. A evolução de capacetes inteligentes e outras tecnologias vestíveis permite um melhor monitoramento de lesões potencialmente traumáticas. Abre-se assim um caminho para um atendimento médico mais imediato e eficaz. Também oferece uma oportunidade de coletar dados sobre colisões e identificar padrões para melhor prevenção de lesões desportivas. A mesma tendência verifica-se na reabilitação de lesões e está a receber um impulso da tecnologia. Algumas pesquisas

sugerem que as utilizações de tecnologias de jogos de realidade virtual podem ajudar no tratamento de lesões no pescoço e na coluna vertebral.

A terceira área diz respeito à arbitragem. Os avanços na tecnologia podem oferecer aos árbitros algum alívio. Novas tecnologias - como câmeras de 360 graus e monitores da linha do gol – vão garantir maior precisão na capacidade de ajuizamento.

A quarta área diz respeito ao envolvimento entre atletas e adeptos ou fãs. Tecnologias como a internet e as criptomoedas estão a descentralizar o mundo do desporto de várias maneiras. Estas vão facilitar relacionamentos sem precedentes entre atletas e adeptos. A marca 433ken planeja oferecer oportunidades para alguns dos maiores jogadores de futebol do mundo orientarem até cinco talentos de cada vez. Esses mentores serão patrocinados por adeptos de futebol que investem no cultivo da próxima geração de talentos. É uma plataforma única que abrirá novas oportunidades. Esse tipo de interação não seria possível sem avanços na tecnologia.

A quinta área diz respeito à experiência do espectador. A tecnologia não apenas permitirá que os adeptos apoiem a próxima geração de talentos, mas também está a mudar a maneira como experimentam as competições. Os adeptos vão começar a consumir conteúdo desportivo das maneiras mais dispersas. Em vez de se sentar em um horário designado para assistir a um único jogo na TV, agora podem assistir a todos os tipos de conteúdos relacionados ao desporto em qualquer lugar (e a qualquer momento) nos seus celulares, tablets e outros dispositivos.

Cada vez mais emissoras de televisão estão a oferecer experiências de realidade virtual e aumentada para transformar a maneira como os adeptos interagem com o conteúdo desportivo e ajuda os adeptos a sentirem-se parte da ação (mesmo

nos sofás em casa). Esta é uma área complementada pelos e-sports que se têm apresentado como um desporto de demonstração em competições, como os Jogos Asiáticos. Ele estará presente nos Jogos Pan-Americanos de 2023 em Santiago e também será um evento paralelo nos Jogos Olímpicos de Paris em 2024. Até o Comitê Olímpico Internacional já deixou claro que deseja acompanhar os avanços dos e-sports, criando um grupo de contato em 2018.

Durante os Jogos Olímpicos de Tokyo2020 foi prometido pelos organizadores a utilização de novas tecnologias e a robótica como um meio de entrega dos Jogos: a sustentabilidade e tecnologia com iniciativas de uso de materiais reciclados para construção das medalhas, assim como o biocombustível e sistema de transporte elétricos. A utilização de apps e dispositivos portáteis para tradução simultânea é igualmente um avanço planejado para os Jogos. Serão também os primeiros Jogos a usar em plenitude a tecnologia 5G para a transmissão de dados (após os testes realizados nos Jogos Olímpicos de Inverno de 2018), possibilitando uma ligação quase instantânea. O uso da robótica dentro do Field of Play (para por exemplo recuperar os equipamentos desportivos de arremesso) ou no aeroporto e Vila Olímpica (para transporte das malas dos atletas), assim como uma imensidão de drones para potencializar não só a experiência da vila como também a utilização de realidade virtual na criação de uma experiência de imersão aos participantes dos Jogos.

A tecnologia está a alterar radicalmente o mundo do desporto. À medida que a tecnologia continua a evoluir, as barreiras entre fãs, atletas e equipes são diminuídas. Deste modo, o desporto convida a mais participação em várias plataformas do que nunca. Esta alteração será inevitável. Em 30 de dezembro de 2019 foi lançado uma Open Source Think Thank chamada Future Agenda que administra o principal programa de previ-

são aberta do mundo e ajuda as organizações a identificar oportunidades emergentes e a tomar decisões mais informadas. Um dos mais importantes artigos que aí foram publicados tem a autoria da Global Future Councils (dentro da World Economic Forum) que faz várias previsões chamadas as "5 alavancas para a mudança".

Ao referir estas alavancas de mudança, podemos fazer o exercício de as completar com citações de Pierre de Coubertin (Cit. PC.). Estas alavancas podem servir de âncora para o Movimento Olímpico possa recuperar a sua essência numa projeção para o futuro.

- **Alavanca 1:** Desenvolvimento de sistemas de educação e treino ao longo da vida - A globalização, a inovação e as novas tecnologias exigem sistemas de treino ao longo da vida, ajudando indivíduos de todas as idades a aprender as habilidades necessárias para um mundo em mudança. Cit. PC. "(O Olimpismo) se recusa a aceitar a existência de uma educação de luxo reservada para as classes ricas, e nenhuma delas deve ser entregue às classes trabalhadoras."

- **Alavanca 2:** Diversidade na codificação e igualdade de gênero em tecnologia - A diversidade é um elemento crucial para as organizações sobreviverem e prosperarem em um mundo em rápida mudança. Cit. PC. "Os Jogos são globais. Todas as pessoas devem ter permissão para entrar, sem debate."

- **Alavanca 3:** Aproveitar os dados como força para o bem - Os dados estão no centro da nossa economia e sociedade; precisamos garantir que eles sejam entendidos e usados como força para o bem, com escolhas e consentimentos informados. Cit PC. "Os Jogos Olímpicos unem os vários ramos do desporto em pé de igualdade para a melhoria da humanidade".

- **Alavanca 4:** Projetando novos contratos sociais - A quarta revolução industrial pode criar um renascimento para a humanidade, no qual reconfiguramos coerentemente valores para os seres humanos, arranjos econômicos e sustentabilidade do planeta e de seus ecossistemas. Cit PC. "Os Jogos Olímpicos são uma peregrinação ao passado e um ato de fé no futuro."

- **Alavanca 5:** Foco na visão de longo prazo e experimentação de curto prazo - Pensar a longo prazo com vontade de falhar rapidamente, aprender e interagir é a chave para liderar com sucesso em um ambiente volátil, incerto, complexo e ambíguo

- **Cit PC.** "(Atleticismo) planta sementes de observação, pensamento crítico, autocontrole, esforço calculado, gasto de energia e uma filosofia prática diante do fracasso. Essas são qualidades que esta geração precisa desesperadamente."

Coubertin é atemporal. As suas ideias são baseadas em valores inegáveis para o avanço e desenvolvimento da humanidade. Ao pensar no Movimento Olímpico baseado nas oportunidades do futuro é recomendável recuperar os seus textos e ideias, pois elas não têm expiração quando se refere à transformação para um mundo melhor. O Movimento Olímpico tem uma base social em prol do desenvolvimento do ser humano e da compreensão universal através do desporto. Tem como missão celebrar a paz e incentiva o respeito mútuo entre as pessoas. É um movimento que contribui para a construção de um mundo melhor que é pautado em uma consciência democrática, humanitária, cultural e ecológica por meio da prática desportiva.

NOTA

1. https://www.prospectivayestrategia.cl/pdf/AMGFC18_Vision_2030_report.pdf

ENGLISH

eCOUBERTIN

The Olympic Movement will undoubtedly be affected by technological changes. This is a time when we all can reflect on the future of sport with rapid advances in the field of technology. Surely, technology has shaped people's lives by creating more facilities, but also speeding up their day-to-day tasks. In sports, the consensus comes together around five areas in which technology will influence the future of sport, namely (1) athletic performance, (2) injury prevention and treatment, (3) refereeing, (4) involvement between athletes and fans and (5) spectator experience.

Technology is radically changing the world of sport. We can see that Global Future Councils' "5 levers for change" remain aligned with Pierre de Coubertin. These levers can serve as an anchor for the Olympic Movement to recover its essence in a projection for the future. Whether this anchor is associated with the development of lifelong education and training systems, diversity in coding and gender equality in technology, harnessing data as a force for good, projecting new social contracts or focusing on the long-term vision and short-term experimentation. Coubertin is timeless. His ideas are based on undeniable values for the advancement and development of humanity.

PORTUGUÊS

PERCEPÇÃO DOS ESTUDOS OLÍMPICOS EM TEMPOS DE PANDEMIA COMUNICAÇÃO, INOVAÇÃO E TECNOLOGIA

Héctor Horacio Henry

A presente contribuição para este livro com sua índole futurista, mas com atenção ao passado, obriga-nos a regressar à antiguidade, às origens dos Jogos Olímpicos, e desenvolver uma ação para ativar a imaginação e sustentar o que aconteceu há 3.000 anos. A primeira comunicação sobre a existência dessas atividades esportivas, associadas a acontecimentos religiosos e até mitológicos, anda de mãos dadas com as histórias de Homero, na Ilíada, principalmente para demonstrar, como ato de respeito funerário, que tem valor para os mortos sendo homenageados por meio de jogos atléticos.

A primeira comunicação oficial dos Jogos Olímpicos está em uma placa de 776 a.C. mencionando Corebo, padeiro do Eta,

como o vencedor em Olympia na prova de Estádio. Tão importante foi aquela mensagem gravada em pedra, que passou a ser o ponto 0, do calendário grego. Daí foi estabelecida uma ordem correlativa dos Jogos Olímpicos e com ela administrar e permitir, séculos depois, localizar exatamente os grandes fatos da Antiga Grécia, até que o calendário cristão a substituiu definitivamente no século 4 d.C.

Foi uma grande invenção, que mediu o tempo e estabeleceu um calendário para uma área importante como era aquele mundo originário. A adaptação dos instrumentos utilizados nas competições nada mais foi do que aprimorar e aperfeiçoar a técnica da guerra, seja no dardo, na corrida, na luta, no treinamento de hoplitas, etc. A adaptação ao terreno, na corrida ou na luta, foi um dos valores que o soldado grego adotou no campo de batalha, derivado do treinamento esportivo contínuo. O pentatlo é um resumo dessa habilidade e algumas batalhas como a Maratona, foi o exemplo de todas essas adições, que lhes permitiram vencer inimigos maiores em número e poder militar.

Quem teve a sorte de observar as ânforas gregas no período da terracota vermelha, poderá encontrar registros gráficos exatos das provas; como também técnicas, controles e treinamentos, e até a higiene do atleta. Encontramos sumô em estátuas do período do século 5 a.C. em que o trabalho de Mirón e seu clássico DISCOBOLO revelaram-se incomparáveis. É o resumo da concretização da expressão da melhoria do corpo, através da atividade física e também de toda a técnica e esforço claramente expressos.

Este mundo originário do esporte foi revivido posteriormente com Pierre de Coubertin já em épocas mais recentes, o qual também entendeu como a mídia da época ajudaria no desenvolvimento do esporte e da competição. Ele assistiu ao surgimento do telégrafo em meados do século XIX, época em que

surgiam as páginas e cronistas esportivos (que nem sempre se davam bem com Coubertin, que tinha um dos primeiros cartões de jornalista esportivo da França). Houve, outrossim, um aprimoramento do cronômetro e a unificação do sistema métrico. Isso permitiu o registro de uma marca (o recorde), que mostrava a superação de um esforço, em qualquer parte do mundo, e nos convidava a emulá-lo e superá-lo, não só no país de origem, mas em todo o mundo. Em resumo, o esporte foi conectivo na Antiga Grécia, repetindo-se com Coubertin por meio de inovações na época "moderna" em que atuou e se destacou.

O tempo de Coubertin foi também do trem e do telégrafo. Estes meios tecnológicos e também de conectividade facilitaram na Inglaterra as atividades de apostas as quais foram esteios do desenvolvimento do esporte. Com maior amplitude um telégrafo, um telefone incipiente, um correio mais moderno, uma fotografia melhorada, um cinema que percorria um caminho avassalador, aliaram-se a técnicas e meios avançados para oferecer um esporto em mudança. Vela, remo, ciclismo, bolas para diferentes tipos de jogos, ferramentas modernizadas como: bala, dardo, disco de peso unificado, sistemas de controle tecnificados e principalmente, suporte, aprimoramento e internacionalização das regras em cada esporte, que os tornaram enfim meios universais.

Em 1912 todas as provas dentro e fora do estádio Stockolmo foram transmitidas por alto-falantes; em 1932 foi instalado e utilizado o photofinish; em 1936, uma incipiente TV entrou em todos os bares de Berlim, próximos ao Estádio Olímpico. Por sua vez, o cinema atinge a difusão máxima dos Jogos Olímpicos com o filme "Olympia" de Leni Riefenstahl.

Lembro-me em 1964, em Tóquio, da aplicação na natação, das placas eletrônicas para registro de chegadas e horários diretamente na prancha. Com isso, uma longa disputa por resultados

como a final dos 100 jogos livres em Roma 1960 foi resolvida, uma discussão que continua até hoje, entre um australiano, um americano, e com o brasileiro Manuel dos Santos como terceiro na disputa. Esta nova tecnologia não só garantiu o resultado, como mudou a forma de ver as chegadas, visto que o público se habituou a ela nos últimos 15 metros, seguir a competição pela prancha e não olhar para a piscina.

Em 2004 e 2008 tive a oportunidade de dirigir as transmissões do Canal de TV Montevidéu, de estúdios, dos Jogos Olímpicos de Atenas e de Beijing. Nesses momentos tive a oportunidade de ver praticamente todas as competições, de um escritório, quando não estávamos no ar e ouvindo comentários diretos, muitos com detalhes que não foram divulgados ao público. A qualidade da transmissão, melhorada a cada ano, os detalhes, a repetição, o som, me faziam ver os Jogos Olímpicos de uma forma diferente, que nunca teria chegado, da parte esportiva, estando na sede.

Nesta época atual de pandemia, onde as transferências e conectividades tornam-se dominantes, a dúvida entre o real e virtual se torna mais evidente. Em todo caso, se há algo a valorizar em todo o esporte atual, é o seu aprimoramento contínuo e as inovações regulatórias, para que permaneça atraente tanto para quem o pratica como para quem o observa.

Sem perder a essência de cada especialidade, tem permitido contar com cada vez mais adeptos. Desde a mudança da cor das bolas e roupas, para que seja observada e claramente diferenciada na TV. Os novos regulamentos do voleibol, pólo aquático, basquete, etc., tornaram mais agradável e, principalmente, a resolução do COI de experimentar novas formas de competições, que os jovens estão adotando e que algumas foram testadas com sucesso nos Jogos Olímpicos da Juventud de Buenos Aires, prevendo-se que o interesse em ser partici-

pante, seja como ator ou como espectador, seja permanente. Acho que Coubertin as aprovaria já em 1894 com aquela alma visionária que todos nós passamos a admirar e promover.

ENGLISH

PERCEPTION OF OLYMPIC STUDIES IN TIMES OF PANDEMIC. COMMUNICATION, INNOVATION AND TECHNOLOGY

A new world originating from the sport was revigorated by Pierre de Coubertin in the late 19th century, when it was also understood on how the media of the time would help in the development of the sport and competition. He witnessed the emergence of the telegraph in the mid-19th century, when the pages and sports chroniclers appeared (who did not always get along with Coubertin, who had one of the first sports journalist cards in France). There was also an improvement of the stopwatch and the unification of the metric system. This allowed us to register a performance (the record), which showed the overcoming of an effort, anywhere in the world, and invited us to emulate and overcome it, not only in the country of origin, but all over the world. In short, the sport was connective in ancient Greece, repeating itself with Coubertin through innovations in the "modern" era in which he acted and stood out.

Coubertin's time also included the train and the telegraph. These technological and also connectivity sectors facilitated in England the betting activities which were pillars of the development of the sport. With greater amplitude a telegraph, an incipient telephone, a more modern mail, an improved photograph, a cinema that evolved fast, joined advanced techniques and means to offer a changing sport. Sailing, rowing, cycling, balls for different types of games, modernized tools such as: bullet, dart, unified weight disc, technical control systems and mainly, support, improvement and internationalization of the rules in each sport, which made them finally universal means.

The new regulations of volleyball, water polo, basketball, etc., have made them more enjoyable. Moreover, there are new IOC's resolutions to try new forms of competition, which young people are adopting. Some have been successfully tested at the Youth Olympic Games in Buenos Aires. There is now interest in being a participant, whether as an actor or as a spectator, and this is expected to be permanent. I think Coubertin would approve them as early as 1894 with that visionary soul that we all came to admire and promote.

ENGLISH

CORONAVIRUS, VIDEO GAMES, AND OLYMPISM

Cesar R. Torres

Francisco Javier López Frías

Video games have increased in popularity over the last several decades, specially, but not exclusively, among young people. According to David Lappartient, chairperson of the e-sports and gaming liaison group set up by the International Olympic Committee (IOC), in January 2020, there were "2.2 billion active gamers worldwide, with around 150 million involved in e-sports[2]." Remarkably, Lappartient added that "75 percent of 12-17 year-olds play some form of electronic games.[3]" The number of people who play video games spiked during the new coronavirus pandemic. So did the visibility of the video games

industry. The BBC reported in May of 2020 that "industry giants ranging from Microsoft to Steam have all reported major increases in user numbers, with US video game sales hitting the highest level in over a decade in March.[4]" Unsurprisingly, sport institutions renewed efforts to advertise their sports through simulation games, typically known as e-sports, during such unprecedented times.

In the last few years, the video games industry and the IOC have strengthened their connections. In 2018, the Olympic Summit "agreed that the Olympic Movement should not ignore its [the e-sports industry's] growth, particularly because of its popularity among young generations around the world.[5]" A year earlier, the Olympic Summit had already accepted that "competitive 'eSports' could be considered as a sporting activity" and that e-sports can be a platform to engage the youth with the Olympic Movement.[6] Even more, Thomas Bach, president of the IOC, declared early in 2020 during a news conference that "whether they [e-sports] could one day be considered for the Olympic program the answer is yes" and added that "it depends when this day is coming.[7]"

The IOC refuses to accept e-sports with violent or discriminatory content because they violate the Olympic spirit. Although this problem might not be unique to some e-games and extend to some sports (e.g., boxing), the sanction of e-sports seems to be in tension with, or even contradict, other Olympic values. For instance, the Olympic Charter defines Olympism as a philosophy of life "exalting and combining in a balanced whole the qualities of body, will and mind" and places "sport at the service of the harmonious development of humankind. [8]"

Health is extremely important to live a balanced life and develop harmoniously. Thus, the promotion of healthy behavior is at the core of Olympism. Notice that Pierre de Coubertin, the found-

er of the IOC, insisted throughout his life on the relevance of sport, and physical activity, to foster healthy and active lifestyles[9]. The same goes for the current leadership of the IOC, which signed in May of 2020 a new memorandum of understanding with the World Health Organization (WHO) to advocate jointly for health, sport, and physical activity. These institutions "share the view that all human beings have the right to aspire to harmonious and healthy development, both physically and intellectually.[10]" At the time of the signing of the new memorandum of understanding, Bach emphasized that "we can see that people with healthy and active lifestyles have much better chances to combat the virus and therefore we are ready to continue to make our contribution to fighting this COVID-19 crisis through sport and the call for a more active society.[11]" It is important to note that according to the WHO, "obesity has reached epidemic proportions globally, with at least 2.8 million people dying each year as a result of being overweight or obese," and that inactivity is linked to the rise of obesity and overweightness. [12]

Video games promote a sedentary lifestyle and require physical activity that is less voluminous and intense than that required by traditional sports. Several studies point to the higher risk of people who frequently engaged in video games of becoming obese or overweight.[13] Video games are characteristically conducted indoors, which is good during lockdown measures, but prevent the all-around benefits of outdoors sport and physical activity. Another point to mention is that video games mediate people's engagement via screens and in virtual environments. They minimize, or lack, the deep face-to-face interaction of sports that attracted Coubertin so much[14]. In this regard, philosopher Nicholas John Munn argues that most virtual modes of interaction are incapable of providing people a realm to develop friendship, whose spirit is also encouraged in the Olympic Charter.[15]

In April of 2020, Bach wrote a letter to the Olympic Movement entitled "Olympism and Corona" to start a dialogue on "the

challenges we are facing and the potential of the opportunities we have[16]." In the "social impact" section of the letter, Bach affirmed that "we can fairly assume that, in the post-coronavirus society, public health will play a much more important role. Sport and physical activity make a great contribution to health" and "are therefore the perhaps most low-cost tool for a healthy society[17]." In the same section, Bach "encourage[d] all our stakeholders even more urgently to 'consider how to govern electronic and virtual forms of their sport and explore opportunities with game publishers.'" Given e-sports' potential tension with, or even contradiction of, key Olympic values, and in the spirit of Bach's letter, the IOC should question whether video games belong in the Olympic Movement and reconsider its association with the video games industry.

NOTES

2. Karolos Grohmann, "Games Must Connect With Gamers to Keep Olympics Relevant: Bach," Reuters, January 10, 2020, https://www.reuters.com/article/us-olympics-ioc/games-must-connect-with-gamers-to-keep-olympics-relevant-bach-idINKBN1Z91M2 (accessed August 6, 2020).

3. Ibid.

4. "Lockdown and Loaded: Coronavirus Triggers Video Game Boost," BBC, May 6, 2020, https://www.bbc.com/new s/business-52555277 (accessed August 6, 2020).

5. International Olympic Committee and Greg Martin, "Communique of the 7th Olympic Summit," International Olympic Committee, December 8, 2018, https://www.olympic.org/news/communique-of-the-7th-olympic-summit (accessed August 6, 2020).

6. International Olympic Committee, “Communique of the Olympic Summit,” International Olympic Committee, October 28, 2017, https://www.olympic.org/news/communique-of-the-olympic-summit (accessed August 6, 2020).

7. Grohmann, “Games Must Connect with Gamers to Keep Olympics Relevant: Bach.”

8. International Olympic Committee, Olympic Charter (Lausanne: International Olympic Committee, 2020), 11.

9. See, for example, Pierre de Coubertin, “The Olympic Games at Much Wenlock,” “The Meeting of the Olympic Games (Paris 1900),” and “Olympic Letter VIII: The Formation of Character,” in Pierre de Coubertin 1863-1937. Olympism. Selected Writings, ed. Norbert Müller (Lausanne: International Olympic Committee, 2000), 281-286, 380-386, and 221-222, respectively.

10. “Memorandum of Understanding Between the International Olympic Committee and the World Health Organization,” July 2010, https://www.who.int/dietphysicalactivity/mou_olympicscommitte_en.pdf?ua=1 (accessed August 6, 2020). See also Francisco Javier López Frías y Cesar R. Torres, “Coronavirus, deporte y videojuegos deportivos,” El País, April 17, 2020, https://elpais.com/deportes/2020-04-17/coronavirus-deporte-y-videojuegos-dep ortivos.html (accessed August 6, 2020).

11. Rory Jiwani, “IOC and WHO Unite Further to Promote Health Through Sport,” Olympic Channel, May 16, 2020, https://www.olympicchannel.com/en/stories/news/detail/ioc-world-health-organization-who-unite-health-sport/ (accessed August 6, 2020).

12. “10 Facts on Obesity,” World Health Organization. October 2017, https://www.who.int/features/factfiles/obesity/e n/ (accessed August 6, 2020).

13. Rachel Kaser, “Hitting the Gym Makes Esports Athletes More Successful,” The Next Web, May 1, 2019, https://thenextweb.com/gaming/2019/05/01/esports-athletes-gym-training/ (accessed August 6, 2020); “Science Shows that eSports Professionals Are Real Athletes,” DW.com, March 12, 2016, https://www.dw.com/cda/en/scienc e-shows-that-esports-professionals-are-real-athletes/a-19084993 (accessed August 6, 2020); Kevin Rudolf, Peter Bickmann, Ingo Froböse, Chuck Tholl, Konstantin Wechsler, and Christopher Grieben. “Demographics and Health Behavior of Video Game and eSports Players in Germany: The eSports Study 2019,” International Journal of Environmental Research and Public Health 17, no. 6 (2020): 1870.

14. Steven Conway, “An Earthless World: The contemporary Enframing of Sport in Digital Games,” Sport, Ethics and Philosophy 10, no. 1 (2016), 83-96.

15. Nicholas John Munn, “The Reality of Friendship Within Immersive Virtual Worlds,” Ethics and Information Technology 14, no. 1 (2012): 1-10.

16. International Olympic Committee and Greg Martin, “IOC President Bach Writes to Olympic Movement: Olympism and Corona,” International Olympic Committee, April 29, 2020, https://www.olympic.org/news/ioc-president-bach-writes-to-olympic-movement-olympism-and-corona (accessed August 6, 2020).

17. Ibid.

18. Ibid.

PORTUGUÊS

CORONAVÍRUS, VIDEOGAMES E OLYMPISMO

Os videogames ou jogos eletrônicos aumentaram em popularidade nas últimas décadas, especialmente, mas não exclusivamente, entre os jovens. De acordo com David Lappartient, presidente do grupo de ligação de e-sports e jogos criado pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), em janeiro de 2020, havia "2,2 bilhões de jogadores ativos em todo o mundo, com cerca de 150 milhões envolvidos em e-sports". Notavelmente, Lappartient acrescentou que "75% dos 12-17 anos jogam algum tipo de jogos eletrônicos". O número de pessoas que jogam videogame aumentou durante a pandemia do novo coronavírus, assim como a visibilidade da indústria de videogames. A BBC informou em maio de 2020 que "gigantes da indústria que vão da Microsoft ao Steam relataram grandes aumentos no número de usuários, com as vendas de videogames dos EUA atingindo o nível mais alto em mais de uma década, em março". Sem surpresa, as instituições esportivas renovaram os esforços para anunciar seus esportes através de jogos de simulação, tipicamente conhecidos como e-sports, durante tempos sem precedentes.

Nos últimos anos, a indústria de videogames e o COI fortaleceram suas conexões. Em 2018, a Cúpula Olímpica "concordou que o Movimento Olímpico não deveria ignorar seu crescimento [da indústria de e-sports], particularmente por causa de sua popularidade entre as gerações jovens em todo o mundo". Um ano antes, a Cúpula Olímpica já havia aceitado que "os "e-sports competitivos" poderiam ser considerados como uma atividade esportiva" e que os e-sports podem ser uma

plataforma para envolver os jovens com o Movimento Olímpico. Ainda mais, Thomas Bach, presidente do COI, declarou no início de 2020 durante uma coletiva de imprensa que "se eles poderia um dia ser considerados para o programa olímpico a resposta é sim" e acrescentou que "depende de quando este dia está chegando".

Em abril de 2020, Bach escreveu uma carta ao Movimento Olímpico intitulada "Olimpismo e Corona" para iniciar um diálogo sobre "os desafios que estamos enfrentando e o potencial das oportunidades que temos". Na seção de "impacto social" da carta, Bach afirmou que "podemos assumir de forma justa que, na sociedade pós-coronavírus, a saúde pública desempenhará um papel muito mais importante. O esporte e a atividade física fazem uma grande contribuição para a saúde" e "são, portanto, a ferramenta talvez de custo mais baixo para uma sociedade saudável". Na mesma seção, Bach "encoraja todos os nossos stakeholders ainda mais urgentemente a 'considerar como governar formas eletrônicas e virtuais de seu esporte e explorar oportunidades com editores de jogos'". Dada a potencial tensão dos e-sports, ou mesmo contradição, com os principais valores olímpicos, e no espírito da carta de Bach, o COI deverá questionar se os videogames pertencem ao Movimento Olímpico como também reconsiderar sua associação com a indústria de videogames.

ENGLISH

NEW eCOUBERTIN APPROACHES TO OLYMPIC STUDIES' DEVELOPMENTS

Bianca Gama Pena

Pierre de Coubertin was the first Olympic entrepreneur to establish the International Olympic Committee focused on innovation and technology in addition to values-led ethical principles. At the end of the 19th Century, after the first edition of the Olympic Games, he requested "So much for the past, what about the future?". Not surprisingly, in 1905 he granted the first Olympic Diploma to Santos Dumont, the Brazilian pioneer of sport aviation and technology (1).

The values Pierre de Coubertin experienced as he developed the International Olympic Movement can be clearly identified in the 40 Recommendations of Olympic Agenda 2020, issued by the International Olympic Committee in 2014, as they encourage the cultivation of values-led education that can lead to innovation and technology. This now seems to be especially true, when the world is going through the new coronavirus pandemic. In 2018 the International Olympic Committee published a complement to Olympic Agenda 2020, The New Norm, with

detailed recommendations in a package of 118 ambitious reforms, whose overall goals are to simplify the candidature process and to develop Games which are more flexible, easier to operate and less expensive. Through both of these guiding documents, Olympic Agenda 2020 and The New Norm, it is possible to identify many directions to project the future, regarding Coubertin's precious legacies. Moreover, these past to future propositions may be named "eCoubertin approaches", as Leonardo Cunha did in a recent study on sport technology (2).

In view of the previous background information, this presentation aims to update Olympic Agenda 2020 and The New Norm putting the focus on fast growing dominance of technology in present days, invading all sports activities clearly enough exemplified by innovation-driven wearable devices or by digital platforms for sport management. To begin, this contribution will transfer the rationales of The New Norm to the concept of ecosystem framing delivery and values claims into the combination of people, tools and process. From this interchange, it will be able to appreciate new eCoubertin approaches to technological developments, taking into account future advances of the Olympic Studies.

Today, the digitalization of life, of sport activities and of management has been concentrated in two major and interchangeable approaches, ecosystem and innovation. Nowadays, both are often put into work by startup initiatives, which constitute a new business or an emergent institution that innovates to solve update problems. By and large these setups are now defining the state of the art of technology in sport, as often reported by specialized sources with specific or combined assessment of those three elements. Thus far, a more detailed definition of ecosystem comes out as a digital assemblage of diverse elements with mutual relationships interacting people, organizations and nature equally sharing the available resources.

Having established a set of ongoing and close relationships of ecosystem, innovation and startups, the challenges facing Olympic Agenda 2020 and the New Norm may become clearer. In this concern, the upcoming renovation of Olympic Studies Centers adopting digital upgrade may become soon ecosystem-based initiatives in agreement with the overall development of technology.

In order to appraise this perspective, the Olympic Studies Research Group from Rio de Janeiro State University created a joint project of a book with the Brazilian Pierre de Coubertin Committee. This publication is now available in English and in Portuguese with free access and it can be downloaded from the home page of the eMuseum of Sport at www.emuseudoesporte.com.br, under the title "Technology, Innovation and Startups in Sport – Olympic Agenda in Practice" (3).

The new volume is a collective academic enterprise with 20 authors and four editors (Miragaya, DaCosta, Gomes and Turini), incubated in the Rio de Janeiro State University. The initial chapters of the publication put together a diversity of theoretical positionings in line with the IOA and Olympic Studies traditions. The second part displays a collection of practical cases with focus on Sports Tech adherences. Overall, the objective of the book now coming into existence is to find out new and necessary ways to recreate innovation, technology and startups, respecting the longstanding positive values of sport and of Olympic ethics traditions. Therefore, this presentation will sum up the practical approaches in which my participation took place, having as a starting point the profile of startups selected by the book. In the 10 Sport Tech Startups presented in the book, the following common characteristics prevailed in their descriptions: Focus on Ecosystem, Digital technology, Low fixed costs, Innovation, Bold Strategy, Private, University & Gov't incubation, Dream projects and Mentorship & Network.

According to the book under scrutiny, in Brazil, there are 150 Sport Tech Startups which were identified by a mapping survey made in 2019. These active enterprises were also identified by their focus of intervention and ecosystems. However, for keeping in mind the delimitation on Olympic Studies, the mentioned publication makes an examination of five university-related startups in addition to five other startups more connected into business.

The eMuseum of Sport (eMuseu do Esporte – www.emuseudoesporte.com.br), since 2017, has been a startup initiative incubated by Rio de Janeiro State University – UERJ, through which cognitive and virtual interaction modes are supportive to the ecosystem defined by relations between history, exhibitions, collections, archives, online repositories etc. In operational terms the eMuseum is a virtual platform for free access, which brings together collections of athletes, collectors, sport fans, universities, museums, sponsors etc., constituting a memory center for socio-cultural and educational purposes. The financing of the eMuseum's activities is based on the triple propeller model that integrates financial transactions with the operational possibilities of universities, companies and government entities.

The ecosystem of the eMuseu do Esporte has been built step-by-step in the last three years combining digital technology with innovation and the startup way of acting in the academic environment, in negotiations with sponsors and in the search for support with government entities. Today the eMuseum works with the purpose of generating exhibitions and knowledge on sports, Olympic and Paralympic, including master disciplines. The main option of eMuseum in its achievements has been to associate with the national sports federations and the Brazilian National Olympic Committee.

The sport museum has progressed with present and future perspectives by growing international associations. In this sense

the following objectives are now being pursued in each eCoubertin contracted exhibition:

1. To rescue and preserve the memory of sport, operating with innovative technologies; 2. To gather in just one place all of collected memories of sport; 3 To support partners to create their own virtual gallery; 4. To create a connectivity platform for the engagement of athletes, collectors and fans; 5. To promote a network of exchange with private and public institutions, from Brazil and abroad, which have functions related to the memory of sport; 6. To publish international eBooks with the memory of main exhibitions with additional texts from invited authors; 7. To organize international expositions with collaborators from all continents.

REFERENCES

(1) DaCosta, L. & Miragaya, A. Santos-Dumont, Sport Aviator: the First Olympic Hero of Brazil. Rio de Janeiro: Engenho e Arte, 2016. Free access at www.sportsinbrazil.com.br/livros/santos_dumont_heroi_olimpico_brasil.pdf

(2) Cunha, E. eCoubertin. Reinvention of Sport and Olympic Games Post-Pandemics: a Return to Pierre de Coubertin. eMuseu do Esporte Exposition 2020.

(3) Miragaya, A., DaCosta, L. , Turini, M. & Gomes, M. (Eds). Technology, Innovation and Startups in Sport – Olympic Agenda in Practice. Rio de Janeiro: Nova Ciência, 2020. Free access at http://www.sportsinbrazil.com.br/livros/sportstech.pdf

PORTUGUÊS

NOVAS ABORDAGENS eCOUBERTIN PARA O DESENVOLVIMENTO DOS ESTUDOS OLÍMPICOS

Pierre de Coubertin foi o primeiro empreendedor olímpico a criar o Comitê Olímpico Internacional focado em inovação e tecnologia, além de princípios éticos liderados por valores. No final do século XIX, após a primeira edição dos Jogos Olímpicos, ele conclamou "Tanto para o passado, e o futuro?". Não surpreende que, em 1905, ele tenha concedido o primeiro Diploma Olímpico a Santos Dumont, o pioneiro brasileiro da tecnologia no esporte aviação.

Os valores que Pierre de Coubertin experimentou ao desenvolver o Movimento Olímpico Internacional podem ser claramente identificados nas 40 Recomendações da Agenda Olímpica 2020, emitidas pelo Comitê Olímpico Internacional em 2014, pois incentivam o cultivo de educação liderada por valores que podem levar à inovação e à tecnologia. Esta proposição agora parece ser especialmente verdade, quando o mundo está passando pela nova pandemia coronavírus.

O presente estudo relata recentes avanços da tecnologia do esporte com impactos sugeridos como válidos para os Estudos Olímpicos. Entre os exemplos citados cabe realçar o eMuseu do Esporte (www.emuseudoesporte.com.br) , que desde 2017 tem sido uma iniciativa de startup apoiada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Neste caso, os modos de interação cognitiva e virtual compõem um ecossistema definido pelas relações entre história, exposições, coleções, arquivos, repositórios online etc.

Em termos operacionais, o eMuseu é uma plataforma virtual de acesso gratuito, que reúne coleções de atletas, colecionadores, fãs de esportes, universidades, museus, patrocinadores etc., constituindo um centro de memória para fins socioculturais e educacionais. O financiamento das atividades do eMuseu baseia-se no modelo de hélice tríplice que integra as transações financeiras com as possibilidades operacionais de universidades, empresas e entidades governamentais.

O ecossistema do eMuseu do Esporte foi construído passo a passo nos últimos três anos combinando tecnologia digital com inovação e a forma de startup de atuar no ambiente acadêmico, em negociações com patrocinadores e na busca de apoio com entidades governamentais. Hoje o eMuseu trabalha com o objetivo de gerar exposições e conhecimentos sobre esportes, olímpicos e paraolímpicos, incluindo a modalidade master. A principal opção do eMuseu em suas conquistas tem sido até hoje associar-se às federações esportivas nacionais e ao Comitê Nacional Olímpico (NOC) do Brasil.

Esporte, Paz e Unidade Internacional

Sport, Peace and International Unity

Deporte, Paz y Unidad Internacional

ENGLISH

PIERRE DE COUBERTIN: A VISIONARY FOR SPORT, PEACE AND INTERNATIONAL UNITY

Marion Keim

VISIONARY - PIERRE DE COUBERTIN

Progress and development are achieved by visionaries. Visionaries are leaders who do not only have unusual powers of foresight but also who inspire others to take their vision forward and who develop structures so that they make themselves redundant. There are few visionaries in todays' age and time who leave a true legacy in their own countries but also beyond, who are admired and respected globally for who they are, what they stand for and for their positive impact.

In our field, the "sports field", many sports legends and stars enjoy universal popularity; however, few will be remembered for something bigger than a career in sports, and even fewer leave a true legacy by using sport as a tool for more than a medal, more than entertainment, but rather for development, education, peace and unity which last over decades and even centuries.

Pierre de Coubertin was such a visionary and considered the Father of the Modern Olympic Games. Coubertin had believed in the impact sport can have when he revived the Olympic Games and with them the idea of Olympic Truce and "world peace". This vision of an Olympic Truce and world peace has often been seen as utopian hyperbole. However, his intention was to set an example for international unity.

Coubertin was born into an aristocratic family. Coubertin was the fourth child of Charles Louis de Frédy, Baron de Coubertin, and Agathe Marie Marcelle Gigault de Crisenoy. He started attending boarding school when he was eleven. Coubertin was said to be rebellious in his youth and was an excellent student. He always had a passion for sport. While active sportsman in his teens, he saw the enormous value sport can have for young people's education and holistic development and both respected and valued the rich history and the ideals of the Ancient Olympic Games, among them the Olympic Truce. Later in his life, Coubertin worked passionately for education and youth development, recognizing the power of sport and promoting his vision for peaceful communities, a peaceful society and a peaceful world.

Let's look at this visionary and examine his relationship to sport and his ideal of the Olympic Truce and Sport for Peace.

PIERRE DE COUBERTIN AND THE OLYMPIC TRUCE

I believe, only people who have actively practiced sport at some stage as sportsmen and sportswomen can fully understand the passion that sports hold for people intrinsically and extrinsically.

Pierre de Coubertin was a sportsman. He had been exposed to sport since he was young and actively practiced it. Boxing, fenc-

ing, rowing, tennis and horse-riding were his main sporting interests. However, he had a particular interest in rugby, football rugby, as it was called then. He was the referee of the first ever French championship Rugby Union final in 1892 and, over the years, became one of France's leading promoters of sport in general and rugby in particular, playing a significant role in the formation of the Union des Sociétés Françaises de Sports Athlétiques (USFSA) and the development of rugby in France. He was elected to the IRB Hall of Fame in 2007.[1]

Whereas in his youth Coubertin had supported school sport and promoted the creation of free sport organizations, his true passion in his thirties was the resurrection of the Olympic Games. He did not want to create a historical copy of the ancient Olympic Games, on the contrary, he wanted to create something new, something unique which would only follow in structure the Ancient Games, but which would allow the modern sport to find its realization in Modern Olympic Games. One of his aims was "to unite the youth of the world at a big sport festival which would happen every four years in order to create mutual respect and benevolence between peoples for each other and amongst each other and thus to contribute to the creation of a better and more peaceful world[2]."

RESPICE: THE TRADITION OF THE OLYMPIC TRUCE

The tradition of Olympic Truce was adopted by Pierre de Coubertin from the Ancient Greek concept of Ekecheiria, the Ancient Olympic Truce, which lies within the tradition of the founding of the Olympic Games in 776 BC. From the seventh day prior to the opening of the Games until the seventh day after the closing of the Games, the Olympic Truce was respected and observed by Greek city-states. Fighting and conflicts were

stalled, permitting athletes and supporters to safely travel to and from Olympia to participate in the Olympic Games.

Pierre de Coubertin, fascinated by the concept adopted, incorporated it in 1894 into his ideals of the modern Olympic Games, which include amongst others also the ideals of equality, fairness, mutual respect, international tolerance and understanding.[3]

"Wars happen because there are misunderstandings between peoples", he said. "They will not achieve peace until their prejudice that separates the different races are overcome. What better means is there to achieve this goal than regular friendly encounters of the youth of all countries to compare their strength and motor talents"[4]

Especially, the Olympic Village, which Coubertin had made plans for in 1913, was aimed not only to break down prejudices such as East-West encounters and racial barriers but also to extend the knowledge of foreign nations, cultures, social classes and to overcome social barriers and foster understanding and bridges[5].

This was Coubertin's goal, the Olympic Games as a place of encounter and understanding between representatives of different nations, different races, different cultures or religions, different social classes as well as different generations. Therefore, all nations had to be equally admitted: "All games, all nations," he demanded in 1912[6].

OPPORTUNITIES AND CHALLENGES OF OLYMPIC TRUCE AND SPORT AND PEACE TODAY

There are realities that we cannot ignore if we are really striving for the promotion of Coubertin's vision. How can we build

on the foundation laid in the past 150 years? And more importantly, how can we work jointly on this vision?

There are opportunities and challenges for us. Opportunities include the recognition and celebration of many stakeholders coming on board to support the vision. Since the 1990s there has been a new awareness with the world realizing the power sport has for change, social transformation and for peace.

Despite the critiques, the idea of the Olympic Truce and the fundamental principle of Olympism survived in the modern Olympic Movement and was eventually approved and endorsed by the United Nations through resolutions in the early 1990s as well as in 2003 and 2005. In December 2005 both the Global Millennium Development Goals (MDGs) and the Magglingen Conference affirmed sport as a "beacon of hope" for peace building and development efforts throughout the world. ... "Should they (the modern Olympic Games) grow, of which I am certain, if all cultures and peoples contribute, they could be a powerful even if an indirect factor of world peace. Coubertin said in 1895[7].

In 2012 for the Olympic Games in London, all 193 UN member states supported the traditional call for a truce[8].

However, if we look at Olympic Truce and Peace in the 21st century globally, our challenges are substantial. Reflecting on our global standing as a society, as human beings but also as members of the international sport family, we have to ask how are we doing with regards to Sport and Peace in the 21st century and in the light of Agenda 2030 and its 17 Sustainable Development Goals and 169 targets (SDGs)? And how are we doing in terms of North-South partnership with mutually beneficial and sustainable outcomes to achieve the ideals of Coubertin?

This section will look at the topic from a southern perspective. Fact is that worldwide we are faced with conflicts, poverty, so-

cial ills and environmental and health challenges more so in the global South than in the global North. Historically colonialism and in South Africa's case Apartheid contributed to this state of affairs.

Today we have a rising annual number of ongoing armed conflicts globally. In late 2011, there were 32 wars worldwide (up from 27 in 2002), 24 states directly affected by ongoing wars, 13 of which are protracted meaning, armed conflicts persisting for more than ten years[9]. In 2020, ten wars have been identified by ACLED to worry about, wars such as in the Sahel, Mexico, Yemen, India, Somalia, Iran, Afghanistan, Ethiopia, Lebanon and the United States of America[10].

Due to this global situation of unrest and violent conflict, millions of lives have been lost and affected, and the economic, social and cultural development have stagnated not only in the African continent, but also beyond[11].

Although being equally passionate about sport, there is a deep and tremendous gap between the global North and the global South. The MDGs came and went, but the challenges outlined in them are still present. In December 2014, Pope Francis in his Christmas address pointed out, as did Rousseau in 1754, "Inequality between rich and poor threatens democracy and peace[12]".

The SDGs and Agenda 2030 with its 17 goals are aiming at a better world and a more peaceful society.

WHAT CAN WE DO?

The North and the South have to be more innovative in fulfilling Coubertin's vision if we want to promote the use of sport

as a tool for development and peace in research, training, teaching and community engagement with a vision for new relevant output and evidence to increase effectiveness of the use of sport for different objectives in the global South and North.

RESPICE – PROSPICE

We perhaps can start by taking stock by assessing and evaluating what we have actually achieved, what impact we have made in terms of Olympic Truce and Sport and Peace and from there plan what we can do in the years to come in a coordinated fashion and in collaboration between the global North and global South.

Looking back, undoubtedly we have come a long way, numerous resolutions have been taken, international agreements have been reached and signed (such as UN resolution 59/1 and 60, and Mineps VI, Kazan Action Plan) and many projects and programs have been developed. Luckily as part of the endeavors to bring peace to the African continent and beyond, there has been growing interest in the role sport can play as a tool for dealing with conflict and diversity issues.

I believe that with joint efforts, Pierre de Coubertin's vision of better societies, of a more peaceful world with sport as a vehicle for peace building, is achievable provided the following recommendations are taken into consideration.

Recommendation 1:
Sport and Peace must be linked to Development

Recommendation 2:
Development of joint strategic plan which includes on more

coordinated efforts and more exchange and more collaboration as outlined in SDG 17

Recommendation 3:
Mapping for a global Sport, Development and Peace Policy Index supporting SDG 16

Recommendation 4:
Active support sport for peace and development initiatives in training and capacity building including fields such as conflict transformation development management, policy analysis, information systems, in research, community engagement as well as policy development and implementation

Recommendation 5:
Develop programs and sport events as a platform for peace education in line with SDG 4

Recommendation 6
Community Engagement and Social Inclusion not only Elite Athleticism

Recommendation 7:
Results-based Monitoring and Evaluation Systems (RBMES), and quality research;

Recommendation 8
Re-examine North- South relationships

If we want to promote research cooperation facilitating inter- and cross-cultural exchanges -in and through sport, we also have to find better ways to bring our young researchers together on an equal footing to work jointly, publish jointly and learn from each other in the process.

Attention should also be given to South-North relationships in this respect as well as the role of universities and research institutes and centers in providing research support.

I believe especially in these unusual times of Covid 19 huge opportunities exist to share, to exchange sport research, sport policy and sport community engagement and training experiences across continents, if we take Coubertin seriously and collaborate effectively.

CONCLUSION

Today, the second fundamental principle of Olympism as articulated in the Olympic Charter of 7 July 2007 is still as timely and relevant as ever: "to place sport at the service of harmonious development of man, with a view to promoting a peaceful society concerned with the preservation of human dignity."

Finding peace in our world will take a true and joint Olympic effort. As a sport fraternity, we have responsibility to live, show and teach the Olympic ideals in our private lives, work and in our sport wherever we are.

Let us use the inspiration of Coubertin to enact the Olympic Truce in our communities and see if we just might be able to jointly fashion a way forward to a better more peaceful, more respectful and more caring world.

I suggest an international movement with the global North and the global South as equal partners jointly mobilizing troubled communities to take a stand for peace by taking the Olympic values and the ideal of Olympic Truce to the communities based on a jointly owned strategic plan for sport and peace initiatives.

Coubertin made a difference to many. It is vital that the vision and the ideals of the Father of the Modern Olympic are upheld by us for our youth and many generations of sport leaders to come. Coubertin laid the foundation, let's build on it in the years to come.

NOTES

1. http://en.wikipedia.org/wiki/Pierre_de_Coubertin

2. Translated as quoted RAUBALL, Reinhard,: Olympische Statuten, Berlin, 1972, 20.

3. Translated from BLÖDORN, Manfred: Der Olympische Meineid, 1980, 149.

4. BLÖDORN:: Der, 80.

5. Translated from LENK , Hans: Werte, Ziele,Wirklichkeit der modernen olympischen Spiele, Schorndorf , 1972, 282.

6. LENK: Werte 120.

7. COUBERTIN, Pierre de: Der olympische Gedanke: Reden und Aufsaetze, Carl- Diem - Institute (ed), Schorndorf. 1966.

8. http://www.bbc.co.uk/news/uk-15345013

9. http://www.systemicpeace.org/CTfig06.htm

PORTUGUÊS

PIERRE DE COUBERTIN: O VISIONÁRIO DO ESPORTE, DA PAZ E DA UNIDADE INTERNACIONAL

Na época do Covid 19, a Agenda 2030 da ONU, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, a Agenda 2020 do COI, o Plano de Ação Kazan, os Indicadores da Comunidade SDP e o programa QPE da UNESCO, para mencionar apenas alguns desenvolvimentos relacionados ao esporte nos últimos anos a visão de "paz mundial" de Coubertin e de dar um exemplo concreto para a unidade internacional usando o esporte são mais cruciais hoje do que nunca. O capítulo analisará Pierre de Coubertin, o visionário, e avalia se a visão de Pierre de Coubertin de uma sociedade melhor, de um mundo mais pacífico com o esporte como veículo para a construção da paz é alcançável e como estamos fazendo como sociedade em geral e em nossas respectivas comunidades em particular.

Hoje, o segundo princípio fundamental do Olimpismo articulado na Carta Olímpica de 7 de Julho de 2007 ainda é tão oportuno e relevante como sempre: "colocar o esporte a serviço do desenvolvimento harmonioso do homem, com vistas a promover uma sociedade pacífica preocupada com a preservação da dignidade humana". Encontrar a paz em nosso mundo será um verdadeiro e conjunto esforço olímpico.

Como fraternidade esportiva temos a responsabilidade de viver, mostrar e ensinar os ideais olímpicos em nossas vidas privadas, trabalho e em nosso esporte onde quer que estejamos. Vamos usar a inspiração de Coubertin para decretar a Trégua

Olímpica em nossas comunidades e ver se podemos apenas formar um caminho para um mundo melhor mais pacífico, mais respeitoso e mais atencioso.

Sugiro um movimento internacional com o Norte global e o Sul global como parceiros iguais mobilizando conjuntamente comunidades problemáticas para tomar uma posição pela paz, levando os valores olímpicos e o ideal de Trégua Olímpica para as comunidades com base em um plano estratégico de propriedade conjunta para iniciativas de esporte e paz.

Coubertin fez a diferença para muitos. É vital que a visão e os ideais do Pai da Olimpíada Moderna sejam defendidos por nós para nossa juventude e muitas gerações de líderes esportivos que virão. Coubertin estabeleceu as bases, vamos construir sobre ele nos anos seguintes.

ENGLISH

A NEW PEACE PERCEPTION IN DEVELOPMENT FOR SPORT

Leonardo J. Matarruna-Dos-Santos

INTRODUCTION

The father of the Olympic Games in the Modern Times, Pierre de Coubertin, utilized a strategy in 1919, post-First World War to promote his ideas. He decided that the Games should be accessible to a global population from all walks of life; available for all and not open only for competition purposes. He vouched and supported for the democratization of sport for all in terms of physical practice.

Deeply disappointed by the cancellation of the 1916 Berlin Olympic Games which had been scheduled before the animosities started, he began to reassert the evolving principle of sport for all. At that moment, Coubertin also planned to unify the countries separated by war. According to the IOC (2020) since the

late 1890s, the Olympic Games shared a close relationship with the International Peace Bureau. In fact, more than half of the 78 honorary delegates listed on the official program of the Olympic Congress that was held in Sorbonne 126 years ago were directly engaged in the peace movement. Five of those individuals represented a single organization — The International Peace Bureau — and would be named among the first 13 winners of the Nobel Peace Prize (IOC, 2020). They stood in support of Baron Pierre de Coubertin because they recognized the peace-making dimensions of his Olympic vision for global sport. Using the Olympic Truce from the Ancient Games and associated humanistic aspects, Pierre de Coubertin developed a global peace vision which also included the concept of social peace. Traveling to the present moment, we are facing the powerful COVID-19 pandemic that has led to countries retracting and stopping all forms of sporting action.

Bryant (2020) mentioned that this The year of 2020 got a new "The year 2020: A time when everything changed".

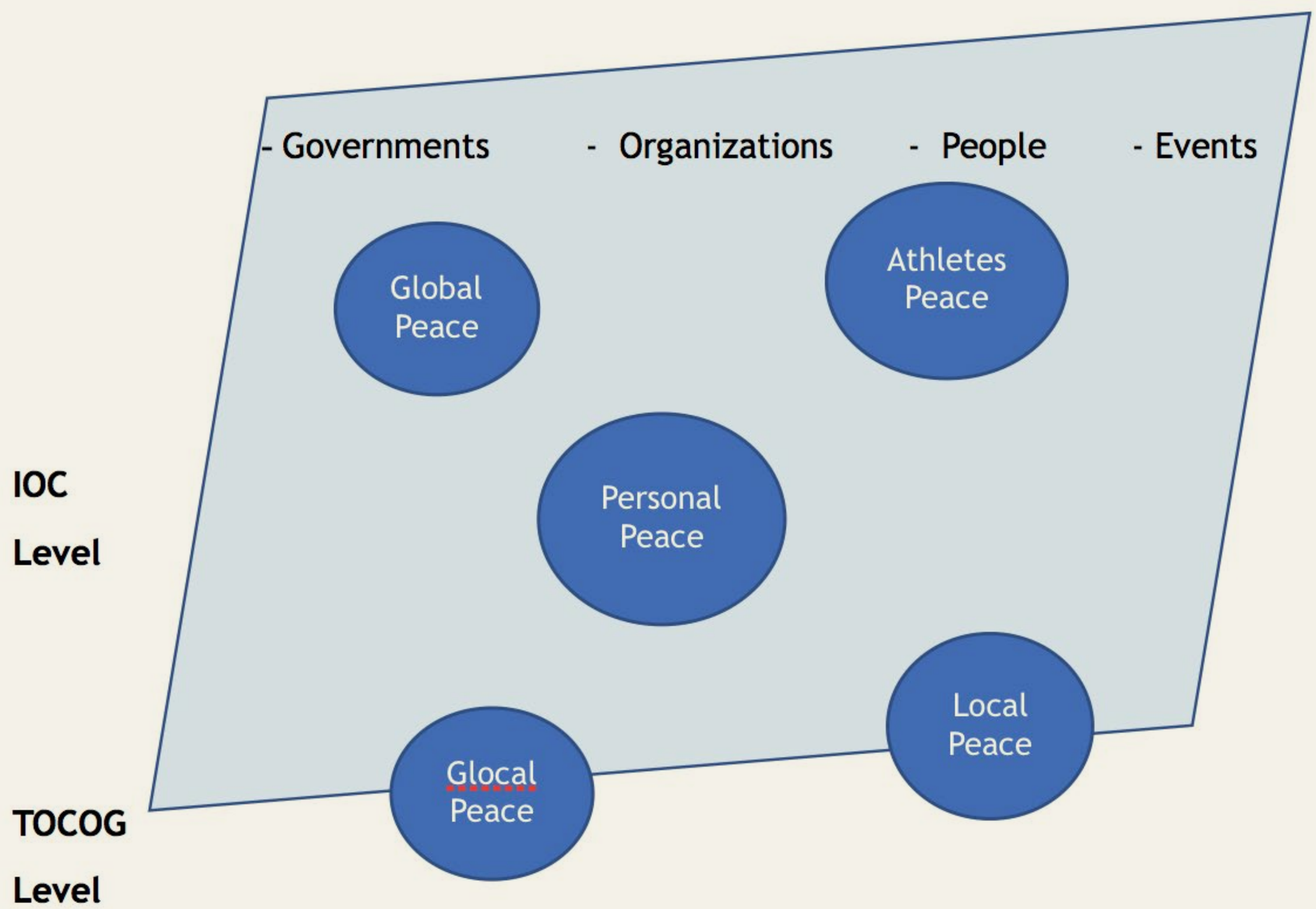
All of the efforts are concentrated to solve the biggest challenge facing humankind: to save human lives. The contemporary perception of peace is developed in a substantial manner for the maintenance of health and promotion of good practice of exercise in the sport field. The concept of movement, dance or workout routine will carry added values before being designated exclusively to sports such as equality, equity and solidarity. Digital practices were injected in the new routine of societies around the world and require virtual approximation instead of social distancing to control the outbreak. A new sense of normality is required to reopen stadiums, leagues and give hope to realize the Tokyo Olympic dream. It is time to redefine sports and reorganize the future proximity of the society for promoting a new perception of the collective global sense of peace.

THE VISIONARY OF SPORT FOR PEACE

According to the IOC (2020a), Coubertin had the intention of unifying all nations in friendship and peace through sport in the world's greatest celebration of humanity. In the end, the Olympic Games became a triumph of diversity for men and women everywhere, respecting the human nature. He identified that the Universalism was to be a way to celebrate the human diversity and the cultures of our world. "The genius of each people, its manner of holding the festivals and of engaging in physical exercise," he wrote, "is what will give the modern Olympic Games their true character, and perhaps may make them superior to their ancient predecessors" (IOC, 2020b).

It is clear that Coubertin was ahead of his time, visioning the recognition and the relation between themes such as sport, society and education. The impacts of those fusions promoted further connections and generated in the actual customers of the Olympic Games a different perception about the event, comparing them with the people from the millennium generation that recently started to observe or watch the Games. The pandemic redesigned the life style and sport preparation to the Olympics. The new panorama (see figure 1) is similar to an unstable scene of peace, where the world is involved, but uncertain about the future, putting in risk the peace statement. The sport events are in threat as well, but Olympism still lives, requiring only reinterpretation of the new situation.

Figure 1. Peace and Chaos during the pandemic in an unstable scene.



- "Old Normal" - Pandemic - "New Normal"

Source: Developed by the author.

Similar situation faced the Olympic Games after the first World War, when the Spanish Flu attacked the globe before the 1920 Antwerp Games. In the words of the CDC (2020), the Spanish flu was one of the deadliest pandemics in recent history, claiming at least 50 million lives worldwide. The USA military personnel were first infected with the virus, which led to around 675,000 deaths in the country. The virus spread rapidly from 1918 – 1919 and believed to be caused by an H1N1 virus with genes of avian region. The actual problem is also related to the numbers of victims affected and died by the virus that is considered as a negative record of this actual pandemic in this new millennium.

Ellingworth (2020) presented similarities of the Spanish Flu in the idols of the 1920s and the COVID-19 pandemic. However,

the number of Olympic athletes infected by the new coronavirus is higher than those of the Antwerp 1920 events. The IOC (International Olympic Committee) and the TOCOG (Tokyo Organizer Committee) are determined to launch the Games pre-organized for the last year. 2021 will be the year of the 2020 Olympic and Paralympic Games searching for a peace statement that can be translated in a peaceful and controlled friendly environment.

Campbell (2018) says that peacebuilding most often takes place in countries experiencing contestation of political authority precisely because the government is not able to serve the interests of its population. The actual interest is the return to a normal life as in the past. However, a "new normal' has established rules to assure biosecurity initiatives in order to organize accountable Olympic Games. Using the perspective of Coubertin, the sport gathering could be in threatful conditions beyond the organization of the mega-event during the pandemic. The Olympic Movement passed by a crisis before the new coronavirus established the new rules for life, travel or sport. The reality is that the game is becoming an old model of event less attractive for the youth society.

The creation of the Youth Olympic Games was a strategy to attract the new ages to the event (Mataruna-Dos-Santos, Zardini-Filho & Cazorla, 2019). The door to the Urban Sports (Surf, Skate, Climbing and Breaking Dance) is another initiative to rejuvenate the highest sporting event. Scooter riding is already one of the biggest wheeled action sports in the world for young people and has re-energized the action sports industry. It is another possibility to enhance the attractiveness to the event. It is an alternative to find another sense of peace through the inclusion of youth, minorities and manifestations that are not-considered sports by their practitioners.

Clearly, the diversity of the sport mega-events must achieve the different receptors, such as the people with disabilities (Brittain and Mataruna-Dos-Santos, 2017), which is not just connected with the Paralympic Games. In a friendly analysis, the Olympic and the Paralympic Games should be organized as only one event without segregation, division or segmentation, just adapting some competition schemes and events in order to be more equal.

Hearing that e-Sports will be officially earning medals in the Asian Games in 2022 is a new revolution in the sport industry (Wanick, Mataruna-Dos-Santos and Guimarães-Mataruna, 2017). The e-Sports have been approved for inclusion as a medaled sport in the 19th annual Asian Games 2022, taking place in Hangzhou, China, Sept. 10 – 25. At the 2018 Asian Games held in Jakarta, Indonesia, five games were included as demonstration titles: League of Legends, Arena of Valor, Pro Evolution Soccer 2018, StarCraft II, Hearthstone, and Clash Royale. The main challenge is the game selection list to be included in the Olympic Program. However, definitely the mainstream audience worldwide will increase targeting the children and teenage population. Notwithstanding, the social media channels must be amplified and free of access to achieve the specific population. More than including new sport, it is necessary to recreate the speech and the marketing approach to the event. The Olympic Values are still the same, nonetheless, society has drastically changed around the globe and the needs and the meaning of new values are necessary to achieve and enroll new costumers to the Games. The understanding of peace reveled by Coubertin is still achieving and addressing the actual problems in the society. Nevertheless, other contemporary issues will emerge requiring adaptation, adjustments and reinterpretation of theories, values, philosophy and, in special, about the meaning of what is considered as “Sport”?

In these contexts, global governors need to develop local accountability beyond the host government so that they can gain

knowledge of the needs, capacity, and preferences of the specific local institutions they aim to transform (Campbell, 2018). In the perspective of the peacebuilding and, looking at the Figure 1, it is possible to understand or not, the new Coronavirus Pandemic uncertainness. Everything sounds confused when the theories and the solutions could not be found. Even if the IOC donated a vaccine for each athlete or participant in the Games, the people have the right to decide if they want to use this new "cure" treatment. Nobody knows the real side and negative effects of the different vaccines developed. Also, it is unclear if any substance can provide an extra advance for the people that could be considered as a doping offence in the futures. An ocean of endless questions promoting an unpeaceful moment for players, families and different people around the world.

According to Muller (2008), peace education includes the study of survival conditions, diplomatic relations, legalities, communication gaps and environment. It differs vastly from the study of the cause of human violence and war. The conceptualization of peace and the connection with sport overpass the context of non-conflict, but include gender equality, diversity, struggle against racism, poverty and social control imposed by the COVID-19 reality.

Many publications from a consortium of scientists, Trabelsi et al (2021), Ammar, Trabelsi et al (2021); Ammar, Branch et al (2020); Ammar, Chtourou et al (2020), Ammar, Mueller et al. (2020) discussed that the COVID-19 home confinement resulted in significantly negative alterations in sleep patterns and physical-activity levels. The confinement situation affected health, physical-activity promotion and sleep hygiene education. Definitely, the pandemic affected the personal peace statement. Unfortunately, the negative effects are creating a new reality or "new normal" panorama that is affecting drastically Sport for Peace and Development.

Petrov (1984) cited that the Coubertin's ideas contrasted the political and ideological principles of his period of life, when he idealized that all nations in the world should meet every four years to compete. According to Coubertin, referenced by Petrov (1984) "...we want to believe that those peaceful and noble competitions are the purest internationalism". In a pandemic period, the compromised gathering in sport is overpassed by the compromises to celebrate and protect the life of the athletes, but also the life of the entire planet. In fact, it is necessary to redefine or re-orient the educational process of the peace statement generated and/or promoted by Coubertin.

FINAL CONSIDERATIONS

Ceaselessly, the number of COVID-19 cases has globally increased in different parts of this isolated planet called Earth. Social distance has become a new standard to avoid contamination, but at the same time it promotes isolation. The World Health Organization (WHO) defined the "Coronavirus disease (COVID-19) as an infectious disease caused by a newly discovered coronavirus" (WHO, 2020). The recommendations are to avoid gathering people and other social interactions. How will the Olympic Games be designed to avoid social interaction in opposition of the ideas of the Coubertin? Definitely, the 2020 Games will be different ever and the meaning of peace in sport will need a news definition. In a stressful year, racism has become another theme that requires attention and runs against the universalism principles of Coubertin. New studies are required until the end and post COVID-19 pandemic to discuss the issues related to Olympism and the future of the Olympic Games.

REFERENCES

Ammar A, Trabelsi K, Brach M, Chtourou H, Boukhris O, Masmoudi L, et al. on behalf of the ECLB-COVID19 Consortium. Effects of home confinement on mental health and lifestyle behaviours during the COVID-19 outbreak: Insight from the ECLB-COVID19 multicenter study. Biol Sport. 2021;38(1):9–21. doi:10.5114/biolsport.2020.96857.

Ammar A, Brach M, Trabelsi K, Chtourou H, Boukhris O, Masmoudi L, et al. on behalf of the ECLB-COVID19 Consortium. Effects of COVID-19 Home Confinement on Eating Behaviour and Physical Activity: Results of the ECLB-COVID19 International Online Survey. Nutrients. 2020;12:1583. doi:https://doi.org/10.3390/nu12061583

Ammar A, Chtourou H, Boukhris O, Trabelsi K, Masmoudi L, Brach M, et al. Covid-19 home confinement negatively impacts social participation and life satisfaction: A worldwide multicenter study. Int J Environ Res Public Health. 2020;17(17):6237. https://doi. org/10.3390/ijerph17176237.

Ammar A, Mueller P, Trabelsi K, et al. on behalf of the ECLB-COVID19 Consortium. Psychological consequences of COVID-19 home confinement: The ECLB-COVID19 multicenter study. PLOS one 2020;doi:10.1371/journal. pone.0240204

Brittain, I., and Mataruna-Dos-Santos, L. (2017). Social Legacies of Olympic and Paralympic Games in the East End of London: Lessons for Rio de Janeiro 2016. In Cohen, P. and Watt, P. London 2012 and the Post- Olympics City: A Hollow Legacy? Published Palgrave Macmillan, ISBN 987-1-137-48946-3.

Campbell, S. (2018). Global Governance and Local Peace: Accountability and Performance in International Peacebuilding. Cambridge: Cambridge University Press. doi:10.1017/9781108290630

CDC (2020). 1918 Pandemic (H1N1 virus). Retrieved from: https://www.cdc.gov/flu/pandemic-resources/1918-pandemic-h1n1.html

Ellingworth, J. (2020). Planning for Olympics in a pandemic has echoes of 1920 Games. Retrieved from: https://apnews.com/article/tokyo-health-antwerp-flu-2020-tokyo-olympics-6bd4ca3f18691f3e69b3a43e61dc476a

IOC (2020a). The Visionary Founder of the Modern Olympic Games. Retrieved from: https://www.olympic.org/pierre-de-coubertin.

IOC (2020b). The Celebration of Human Diversity. Retrieved from: https://www.olympic.org/pierre-de-coubertin.

Mataruna-Dos-Santos, L.J., Zardini-Filho, C.E., & Cazorla, A. (2019). Youth Olympic Games: Using marketing tools to analyse the reality of GCC countries beyond Agenda 2020. Journal of Human Sport and Exercise, 14(3proc), S391-S411. doi: https://doi.org/10.14198/jhse.2019.14.Proc3.12.

Muller, N. (2008). The Idea of Peace as Coubertin's Vision for the Modern Olympic Movement: Development and Pedagogic Consequences. Retrieved from: https://thesportjournal.org/article/the-idea-of-peace-as-coubertins-vision-for-the-modern-olympic-movement-development-and-pedagogic-consequences/.

Petrov R. (1984) Pierre de Coubertin and World Peace. In: Ilmarinen M. (eds) Sport and International Understanding. Springer, Berlin, Heidelberg. https://doi.org/10.1007/978-3-642-49961-6_21

Trabelsi, K.; Ammar, A., Masmoudi, L., Chtourou, H., Brach, M., Müller, P., Paineiras-Domingos, L., Wrede, C. (...) Mataruna-

Dos-Santos, L.J. (2020). Globally altered sleep patterns and physical activity levels by confinement in 5056 individuals: ECLB COVID-19 international online survey.. Biology of Sport. 38. 495-506. 10.5114/biolsport.2021.101605.

Wanick, V., Mataruna-Dos-Santos, L.J., Guimarães-Mataruna, A.F. (2017). The role of video-games in mega-events: footprints connections. In: Mataruna-Dos-Santos, L.J., and Pena, B.G. (2017). Mega Events Footprints: Past, Present and Future. Available at: https://matarunadotorg.files.wordpress.com/2017/09/2017_e-book_footprints_ book_download.pdf. Rio de Janeiro: Engenho, 301-319, ISBN: 978-85-69153-02-3.

White, H. (1984). The Question of Narrative in Contemporary Historical Theory. History and Theory, 23(1), 1-33. doi:10.2307/2504969

PORTUGUÊS

UMA NOVA PERCEPÇÃO DE PAZ NO DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO

O pai dos Jogos Olímpicos nos tempos modernos, Pierre de Coubertin, utilizou uma estratégia em 1919, após a Primeira Guerra Mundial para prover suas ideias. Ele decidiu que os Jogos deveriam ser acessíveis a uma população global de todas as esferas da vida, ou seja, disponíveis e não abertos apenas para fins de competição. Ele defendeu uma certa democratização do esporte para todos em termos de prática física.

Profundamente decepcionado com o cancelamento dos Jogos Olímpicos de Berlim de 1916, que haviam sido agendados antes do início das animosidades, ele começou a reafirmar o princípio evolutivo do esporte para todos. Naquele momento, Coubertin também planejava unificar os países separados pela guerra.

De acordo com o COI (2020) desde o final da década de 1890, os Jogos Olímpicos compartilharam uma estreita relação com o Bureau Internacional da Paz. De fato, mais da metade dos 78 delegados honorários listados no programa oficial para o Congresso Olímpico, realizado em Sorbonne, 126 anos atrás, estavam diretamente envolvidos no movimento pela paz. Cinco desses indivíduos representavam uma única organização - o International Peace Bureau - e seriam nomeados entre os 13 primeiros vencedores do Prêmio Nobel da Paz (COI, 2020). Eles apoiaram o Barão Pierre de Coubertin porque reconheceram as dimensões pacíficas de sua visão olímpica para o esporte global.

Usando a trégua olímpica dos Jogos Antigos e aspectos humanísticos associados, Pierre de Coubertin desenvolveu uma visão de paz global que também incluía o conceito de paz social. Viajando para os dias de hoje, nos deparamos com o surto da pandemia do COVID-19, que levou os países a recuar e a parar todas as formas de ação esportiva. Todos os esforços estão concentrados para resolver o maior desafio que a humanidade enfrenta: salvar vidas humanas.

A percepção contemporânea de paz é desenvolvida de maneira substancial para a manutenção da saúde e promoção de boas práticas de exercício no campo do esporte. O conceito de rotina de movimento, dança ou treino físico passará a adotar valores agregado. O que antes era designado exclusivamente para esportes como igualdade, equidade e solidariedade passará a fazer parte de um novo presente.

As práticas digitais foram injetadas na nova rotina das sociedades em todo o mundo e requerem aproximação virtual em vez de distanciamento social para controlar o surto. É necessário um novo senso de normalidade para reabrir estádios, ligas e dar esperança à realização do sonho olímpico de Tóquio. É hora de redefinir o esporte e reorganizar a proximidade futura da sociedade para promover uma nova percepção do sentimento coletivo global de paz.

ENGLISH

THE GLOBAL SPORT POST-PANDEMIC

Lamartine DaCosta

The Olympic Movement was born at the end of the 19th century both inspired by the rebirth of the Olympic Games and by the ideas of internationalism that promoted cooperation between countries while maintaining the strengthening of patriotism in each nation. Pierre de Coubertin was an internationalism activist of those times, making the IOC act similarly to International Fairs and the Red Cross Movement, precursor entities of current globalization (DaCosta, 2002).

On that occasion, in operational terms, the IOC respected the autonomy of the Olympic Committees of each country. For this sense of cooperation, Coubertin brought up the name "All Sports, All Nations".

Therefore, the Olympic Movement has functioned by acts of mutual interest with agreed norms between the parties, having the Olympic Charter as the main reference. At that point, Coubertin justified this operational pragmatism as a means of achieving guarantees of cooperation, autonomy and peace. The expected result of this concertation was an "Olympic geography", something close to what is now called a global sport.

This model of organization has had successes and failures, but managed to survive the pandemic of 1918, two world wars and the so-called Cold War with four decades of duration. However, this resilience will come to a test once again in the post-COVID-19 phase as far as economic, financial, industrial and technological globalization is currently in regression with nations becoming increasingly isolationist and protectionist.

For these reasons it is not surprising that at the World Economic Forum, 2020, the model of the Olympic Games has been presented by Yuval Harari as a solution for a return to multilateral cooperation between countries. This proposition was presented as a means of leaving aside the current globalization dominated by financial interests turning to cooperation agreements with mutual and equal advantages.

There is, therefore, in 2020, a return to Coubertin's ideas unveiled more than a hundred years ago. At that moment of restoration of the Olympic Games, financial interests were not present as in the present day. This means that the internationalist legacy of the founder of Olympism still has current value and that it is potentially useful in the face of the post-pandemic crisis that should require limitations in the commercial exploitation of Olympic mega-events.

In other words, Coubertin's internationalism is not only a solution to the decline of economic globalization, but above all one of the defining bases for global sport to be reinvented in the post-pandemic era.

REFERENCE

DaCosta, L. (2002) Olympic Globalization: Sport Geopolitics or IOC Power Politics?. In DaCosta, L. (Ed) Olympic Studies. Rio de

Janeiro: Editora Gama Filho, p. 91 – 106. Free access at https://digital.la84.org/digital/collection/p17103coll16/id/1443/rec/28

PORTUGUÊS

O ESPORTE GLOBAL PÓS PANDEMIA

O Movimento Olímpico nasceu no final do século 19 tanto inspirado no renascimento dos Jogos Olímpicos como no ideário do internacionalismo que promovia a cooperação entre países mantendo o fortalecimento do patriotismo em cada nação. Pierre de Coubertin era um ativista do internacionalismo daqueles tempos fazendo o COI atuar no estilo das Feiras Internacionais e do Movimento Cruz Vermelha, entidades precursoras da globalização atual. Ontem, como hoje, em termos operacionais, o COI tem respeitado a autonomia dos Comitês Olímpicos da cada país - incluindo os Comitês Organizadores dos Jogos Olímpicos (OCOG) em cada cidade-sede, além das entidades internacionais maiores de cada esporte, as Federações Internacionais (FIs). A este sentido de cooperação, Coubertin deu o nome de "All Sports, All Nations".

Portanto, o Movimento Olímpico tem funcionado por atos de interesse mútuo com normas acertadas entre as partes, sendo a Carta Olímpica a referência principal. Em retrospecto, Coubertin justificava este pragmatismo operacional como um meio de alcançar as garantias de cooperação, autonomia e paz. O resultado esperado desta concertação era uma "geografia olímpica", algo próximo ao que se chama hoje de esporte global. Este modelo de organização tem tido sucessos e fracassos, mas conseguiu sobreviver à pandemia de 1918, a duas guerras mundiais e à chamada Guerra Fria com quatro décadas de du-

ração. Entretanto, tal resiliência entrará em teste mais uma vez na fase pós COVID-19, pois a globalização econômica, financeira, industrial e tecnológica está atualmente em regressão com as nações se tornando isolacionistas e protecionistas de modo crescente.

Por essas razões não é surpreendente que no World Economic Forum, 2020, reunião de cúpula econômica mundial, o modelo dos Jogos Olímpicos tenha sido apresentado por Yuval Harari como solução para um retorno à cooperação multilateral entre países. Esta proposição foi apresentada como meio de das nações deixarem de lado a atual globalização dominada por interesses financeiros voltando-se para acordos de cooperação com vantagens mútuas e igualitárias.

Há, portanto, em 2020, um retorno ao ideário de Coubertin desvelado há mais de cem anos. Naquele momento de restauração dos Jogos Olímpicos os interesses financeiros não se faziam presentes como nos dias atuais. Isto significa que o legado internacionalista do fundador do Olimpismo ainda tem valor atual e que é potencialmente útil diante da crise pós pandemia que deverá exigir limitações na exploração comercial dos megaeventos olímpicos. Ou seja: o internacionalismo de Coubertin não é somente uma solução para a decadência da globalização econômica, mas sobretudo uma base de sustentação para o esporte global a ser reinventado na era pós pandemia.

REFERENCE

DaCosta, L. (2002) Olympic Globalization: Sport Geopolitics or IOC Power Politics?. In DaCosta, L. (Ed) Olympic Studies. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, p. 91 – 106. Free access at https://digital.la84.org/digital/collection/p17103coll16/id/1443/rec/28

Educação em Nova Era

Education in a New Era

Educación em Nueva Era

ENGLISH

COUBERTIN'S UNFINISHED SYMPHONY

Irena Martinková

INTRODUCTION

Though Baron Pierre de Coubertin is most widely known as the founder of the modern Olympic Games and Olympic Movement, it is important to highlight that he also was a thinker, lecturer and author who had written widely in history and social policy, especially with a focus on sport and education in general. Part of his written heritage is five volumes of memoirs, in which he describes his memories and views of contemporary events and on various aspects of Olympism, including his thoughts on its present and future.

This paper draws on the last volume of Coubertin's memoirs, which is called The Unfinished Symphony. This text, which Coubertin was writing towards the end of his life, was only in its early stages when he died, and therefore it is quite short. The whole text was supposed to focus on (Olympic) education, but what is left for us is just an introductory chapter. Nevertheless, even the fragment that we have can help us to pause and think again about Olympism in education - its development and its

future – especially now, more than 80 years after the death of its founder, when sport is being repeatedly compromised by various kinds of threats to its integrity. The idea of succession and of the further development of Olympism was clearly of concern to Coubertin already in 1936: "[...] what worries me most is the difficulty of finding those who will take over and continue the work I started. To my mind, this is the most important point" (Coubertin, 2000e, 752).

THE UNFINISHED SYMPHONY

Coubertin started writing the last volume of his memoirs, The Unfinished Symphony, in 1936, but this was interrupted by his death in 1937. What was completed of the intended memoir was meant to be an introduction to the last volume, in which Coubertin wanted to focus on the theme of education, including education within Olympism. Coubertin's grand-nephew, Geoffroy de Navacelle (1997, 11), considers this text to be a concluding chapter of the four memoirs, rather than a separate volume in its own right. And it is with reference to this chapter that I will now try to develop further Coubertin's unfinished ideas.

UNFINISHED

The Unfinished Symphony is an unfinished work in two senses. Firstly, the term might be thought to refer to the fact that the work was not in fact finished. However, since this is Coubertin's own title, I think we can assume that the title was not Coubertin's prediction nor a harbinger of his own death. Rather, the text itself suggests that the incompleteness is related to Coubertin's educational project (2000e, 752). Some authors (such as e.g. Müller, 2000, 751) consider 'education' here to be referring only to Olympism, whilst others (such as e.g. Navacelle,

1981, 70) suggest that it was a wider project extending to education in general, since Coubertin's aim was an overall reform of humankind, in which Olympism had its part to play (2000e, 753). Coubertin explained this idea with the help of the metaphor of 'symphony'.

SYMPHONY

The second word from the title belongs to the sphere of music rather than sport. A symphony is generally considered to be one of the most complex musical compositions, usually consisting of multiple distinct sections or movements, and being composed for large groups of musical instruments (gathered in a symphonic orchestra), sometimes accompanied by solo or choral singing. This word has its origin in ancient Greek, meaning 'agreement', 'concord of sound' and 'harmony'. Coubertin uses this word as a metaphor for the purpose of explaining his intended educational reform. He transfers the word from the world of music to human society and speaks of an "educational 'symphony'" (Coubertin 2000e, 752).

Coubertin (2000e, 751) says:

> "Every human being, I say, belongs to the great orchestra of mankind. Most of us, it must be admitted, play a very minor role. Not everyone is able to fit in; some never succeed in finding their place. Very few are favoured by fate to the extent of being allowed to compose pieces themselves. Rarer still are those who are privileged to hear them performed during their lifetime."

A symphony can be likened to a project for people to engage in, while 'the great orchestra of mankind' is likened to the whole of humankind, enabling us to distinguish various roles in society. So, just as with an orchestra, in which each member con-

tributes to the performance of the symphony by playing their instrument, most individuals usually play their small part within the manifold projects of humankind. However, these small parts are not negligible, and without their cooperation there would be no outcome. Coubertin also mentions that some individuals have difficulties in fitting in.

Nevertheless, some people are able to gain more important roles with respect to the orchestra – not by playing in it, but by composing the pieces. These composers prepare pieces that are interpreted by orchestras (within 'the great orchestra of mankind'), and some composers may even have the privilege to hear their pieces performed during their lifetime. Translated into society, this suggests that leading thinkers may create different ideas and projects, some of which are realized during their lifetimes and have an impact in society. An example of the latter is Coubertin himself, who was the originator of Olympism and the modern Olympic Games, and who was able to see his project of Olympism as developing (see Coubertin, 2000e, 752).

EDUCATIONAL SYMPHONY

Now it is important to highlight, as Coubertin reminds us in The Unfinished Symphony, that the revival of the Olympic Games and the founding of modern Olympism was not the project of his life (as many would think), but just a part of it. His major project was a new type of education:

> "But Olympism is only part of my life's work, approximately half in fact. Consequently, my educational "symphony" consists of a part that is complete and another that is still unfinished. Quite naturally, it is with the latter that I am going to deal in the pages that follow." (Coubertin, 2000e, 752)

Coubertin was aware that Olympism, with its pinnacle as the Olympic Games, was acknowledged and growing larger. That is, in musical terms, it was already heard loud and clear – while the educational project was more subtle and hardly heard at all (cf. 2000e, 753). For a new sound of the educational 'symphony', a larger reform of education was needed. Coubertin (2000e, 753) makes this absolutely clear:

> "The reform that I am aiming at is not in the interests of grammar and hygiene. It is a social reform or rather it is a foundation of a new era that I can see coming and which will have no value or force unless it is firmly based on the principle of a completely new type of education."

This is not a surprising position for Coubertin to take if we consider the origins of his efforts, which began with a dissatisfaction regarding the state of education in France, given the contemporary social changes (e.g. Coubertin, 2000a; 2000c, 571 ff.; Rioux, 2000). Coubertin criticized especially the traditionalist nature of French education, based on theoretical knowledge being transferred to students predominantly by the method of instruction, leading to physical weakness and dullness. On the other hand, he highlighted the developments in English education which, while respecting tradition, was also open to the needs of humans and to changes in society, emphasizing the important contribution of personal experience and a fostering of moral values, character formation, respect for diversity, freedom and responsibility for one's own actions, the value of decision-making, etc. (Coubertin, 2000a, 2000b; Müller, 2008) Coubertin found these values, which were to be gained through competitive sport, through his admiration of English education, with especial thanks to Thomas Arnold (Coubertin, 2000b, 107).

So, Coubertin's aims were extremely ambitious, with a vision of a new society, more adequately prepared for democracy and freedom. Georges Rioux (2000, 23) even claims that Cou-

bertin "viewed the problem of education as the key to human happiness".

In relation to ancient Greek culture, Coubertin's overall plan was to restore the idea of the Greek gymnasium, rather than the Olympic Games (e.g. Coubertin, 2000d). Coubertin saw great value in sport and he strove to integrate sport into general education, side by side with the arts, humanities and sciences. We can discern a strategy for achieving this, for example, in his inclusion of art competitions (in painting, sculpture, architecture, music, literature) into the Olympic Games.

The creation of a better society needs the cooperation of the full range of roles within the 'symphony' of humankind. It is a result of the mutual work of all agents, enabled by a dialogue and meaningful input from various constituencies, with respect to what sport is and how it is to be meaningfully practiced and developed. Coubertin (2000c, 569) himself understood very well this threat of the misunderstanding of Olympism, saying that:

> "[...] if metempsychosis does exist and if, as a result, I return to existence in a hundred years, you might see me using all my energy to destroy what I had worked to build up in my current existence."

If we wish to preserve Olympism as a meaningful way of development of the human being through sport for new generations, it is important to continue in his work. That is why we have to keep re-thinking it and improving it. And this is a challenge for us: Olympism needs 'composers' and 'conductors' who will understand sport as well as education – especially in our times, when the integrity of sport is threatened.

So, with regard to Coubertin's memoir The Unfinished Symphony we must conclude that Olympism is an unfinishable proj-

ect because an understanding of sport and education is never a finished thing – it requires deep understanding and re-interpretation, while searching for ever more adequate ways of application into up-to-date practice, so that it remains a worthwhile heritage for future generations.

REFERENCES

Coubertin, P. de. (2000a). Education in England. In N. Müller (Ed.), Pierre de Coubertin. Olympism. Selected Writings (pp. 51–59). Lausanne: IOC.

Coubertin, P. de. (2000b). English Education. In N. Müller (Ed.), Pierre de Coubertin. Olympism. Selected Writings (pp. 105–120). Lausanne: IOC.

Coubertin, P. de. (2000c). Olympia. Lecture Given in Paris, in the Festival Hall of the 16th Arrondissement Town Hall. In N. Müller (Ed.), Pierre de Coubertin. Olympism. Selected Writings (pp. 563–576). Lausanne: IOC.

Coubertin, P. de. (2000d). Olympic Letter II: Contribution by the Arts, Humanities and Sciences to Restoring the Greek Gymnasium. In N. Müller (Ed.), Pierre de Coubertin. Olympism. Selected Writings (pp. 633–634). Lausanne: IOC.

Coubertin, P. de. (2000e). The Unfinished Symphony. In N. Müller (Ed.), Pierre de Coubertin. Olympism. Selected Writings (pp. 751–753). Lausanne: IOC.

Müller, N. (Ed.). (2000). Pierre de Coubertin. Olympism. Selected Writings. Lausanne: IOC.

Müller, N. (2008). The Idea of Peace as Coubertin's Vision for the Modern Olympic Movement: Development and Pedagogic Consequences. The Sport Journal, March 7th 2008, 1-9.

Navacelle, G. de. (1981). Pierre de Coubertin's aims and the revival of the Olympic Games. In O. Szymiczek (Ed.), Report of the Twentieth Session of the International Olympic Academy at Olympia, June 1980. Athens: Hellenic Olympic Committee, 68–80.

Navacelle, G. de. (1997). Preface. In Coubertin, P. de. Olympic Memoirs (pp. 9–11). Lausanne: IOC.

Rioux, G. (2000). Pierre de Coubertin's Revelation. In N. Müller (Ed.), Pierre de Coubertin. Olympism. Selected Writings (pp. 23-31). Lausanne: IOC.

NOTES

1. This article is a shortened version of an article that first appeared as Education and Olympism: Coubertin's Unfinished Symphony, in the journal Diagoras (2018). http://www.diagorasjournal.com/index.php/diagoras

It was written with institutional support from Charles University, Prague, Czech Republic (PROGRES Q19)

2. Coubertin's memoirs consist of five volumes (2000e, 751): Souvenirs d'enfance et de jeunesse (Memories of Childhood and Youth), Mémoires Olympiques (Olympic Memories) – Coubertin's ideas on various aspects of Olympic Games and Olympism, Politique, expérience et propagande nationale (Politics, Experience and National Propaganda) – Coubertin's ideas on political development in Europe and France, La victoire sans tête (Headless Victory) – Coubertin's description

of the WWI era and the following period of peace, La symphonie inachevée (The Unfinished Symphony) – Coubertin's ideas about the future of (Olympic) education. The only volume of Coubertin's memoirs that has been finished and published was Mémoires Olympiques, published during his life in 1932. Some of the other volumes remained unfinished and have not been published. (Müller, 2000, 751)

PORTUGUÊS

A SINFONIA INACABADA DE COUBERTIN

Esta contribuição se baseia no livro de memórias de Coubertin, "A Sinfonia Inacabada", que desenvolve as ideias sobre educação e o Olimpismo, que ele começou a escrever em 1936, um ano antes de sua morte. Coubertin usa a metáfora da 'sinfonia' para defender os projetos que os humanos criam e desenvolvem em suas sociedades, uma das quais é o seu Olimpismo, ou seja, a educação que é realizada predominantemente através do esporte competitivo.

Coubertin enfatiza que entende o Olimpismo como um subprojeto de um maior de educação para a nova era (sua 'sinfonia' educacional). No entanto, no final de sua vida, ele ainda sentia que seu grande projeto, promovendo um novo tipo de educação, ainda estava longe de terminar.

Se queremos preservar o Olimpismo como uma forma significativa de desenvolvimento do ser humano através do esporte para as novas gerações, é importante continuar a tarefa edu-

cacional de Coubertin. É por isso que temos que continuar pensando e melhorando. E isso é um desafio para nós: o Olimpismo precisa de ‘compositores’ e ‘maestros’ que entendam o esporte e a educação – especialmente em nossos tempos, quando a integridade do esporte está ameaçada.

Assim, no que diz respeito ao livro de memórias de Coubertin, “A Sinfonia Inacabada”, devemos concluir que o Olimpismo é um projeto inacabado, pois a compreensão do esporte e da educação nunca é uma coisa acabada – requer uma compreensão profunda e reinterpretação, enquanto busca formas cada vez mais adequadas de aplicação na prática atualizada, de modo que continue sendo um patrimônio digno para as gerações futuras.

ENGLISH

AT YOUR CALL: PRIORITIZE THE SPACE FOR JOY

Ian Culpan & Susannah Stevens

INTRODUCTION AND PURPOSE

Today, the Olympic Movement has the mission of promoting Olympism throughout the world to attain its goal of "contribut[ing] to building a peaceful and better world by educating youth through sport practiced in accordance with Olympism and its values" (International Olympic Committee, (IOC), 2020, p.15). While there are many different interpretations of Olympism, the International Olympic Charter (2020) states that:

Olympism is a philosophy of life, exalting and combining in a balanced whole the qualities of body, will and mind. Blending sport with culture and education, Olympism seeks to create a way of life based on the joy of effort, the educational value of good example, social responsibility and respect for universal fundamental ethical principles (International Olympic Committee, (IOC), 2020 p.11).

Pierre de Coubertin, the French philosopher and educator, established the modern Olympic Movement in 1894. De Coubertin's vision was to use the holism of sport to educate youth to achieve a virtuous and flourishing life. This he called Olympism, the purpose of which was to liberate youth from a drab complicated education and moral code and enlighten and enthuse them with an education that was balanced, harmonious and uplifting. This balance was characterized by athletic education, the aesthetics of music, dance and the arts, literacy, and the beauty of nature. Such an embodied balance was to serve as the foundation for a meaningful, peaceful, zestful civil life. Central to his ideas was the importance of joyfulness. De Coubertin believed that the joy emanating from effort brought tranquility and self-control to one's holistic development.

The purpose of this chapter is to focus attention on the social construct of the 'Joy of Effort'. We will analyze the primacy that de Coubertin gave to this construct and interrogate how the Joy of Effort in a sporting context presents itself in contemporary times. Further, we identify the political economy of sport as a possible inhibitor for the lack of a contemporary emphasis on joy in sport. We conclude by suggesting that for sport and indeed the Olympic Games to remain relevant the space for the Joy of Effort must be reserved and preserved to address de Coubertin's recipe of becoming Olympic.

> **Oh, Sport you are Joy!**
> "At your call the flesh makes holiday and the eyes smile; the blood flows free and strong in the arteries. Thought's horizon grows lighter and more clear. Even the grief stricken you can bring a healing distraction from their sorrows, while you enable the happy to taste the joy of living to the full" (Ode to Sport, Müller, 2000, p. 629)

When de Coubertin signed 'Ode to Sport' under a pseudonym in the literary competition at the 1912 Games, the above passage was part of the text. The complete work was a tribute to sport's unique characteristics and attributes, and this component illuminates sport's potential to arouse pleasure and ignite the senses. The subtleties of the text playfully and philosophically drawing attention to his vision. "At your call" is no mistake, indicating that effort is indeed required to reap the rewards of bodily pleasures.

De Coubertin valued the importance of a joyful, moving body, for delight and human flourishing. His philosophical thinking on this matter positioned joy above insipid happiness, and certainly found effort to mean more than an oversized sporting tournament. There was an interplay of physiological, psychological, and sociological complexities that shaped his understanding of movement and ontology – how one exists as a whole moving being. This could be seen in such statements like:

> "Olympism refused to accept a deluxe education reserved for the wealthy classes, no shred of which should be handed out to the working classes" and "Olympism is a destroyer of dividing walls" (Lettre olympique III, Müller, 2000, p. 548)

De Coubertin's thinking, although centered on sport, was not the sport itself. It was about learning, difference, and flourishing as a holistic human being. He emphasized holistic development, learning and joyfulness in and through sport. He reasoned learning to be joyful bought a tranquility to life and without joyfulness the holism of sport ceased to exist. But in today's world the dominant modus operandi in sport is commonly characterized by constructing dividing walls and binaries. For instance, we have gender divisions, sport for development verses high performance sport, ethical sport verses corrupt practices, physiology facts verses socio-cultural meanings and understandings, spontaneous and creative sport verses institutionalized sport, and Olympism verses the spectacle of the Olympic Games.

Akin to many other organizations and institutions across the globe, the Olympic Movement is caught up in developing and creating dividing walls. Take for instance the IOC's strategy for the 40 future recommendations of the IOC Agenda 2020 (IOC, 2014). Within, there seems to be a catalogue of isolated classifications with little regard to destroying the dividing walls that bedevil contemporary sport across the globe. Certainly, the one aspect that de Coubertin identified as being Olympic, that of joyfulness, is conspicuous by its absence. He argued joy was of equal importance as effort to learn and live a full and flourishing life. Indeed, the deafening silence of joyfulness in the IOC's 2020 Agenda ignores de Coubertin's argument that the pleasure generated by muscular activity is the source of joy, energy, calmness, and purity. De Coubertin is not alone in advocating for joy in human movement. Ross (2008), for example, posited that human movement in its many forms, is seen as a "sensual, intangible pleasure" (p.63), but when significant to the individual mover, can allow participants "to make sense of their actions in the world" (p.64). "These delightful intrinsic movements can include: creativity, self-expression, a sense of wonder, harmony, friendship, fun, a sense of fulfilment, challenge, risk,

sensuous joy, empathy and competition" (Rintala, 2009: p.285). Importantly there is no hierarchy as to how pleasure is experienced, the sensual and intangible are ontologically our own, and existentially significant (Arnold, 1979; Parry, 2007). This we call the spirituality of sport. We argue that for the IOC's 2020 Agenda to exclude joyfulness in their strategic priorities is to ignore the powerful educative and social foundation of sport, limit its effectiveness and attraction and comprise its educative goal (see opening paragraph). Furthermore, it seems that such an omission is counterproductive to contemporary youth culture. For such an Agenda to be so silent on this vital dimension of contemporary sport is to assume the body will continue to passively consume the rhetoric of sporting pursuit. This, we argue, is strategically short-sighted, disingenuous, and in our view destructive to young people. To believe that the body has no authority to be joyful, change and grow through sport, negates subjectivities, self-consciousness and the power to 'act in ways other than we do'(McLaren, 1988, p. 67). We question whether a human being can really flourish, if their joy is subordinated to categorization, rejection, contortion, binaries, and measurement net alone ignored altogether? The evidence would suggest that sport's constructions and binaries continue to asphyxiate meaning-making, through an obsession on epistemological, empirical and scientific knowledge of moving bodies (Stevens, 2017; Stevens & Culpan, 2019). As Stevens (2017) found in her study, it institutionalizes, shapes, and inhibits the very construct that has the potential to liberate and allow individuals and collectives to make meaning and flourish. The currency given to sport as being a serious health-based performative quest restricts any joyfulness that does not fit normal parameters and conceptualizations. The 'effort' sits not with personal joys, but with conforming to mandated routine and tradition, normalized by a ubiquitous controlling political ideology.

POLITICAL ECONOMY OF SPORT

One of the most powerful inhibitors to joyfulness in and through sport is in the pervasive neoliberal political ideology of the free market (Culpan & Meier, 2016; Evans, 2014). Underpinning this agenda is any social or economic pursuit not yielding human capital for profit or specific health outcomes is relegated and labelled superfluous. The commodification of the sporting body to 'add economic value' has become the dominant rationality in the political economy of sport. In this performative culture environment, Sewart (1987) argues that sport, and we suggest the athlete, has become a trafficked commodity and that this market orientation has shamelessly dehumanized its very essence. Deemed not to add value, the requisite, as de Coubertin argued, of joy becoming the quintessence of sport, fostering a dimension of altruism rather than a singular performativity, has disappeared. The inflamed joy that sport can generate is repeatedly extinguished by the entrenched seriousness in the neo-liberal culture of the profit determinant.

The IOC is complicit in this regard and runs the risk of alienating youth and deviating from its clearly articulated goal. It is our thesis, this political economy of sport, committed to adding pecuniary value, may not sit comfortably with young people. The relevancy of such runs the risk of rejection. Potentially the IOC's positioning is creating a gloomy perception for our young people. The gloominess spawned by an economic discourse claiming to provide new freedoms, new opportunities to self-maximize. This discourse does not resonate with youth's changing and evolving worldly understandings of what it means to participate in this world. From youth's perception this economic discourse is simply old rhetoric disguised as new and extensive forms of regulation and control. Young people today are more aware of the new knowledges from diverse paradigms. They are conversant with technological progression and the worldly challenges these create. Such developments and challenges require

creativity, alternative thinking, the free flow of diverse ideas and contextually situated solutions. It requires sport to evolve, re-think empowerment, understand the importance of holistic embodiment, embrace the quest for personal meaning, and curtail dominating economic rationalities. All of which will help capture and give primacy to the Joy of Effort. As in de Coubertin's words "what feeds effort but joy" (Muller, 2000. p549)

CONCLUSION

This article exposes the conscious or unconscious exclusion of valuing the Joy of Effort in contemporary sporting culture. We have highlighted de Coubertin positioning of the importance of Joy in Effort through muscular exertion and the holistic embodiment this proposition offers in becoming Olympic. Notwithstanding, the IOC has chosen to discharge this construct from any scheduled emphasis in its strategic 2020 Agenda. Explanations for this omission are perplexing given 21st Century understandings of youth's mounting rejection of present practice. A possible acquittal of why the IOC has chosen to ignore this construct is attributed to the singular ubiquitous adherence to the neo-liberal political economy of sport. The omission by the IOC is lamentable and may result in the further incarceration of sport in general, and the future relevance and meaning of the Games in particular.

We finish with the dictum of 'At your call: Prioritize the space for joy'.

REFERENCES

Arnold, P. (1979). Meaning in movement, sport and physical education. London: Heinemann.

Culpan, I., & Meier, C. (2016). Sport and the political economy: Considerations for enhancing the human condition. Athens Journal of Sports, 3(2), 143-154.

Evans, J. (2014). Neoliberalism and the future for a socio-educative physical education. Physical Education and Sport Pedagogy 19(5): 545-558. DOI:10.1080/17408989.2013.817010.

International Olympic Committee. (2020). Olympic charter. Lausanne, Switzerland: International Olympic Committee. Retrieved from https://www.olympic.org/olympic-studies-centre/collections/official-publications/olympic-charters

International Olympic Committee (2014). Olympic agenda 2020. Lausanne, Switzerland. Retrieved from: https://www.olympic.org/olympic-agenda-2020

McLaren, P. (1988). Schooling the postmodern body: Critical pedagogy and the politics of enfleshment. The Journal of Education, 170(3), 53-83.

Müller, N. (Ed.). (2000). Pierre de Coubertin 1863-1937; Olympism selected writings. Lausanne, Switzerland: International Olympic Committee.

Parry, J.. 2007. "The Religio Athletae, Olympism and Peace." In Sport and Spirituality, an Introduction, edited by J. Parry, E. Robinson, N. Watson and M. Nesti. London, England: Routledge.

Rintala, J. (2009.) It's all about the –ing. Quest 61(3): 279-288.
Ross, B. (2008). Faking physical education? Journal of Physical Education New Zealand 41(3): 62-66.

Sewart, John. 1987. "The Commodification of Sport." International Review for Sociology of Sport 22, no. 3: 171-190.

Stevens, S. (2017). The joy of movement in physcial education: The enfleshed body., University of Canterbury, Christchurch). Retrieved from https://ir.canterbury.ac.nz/handle/10092/14910

Stevens, S., & Culpan, I. (2019). In the dark: The construction of sport and its coaching rhetoric. In J. Krieger & S. Wassong (Eds.), Dark sides of sport (pp. 135-150). Champaign, IL: Common Ground.

PORTUGUÊS

À SUA VEZ: PRIORIZE O ESPAÇO PARA A ALEGRIA

Este capítulo foca a atenção na construção social da 'Alegria do Esforço', analisa a primazia que Coubertin, o fundador do moderno Movimento Olímpico, deu a esta construção e questiona como a Alegria do Esforço em um contexto esportivo se apresenta nos tempos contemporâneos. A economia política do esporte é identificada como um possível inibidor pela falta de ênfase contemporânea na alegria dentro e através do esporte. Além disso, nós enfatizamos a exclusão consciente ou inconsciente de valorizar a Alegria do Esforço na cultura esportiva contemporânea.

Destacamos o posicionamento de Coubertin quanto à importância da Alegria no Esforço através do esforço muscular e da personificação holística que esta proposta oferece para se tornar olímpica. Não obstante, o COI optou por à parte esta cons-

trução a partir de qualquer ênfase programada em sua Agenda estratégica 2020. As explicações para essa omissão são desconcertantes, dadas as compreensões do século XXI sobre a crescente rejeição da prática atual pelos jovens. Uma possível absolvição de por que o COI optou por ignorar essa construção é atribuída à singular adesão onipresente à economia política neoliberal do esporte. A omissão do COI é lamentável e pode resultar no encarceramento do esporte em geral, e na relevância e significado futuros dos Jogos Olímpicos em particular.

ESPAÑOL

LA EDUCACION A TRAVES DE LA MUSICA Y LA GIMNASIA: ¨MENS FERVIDA IN CORPORE LACERTOSO¨

Francisco Iglesias

"La música es para el alma lo que la gimnasia para el cuerpo." (Platón)

Estamos habituados a que la práctica educativa abarque un determinado número de años en los que cursamos estudios, ya sea para una profesión, formación técnica, etc. Nos referiremos a otro estilo de educación cuyo sentido está en su misma etimología. La palabra EDUCACION proviene del latín, y está relacionada con la posibilidad de preparar a una persona para "sacar afuera" (educir), las potencialidades internas, a través de una buena guía o conducción.

El hecho de extraer valores en estado latente y pasarlos a estado activo, es educir. Para educir, para extraer, hace falta una buena guía. Sócrates hacía un juego de palabras con la profesión de su madre que era partera, con la otra posibilidad de dar

nacimiento, no sólo al cuerpo físico, sino al ser interior. Un buen maestro es como una partera que permite al niño llegar a la vida y le da la posibilidad de un desarrollo posterior.

Un buen maestro da nacimiento, despierta el alma del alumno o discípulo. Para cualquier actividad a desempeñar en la vida, para cualquier profesión, cualquier vocación, es importante, no solamente dar lugar a algunas cualidades innatas, sino seguir elevando al ser humano hasta sus máximas cotas posibles. Partimos de la base de lo que Platón llama "capacidades innatas". Todos tenemos algunas habilidades innatas, a las que una buena educación va agregando nuevos conocimientos, nuevas prácticas, porque todo conocimiento debe ser aplicado, practicado. Esta educación agrega valores morales, tradiciones, hábitos saludables y numerosos factores que constituyen el fundamento de un buen aprendizaje.

El aprendizaje desenvuelve la capacidad de investigación, que no es simplemente intelectual ni depende solamente de la palabra hablada o escrita, sino que integra las conversaciones y también los ejemplos directos derivados de actitudes, sentimientos y pensamientos. Un buen maestro enseña a investigar. Un buen maestro es el que da la correcta bibliografía, aunque sea un solo libro que contenga lo que debemos encontrar. No es la cantidad la que nos va a ayudar, sino el tipo de obra que vamos a estudiar. Además de la investigación es indispensable la formación de la personalidad. Si no hay ninguna formación interior, hay solamente enseñanza técnica. Si el ser humano no mejora, la educación no es educación.

La buena educación depende de otro elemento fundamental: el ejemplo. La palabra es válida, pero el ejemplo vale muchísimo más que la palabra. Lo que tenemos que demostrar cuando enseñamos, es que lo que decimos forma parte de nuestra vida, de nuestra práctica, de nuestro quehacer cotidiano. Si no lo po-

demos demostrar, no hay educación. La gran diferencia es que no todas las palabras, aún las mejor elegidas, no producen un impacto en el alma en forma de experiencia. El ejemplo sí produce un impacto en forma de experiencia. Cualquier experiencia que tenga un efecto formativo, se puede considerar educativa.

LA EDUCACIÓN PLATÓNICA A TRAVÉS DE LA MÚSICA Y LA GIMNASIA (¨MENS FERVIDA IN CORPORE LACERTOSO)

En los libros La República, y en Las leyes, de Platón, está bien definido el problema de la educación. Dice que la mejor forma de educar es mediante la Gimnasia y la Música. Pero hoy, "gimnasia" y "música", desde nuestro punto de vista, obedecen a una imagen muy distinta a la idea platónica. Gimnasia proviene de gymnós, que es estar desnudo (de allí palabras como gimnosofía). Permite presentarse con todo el potencial, toda la pureza que se puede adquirir y que se manifiesta también en el cuerpo. La gimnasia busca la pureza o la descontaminación.

La gimnasia está incluida en los ejercicios espirituales (mejor dicho, ejercicios para el alma) promovidos por Platón, pues es una práctica física orientada a la transformación del individuo, desarrollada asimismo en un contexto comunitario. Este aspecto físico, basado principalmente en un culto a las fuerzas y en un culto a la pureza, se conjugaba con la aplicación espiritual de la Música. Pero por Música se entendía el ejercicio de las artes de las Musas.

MUSAS: hijas de Zeus y compañeras de Apolo, dios de la música y patrón de las bellas artes y las ciencias. Calíope (poesía épica y elocuencia, la de los grandes poetas), Clío (Historia y Bellas Artes), Erato (poesía lírica), Euterpe (música instrumental), Melpómene (la tragedia), Polimnia (memoria, himnos sagrados) Ta-

lía (comedia, teatro), Terpsícore (danza) y Urania (astronomía, filosofía y ciencias exactas). El joven disponía de estas dos grandes vertientes; se pretendía un cuerpo sano y un espíritu cultivado, un espíritu propenso a las artes y al humanismo.

Platón creía que existía una gran relación entre el cuerpo y el alma. Los socráticos decían que el cuerpo era como una vasija y el alma como el agua que la llenaba y que es natural que el agua tome la forma de la vasija que la contiene, por lo que hace falta un cuerpo sano en todas sus expresiones y hace falta una vida sana, para que el alma pueda también educir todos sus mejores valores. Gimnasia y música son dos aspectos dirigidos a una misma meta. Es un error pensar que la gimnasia es para el cuerpo y la música para el alma. No. Gimnasia y música son para el alma, aunque una de ellas trabaje con el cuerpo.

Este modelo de educación debe desarrollarse cuidadosamente en los niños desde su nacimiento, escogiendo lo mejor para su cuerpo, su corazón y su mente, según se van sucediendo las distintas etapas de la vida. De allí la importancia de la atención dedicada a los maestros o pedagogos, los que están a cargo directo de esta enseñanza, puntualizando que, ante todo, deberán enseñar con el ejemplo en sus propias vidas.

Sin embargo, el ideal platónico señala que esa educación, si bien se organiza y se imparte desde fuera, se realiza y manifiesta desde dentro: cada persona debe dar a luz a su propio ser. Como ya lo hemos señalado, de esta idea surgirá el posterior concepto latino del que deriva la palabra educar: educire, extraer lo que está dentro. Es un proceso totalmente individual, que Platón vincula con la innata capacidad de acceder a los arquetipos: «En efecto - afirma Platón en su diálogo Menón -, todo lo que se llama buscar y aprender no es otra cosa que recordar». Y sigue: «Hemos de rechazar la concepción de la educación sostenida por aquellos que dicen que pueden introducir en la mente un conocimiento que antes no estaba allí... Nuestra

argumentación indica que esta capacidad [de llegar a las verdades últimas o arquetipos] es innata en la mente de todos los seres humanos».

Música y gimnasia: ambas para el alma. En base al binomio de la Música y la Gimnasia se pueden establecer pautas para una educación equilibrada de la mente, las emociones y el cuerpo (parte racional, irascible y concupiscible según los textos platónicos). Para Platón, la educación es un todo, y debe entenderse como una formación física, emocional y mental, en una síntesis perfecta de ética y estética: «La buena educación es la que da al cuerpo y al alma toda la belleza, toda la perfección de que son capaces».

El objetivo de estas dos disciplinas no es atender y formar, respectivamente, el alma y el cuerpo, sino que una y otra están dirigidas al alma. «Quienes establecieron una educación basada en la música y la gimnasia, no lo hicieron, como creen algunos, con objeto de que una de ellas atendiera al cuerpo y otra al alma (...) Tanto una como otra han sido establecidas con miras principalmente al cuidado del Alma» (La República, libro III).

La gimnasia tiene como objetivo disciplinar la parte concupiscible del alma y mantener el cuerpo sano. La música, por su parte, ennoblece y eleva el elemento irascible, al tiempo que educa a la razón, para que pueda ejercer su benéfico gobierno sobre las otras dos. Las palabras claves son moderación y templanza, que han recogido de los Pitagóricos.

GIMNASIA:

Los aspectos de la gimnasia abarcan:

El deporte.

La alimentación.

La higiene.

El deporte debería aplicarse desde muy temprana edad hasta la vejez. Es actividad o ejercicio físico para conseguir la armonía del cuerpo. No es el deporte competitivo ni el atletismo tal como ahora se entiende.

En cuanto a las dietas, lo ideal es que sean simples y se coma con moderación. Hay un aspecto en que el filósofo ateniense se muestra muy severo: prohíbe la embriaguez, porque considera que no hay nada más vil en un ser humano que perder el control de sí mismo y de sus actos. En el tema de la enfermedad aconseja no darle mucha importancia ni "vida mental" y evitar la exageración en el cuidado del cuerpo. La higiene es interpretada como limpieza, y sobre todo pureza. Debe haber normas de higiene para todos los cuerpos de la personalidad, como parte de una formación saludable, o de una educación completa.

> "¿Cómo es un hombre invencible? Únicamente el que está firme en sus convicciones y no vacila por ninguna de las cosas que dependen de otros; este y únicamente él debe ser admirado como un verdadero atleta. No basta haber sostenido un combate victorioso, es preciso sostener un segundo; no basta resistir la tentación del oro si no se resiste la de la carne; no es suficiente sostenerse a plena luz y cuando las miradas están fijas en nosotros; es preciso hacerlo a solas y en las tinieblas de la noche; hay que resistir a la gloria como a la calumnia y a la miseria, a la lisonja y a la muerte. En una palabra: hay que salir siempre victorioso, hasta en sueños. Este y no otro es el atleta que yo busco." Epícteto ("Sobre el propio perfeccionamiento")

ENGLISH

EDUCATION THROUGH MUSIC AND GYMNASTICS

We are used to educational practice covering a certain number of years in which we study, whether for a profession, technical training, etc. We will refer to another style of education whose meaning is in its same etymology. The word EDUCACION comes from Latin, and is related to the possibility of preparing a person to "take out" (education) internal potentials, through good guidance or driving. Extracting values in a dormant state and moving them into an active state is educating. To educate, to extract, a good guide is needed. Socrates made a play of words with the profession of his mother who was a midwife, with the other possibility of giving birth, not only to the physical body, but to being inner. A good teacher is like a sider that allows the child to come to life and gives him the possibility of further development.

Sport should be applied from an early age to old age. It is activity or physical exercise to achieve the harmony of the body. It is not competitive sport or athletics as it is now understood. As for diets, ideally, they are simple and eat sparingly. There is one aspect in which the Athenian philosopher is very severe: he forbids drunkenness, because he considers that there is nothing viler in a human being than losing control of himself and his actions. On the subject of the disease, he advises not to give it much importance or "mental life" and avoid exaggeration in the care of the body. Hygiene is interpreted as cleanliness, and above all purity. There must be hygiene standards for all personality bodies, as part of healthy training, or a full education.

2 Coubertin's memoirs consist of five volumes (2000e, 751): Souvenirs d'enfance et de jeunesse (Memories of

Childhood and Youth), Mémoires Olympiques (Olympic Memories) – Coubertin's ideas on various aspects of Olympic Games and Olympism, Politique, expérience et propagande nationale (Politics, Experience and National Propaganda) – Coubertin's ideas on political development in Europe and France, La victoire sans tête (Headless Victory) – Coubertin's description of the WWI era and the following period of peace, La symphonie inachevée (The Unfinished Symphony) – Coubertin's ideas about the future of (Olympic) education. The only volume of Coubertin's memoirs that has been finished and published was Mémoires Olympiques, published during his life in 1932. Some of the other volumes remained unfinished and have not been published. (Müller, 2000, 751)

Autores
Authors
Autores

ANA MIRAGAYA
PhD, School of Physical Education Universidade Estácio de Sá Campus Petrópolis - Brasil, Selection Committee Member, Olympic Studies Center, International Olympic Committee, Lausanne, ana.miragaya@estacio.br

BIANCA GAMA PENA
PhD, Gestora de Projetos da Diretoria de Inovação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ - Brasil, Member of the Olympic Studies Research Group – State University of Rio de Janeiro, Gestora do eMuseu do Esporte, biancagamapena@gmail. com

CECILIA R BOLLADA
Profesora y Master, Universidad Nacional de Catamarca
Fundadora y Miembro del Comité Pierre de Coubertin Argentina
San Fernando del Valle de Catamarca, Argentina
sesu57@g,ail.com

CESAR R. TORRES
PhD, The College at Brockport, State University of New York
<crtorres@brockport.edu>

DANIEL G DE LA CUEVA
Profesor y Master, Instituto Superior de Educación Física y Universidad Blas Pascal
Fundador y Presidente del Comité Pierre de Coubertin Argentina
San Fernando del Valle de Catamarca, 4700 Argentina
danieldelacueva@gmail.com

ÉRIC MONNIN
Vicepresidente de la Universidad de Franche-Comté, France
Profesor Asociado (Ph.D - HDR)
Director del Centro de Estudios e Investigaciones Olímpicas Universitarias
eric.monnin@univ-fcomte.fr

FRANCISCO PACO IGLESIAS BUENDÍA
Director de la Escuela del Deporte com Corazón - España
escueladeldeporte7@gmail.com

FRANCISCO JAVIER LÓPEZ FRÍAS
Associate Professor, The Pennsylvania State University
fjl13@psu.edu

GEORGE HIRTHLER
Olympic writer, Atlanta, USA
george@hirthler.com

GUSTAVO PIRES
Prof. Dr., Jubilado, Faculdade Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa
<gustavopires@netcabo.pt>

HÉCTOR HORACIO HENRY
Professor, Presidente do Comitê Pierre de Coubertin-Uruguai
horaciohenry44@gmail.com

HISASHI SANADA
Professor, Chairman -Tsukuba International Academy for Sport Studies
University of Tsukuba, Japan
sanada.hisashi.fw@u.tsukuba.ac.jp

IAN CULPAN
PhD, New Zealand Centre for Olympic Studies, University of Canterbury, New Zealand; Ian.culpan@canterbury.ac.nz

INES NIKOLAUS
PhD, Vice-President of the International Pierre de Coubertin Committee, Delegate for the International Network of Coubertin Schools; ines.nikolaus@web.de

IRENA MARTÍNKOVÁ
Assoc Prof Dr , Faculty of Physical Education and Sport Charles University, Praha, Czech Republic
martinkova@ftvs.cuni.cz

JIM PARRY
Professor Dr., Former Head Philosophy Department, University of Leeds, UK; Faculty of Physical Education and Sport, Charles University Prague, Czech Republic, s.j.parry@leeds.ac.uk

LAMARTINE DACOSTA
PhD, Coordinator of the Olympic Studies Research Group – State University of Rio de Janeiro, Membro do Comitê Brasileiro Pierre Coubertin, dacosta8@terra.com.br

LEONARDO CUNHA
Praia, Cabo Verde - Africa
leonardo.cintra.cunha@gmail.com

LEONARDO JOSÉ MATARUNA-DOS-SANTOS
Associate Professor, Director of the Sport Management Department at the Faculty of Management in the Canadian University of Dubai, UAE. Associate Research at the Centre for Trust Peace and Social Relation in the Coventry University, United Kingdom. Member of the Education Committee - World Anti-Doping Agency; mataruna@gmail.com

MARTA CORREA GOMES

Ms em Educação Física, Diretora DIF-FAETEC, Member of the Olympic Studies Research Group – State University of Rio de Janeiro, Membro do Comitê Brasileiro Pierre Coubertin. marta-correagomes@yahoo.com.br

MARCIO TURINI CONSTANTINO

PhD, Professor Adjunto da UNIABEU Centro Universitário, Member of the Olympic Studies Research Group – State University of Rio de Janeiro, Membro do Comitê Brasileiro Pierre Coubertin, marcioturini@yahoo.com

MARION KEIM

DPhil, LLB, Director, Interdisciplinary Centre for Sports Science and Development, University of the Western Cape; Member IOC Olympic Education Commission; Chairperson Foundation for Sport, Development and Peace; marioncapetown@gmail.com

NELSON TODT

PhD, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Olympic Studies Research Group - GPEO, President of the Brazilian Pierre de Coubertin Committee - CBPC, Board Member of the International Pierre de Coubertin Committee - CIPC, nelson.todt@pucrs.br

STEPHAN WASSONG

Full Professor at the German Sport University Cologne, President International Pierre de Coubertin Committee; wassong@dshs-koeln.de

SUSANNAH STEVENS

PhD, New Zealand Centre for Olympic Studies, University of Canterbury, New Zealand; susannah.stevens@canterbury.ac.nz

This book is an international project from the eMuseum of Sport towards its association with the Brazilian Pierre de Coubertin Committee. For future developments we expect to share with other partners the following objectives: (a) To promote a network of exchange with private and public institutions, from Brazil and abroad, which have functions related to the memory of sport; (b) To publish international eBooks with the memory of main exhibitions from the eMuseum with additional texts from invited authors; (c) To organize international expositions with collaborators from all continents. Be our guests!

Este livro é um projeto internacional do eMuseu do Esporte em associação com o Comitê brasileiro Pierre de Coubertin. Para desenvolvimentos futuros esperamos compartilhar com outros parceiros os seguintes objetivos: (a) Promover uma rede de intercâmbio com instituições privadas e públicas, do Brasil e do exterior, que tenham funções relacionadas à memória do esporte; (b) Publicar eBooks internacionais com a memória das principais exposições do eMuseu com textos adicionais de autores convidados; (c) Organizar exposições internacionais com colaboradores de todos os continentes. Sejam bem vindos!

Prof Dr Bianca Gama Pena

Manager of the eMuseum of Sport

---

eMuseu do Esporte

PATROCÍNIO

enel

Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude

GOVERNO DO ESTADO RIO DE JANEIRO

REALIZAÇÃO

GAMA ASSESSORIA EMPRESARIAL

UERJ UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

ITECS Incubadora Tecnológica e de Empreendimentos Sociais e Cooperativas Sociais

APOIO

COMITÊ BRASILEIRO PIERRE DE COUBERTIN

CIPC COMITÉ INTERNATIONAL PIERRE DE COUBERTIN LAUSANNE-SUISSE

ISBN 978-659934252-3